

Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 53 - Série VII - N.º 606
8 de Agosto de 1985
Preço: 40\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa



No próximo fim-de-semana

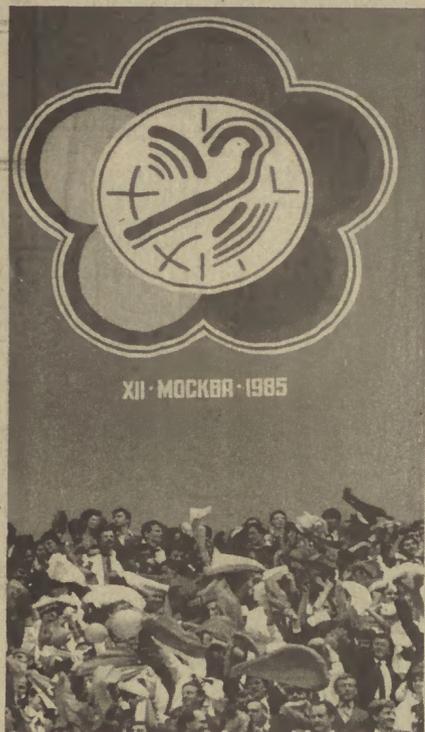
Encontro do PCP sobre problemas da emigração

Com representações de emigrantes e cooperantes comunistas de mais de 20 países, inicia-se no próximo sábado, às 9 e 30, em Almada, na Sociedade Incrível Almadense, o Encontro do PCP sobre problemas da emigração. Os trabalhos — distribuídos por quatro secções e sessões plenárias — concluem no Domingo — Pág. 6/

POVO UNIDO APRESENTA CANDIDATOS



- A APU apresentou as listas de candidatos às eleições legislativas em todos os círculos do Continente e nas Regiões Autónomas da Madeira e Açores.
- O 3.º caderno **Em Foco** do próximo número do «Avante!» será inteiramente dedicado à divulgação integral das listas APU.
- Na pág. 1/ **Semana** deste número, três notas da SIP do PCP sobre questões relacionadas com a preparação das eleições e manobras governamentais.
- Numerosas iniciativas em todo o País põem em andamento a pré-campanha da APU — Pág. 2/ **Semana**.



XII - MOCKBA - 1985

**O Festival
acabou
— a luta
continua!**

Pág. 3/Em Foco

AMIZADE COM OS PAÍSES SOCIALISTAS

A visita efectuada a Moscovo e Sófia pelo camarada Álvaro Cunhal, onde teve encontros com os camaradas Mikhail Gorbatchov, secretário-geral do PCUS, e Thodor Jivkov, primeiro-secretário do PCB, reforçou as fraternas relações e os laços de recíproca solidariedade entre o PCP e aqueles partidos irmãos — Pág. 3/ **Semana**.

TEMPO DE ANTENA DO PCP

SEGUNDA-FEIRA,
12 DE AGOSTO

RTP-1
a seguir ao Telejornal

RDP/Antena Um
cerca das 13 e 15, a seguir ao noticiário



Avante!

ALTO DA AJUDA • 6, 7 E 8 SETEMBRO

Avante!
Director:
António Dias Lourenço
SUPLEMENTO N.º 4
8 de Agosto de 1985
Não pode ser vendido
separadamente



«Apartheid»: o racismo, a exploração e o assassinato

/ Semana

«Apartheid»: um assassino

Editorial

Avante!

Ano 53 — Série VII
N.º 606
8 de Agosto de 1985
1.º Caderno
Não pode ser vendido
separadamente

Aprofundar a derrota do PS e do PSD consolidar a vitória democrática

No momento actual é de decisiva importância aprofundar a derrota das forças que nos últimos dois anos detiveram nas suas mãos as rédeas do Governo e arrastaram o País para uma situação caótica e é de igual modo importante e decisivo consolidar a extraordinária vitória democrática alcançada com o fim do Governo parlamentar PS/PSD.

São exigências que o momento político torna inadiáveis.

A sessenta dias das eleições legislativas antecipadas acumulam-se na situação nacional factores de perturbação e de instabilidade política que é imperioso e possível remover.

É ainda tempo para essa necessária remoção antes que maiores danos sejam causados à democracia e ao País neste período transitório.

Vivemos numa situação nova que abre excepcionais possibilidades de imprimir um novo rumo à política nacional e permite acalentar uma firme esperança no reforço do regime democrático, na solução dos problemas mais agudos do País, numa saída nacional para a crise, no melhoramento das condições de vida do nosso povo, na continuação de Abril.

A falência da política das coligações de direita, formalizadas com ou sem o PS, foi reconfirmada de maneira terminante pelos últimos acontecimentos.

A ruptura da coligação PS/PSD e, no seu lógico desenvolvimento, a decisão institucional do Presidente da República de demitir o Primeiro-Ministro e todo o Governo, dissolver a Assembleia da República e convocar eleições antecipadas foram factos marcantes que travaram na sua expressão mais imediata e perigosa o plano contra-revolucionário calendarizado a curto prazo pelos dois comparsas do Governo.

Os acontecimentos posteriores vieram entretanto demonstrar — tal como o PCP previra e prevenira — que às acertadas decisões institucionais do Presidente da República faltou uma de importância política transcendente: a constituição de um governo de gestão isento, capaz de assegurar neste período necessariamente transitório da vida nacional a administração corrente do Estado e, sobretudo, velar pela rigorosa democraticidade do processo eleitoral que deve culminar com as eleições de 6 de Outubro.

Está hoje sobejamente demonstrado que a manutenção da clique de Mário Soares, do PS e do PSD na gestão do Estado lhes permite continuar na nova situação o regabofe dos últimos dois anos, dar novos passos na sua desastrosa política, manipular ao serviço da contra-revolução e dos seus objectivos eleitoralistas os bens e recursos a que o controlo do aparelho de Estado lhes dá acesso.

As palhaçadas eleitoralistas de Mário Soares e os artificios do PS e do PSD para se darem a imagem de

«partidos de Estado» são provadamente conspicuas manifestações de um profundo ridículo, em si mais prejudiciais que favoráveis aos seus objectivos e créditos, neste momento pelas ruas da amargura.

No mesmo plano não se podem colocar porém o descarado abuso dos poderes de gestão do actual Governo, a manipulação eleitoralista desavergonhada dos órgãos de comunicação social estatizados, em particular da RTP e da RDP, as distorções orçamentais com fins eleitorais, a invasão ilegal de áreas políticas de fundo, que o estatuto de gestão lhes proíbe, e outros atropelos.

A demagogia «leisoarista», alimentada pelos recursos do Estado, começou já numa escalada imparável; os «púlicos» véus da «pureza» e «isenção» em funções públicas das mais responsáveis começam a romper-se; os frágeis diques à corrupção apresentam já, no desespero da largada das pastas ministeriais, brechas impossíveis de colmatar; um clima de compadrios, negociatas e corrupção desenvolve-se à sombra do aparelho de Estado.

Na utilização dos dinheiros públicos os ministros do PS e do PSD disputam à compita as iniciativas eleitoralistas.

O ministro da Agricultura, Álvaro Barreto, um querido de Salazar nos velhos tempos, reedita a farsa dos subsídios aos agricultores que a ex-«AD» largamente praticou nas campanhas eleitorais de 80.

O subsídio do gasóleo que os agricultores exigiram em vão ao longo do ano passado é agora prometido para ser pago durante o mês de Setembro conjuntamente com 50% do correspondente ao 1.º semestre de 1985.

A novo Barreto da Agricultura (o antigo aparece agora na lista do PS na capital da Reforma Agrária!) vai ao ponto de consignar para o mês de Dezembro o pagamento pelo valor restante do subsídio de 1985!

Os actuais «gestores» do Governo procedem como se já tivessem as eleições no papo, como se a partir de Outubro continuassem a dispor dos recursos e do aparelho do Estado...

Entretanto, é sintomático que as Caixas de Crédito Agrícola Mútua tenham denunciado a sua não intervenção implícita nas medidas do Governo no pagamento dos subsídios a 150 000 agricultores cujos interesses «consideram altamente lesados».

Por outro lado, nenhuma medida prática foi tomada para garantir o escoamento da batata e do vinho nas várias regiões do País com graves consequências para os largos milhares de produtores agrícolas.

A baixa de 2 e 3 pontos nas taxas de juro, anunciadas por Soares, há muito reivindicada pelo PCP e outras forças políticas e sociais, embora de carácter eleitoralista, é positiva ainda que manifestamente insuficiente para dinamizar a economia nacional, tendo em conta a política económica global que o Governo continua a prosseguir.

É no momento em que novas desvalorizações do es-

cudo estão no choco — a banca espanhola, nossa «amiguinha» na disputa dos «favores» da CEE, faz neste momento um trabalho de sapa contra o valor da moeda portuguesa — que o Governo anuncia a diminuição das taxas de juro.

No mesmo plano se situam as «garantias» de reposição das reservas de ouro, de que o Governo alienou cerca de 55 toneladas nos dois anos da sua vigência e cujo valor, apesar da ténue subida das cotações nos dois últimos meses, caiu em dois anos à média de 13,49% anuais!

A demagogia dos ministros do PS e do PSD, em particular a de Mário Soares, custará ao País um elevado preço se o Governo actual não for posto na rua e substituído por outro que tenha a confiança dos portugueses e cumpra com isenção e escrúpulo o limite dos poderes de gestão até às eleições legislativas.

A luta pela demissão do Governo de gestão PS/PSD é inseparável da activa preparação das batalhas eleitorais em que vão empenhar-se desde já as forças democráticas e da luta pelo melhoramento das condições sociais dos trabalhadores e das massas populares em geral.

As listas de cada partido e da APU — única coligação a concorrer como tal nas eleições legislativas de 6 de Outubro e autárquicas de Dezembro — permitem desde já tirar-se algumas preliminares conclusões sobre a forma como cada grande força concorrente se prepara para intervir nas eleições.

É instrutiva a comparação.

Nas listas da APU a unidade é a tônica dominante da sua composição em todas as regiões do País.

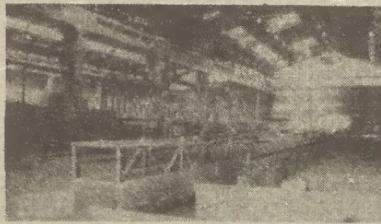
Nomes de projecção nacional nos domínios mais variados do trabalho, da cultura e da actividade social e de ampla projecção regional surgem nas listas Povo Unido, onde, ombreado com o PCP, com o MDP/CDE e o Partido «Os Verdes», numerosos independentes se incluem e se vão com eles submeter ao veredicto popular.

Defrontando a criminosa e quase absoluta silenciagem da comunicação social estatizada — designadamente da RTP e da RDP — a APU trabalha activamente na preparação da sua campanha eleitoral. Um número crescente de cidadãos se viram para o projecto unitário da APU e a ele aderem.

O PCP leva no momento actual a cabo as suas próprias actividades pré-eleitorais, o reforço na votação da APU e, para os comunistas, o alargamento do número de deputados do PCP na futura Assembleia da República, são presentemente objectivos prioritários de todo o nosso trabalho.

Organizar uma campanha de massas, intensificar a propaganda e o esclarecimento das propostas políticas e dos objectivos eleitorais da Aliança Povo Unido é a

Resumo



Lisnave parada

31 Quarta-feira

A APU anuncia programa cultural para a campanha eleitoral no decorrer da qual serão realizados mais de 200 espectáculos em todos os distritos do continente e das Regiões Autónomas ■ Sindicatos dos Pescadores repudiam as propostas legislativas anunciadas pelo Governo para o sector, considerando que implicariam mais desemprego e a destruição de milhares de empreendimentos ■ Os trabalhadores da Lisnave acusam o Governo de prosseguir uma política que constitui «um verdadeiro crime» contra a empresa ■ Um incêndio de grandes proporções deflagra na serra do Caldeirão ■ Trabalhadores da Companhia Nacional de Petroquímica (CNP), em Sines, paralisam em defesa da actualização das tabelas salariais e da definição de carreiras e enquadramentos ■ O regime racista de Pretória anuncia a proibição de funerais públicos nas cidades habitadas por negros ■ A Câmara de Lisboa, em reunião extraordinária, derrota um projecto de Abecasis que previa a instalação de torres no Saldanha ■ Chevardnadze e Shultz encontram-se durante três horas em Helsínquia ■ Reunindo 1200 convidados e 350 jornalistas realiza-se em Havana um fórum para debater a dívida da América Latina ■ Washington ameaça o Peru a propósito da decisão deste país pretender renegociar a sua dívida externa.



Conversações de Genebra

1 Quinta-feira

Em conferência de imprensa realizada em Lisboa, Cavaco e Silva considera justificável a intervenção do Presidente da República para pôr cobro a actuações «graves» do governo ■ Paralisam praticamente os trabalhos de construção da via-rápida Vilar Formoso-Aveiro, devido à greve dos trabalhadores da empresa José Bento Pedrosa e Filhos, que têm os salários em atraso ■ Os trabalhadores da EP «Notícias e Capital» põem a circular um abaixo-assinado repudiando «quaisquer formas de alienação ou venda» das oficinas gráficas de Alcântara, pertencentes à EPNC ■ A ETA-Militar reivindica o assassinio do vice-almirante Escrigas, vítima de uma bomba na passada segunda-feira ■ O «Pravda» faz o balanço das conversações de Genebra e acusa os EUA de pretenderem «instigar a corrida aos armamentos» ■ À chegada a Lisboa, o secretário-geral do PCP, vindo de Moscovo, salienta a «determinação da juventude em defender a paz mundial».

2 Sexta-feira

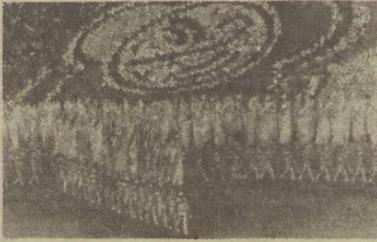
O Tribunal Constitucional decide limitar as actuações ilegais do Governo sobre o Orçamento Geral do Estado ■ Durante a greve dos ferroviários, muitos comboios circulam sem que sejam respeitadas as normas de segurança ■ O Ministério das Finanças anuncia a descida das taxas de juro, em nota divulgada em que se revelam outras medidas de carácter financeiro ■ É assassinada a tiro, à porta de casa, em Joanesburgo, a advogada Victoria Mxenge, cuja actividade anti-apartheid era conhecida ■ Aviação militar israelita lança um ataque contra o território libanês do vale de Bekaa, matando pelo menos 28 pessoas e ferindo um dezena de outras ■ O vice-presidente da Nicarágua, Sergio Ramirez, apela em Havana às nações da América Latina para que considerem o seu país em «estado de urgência» ■ O novo governo peruano decide adiar unilateralmente o pagamento da dívida externa que monta a 3,5 milhões de dólares.



Racismo em emergência

3 Sábado

O Secretariado do Comité Central do PCP reclama a recusa de «agreement» ao novo embaixador dos EUA em Portugal, Frank Shakespeare, classificando as declarações deste perante o Senado americano de «acto de inadmissível ingerência na vida portuguesa» ■ A Comissão Permanente do PS publica comunicado apoiando a RTP e recusando os protestos de Cavaco Silva ■ A comissão Distrital do PSD de Faro desaprova lista de candidatos por aquele círculo às eleições legislativas, no seguimento da relegação para terceiro lugar de José Vitorino ■ O Presidente da República preside em Marvila a sessão solene comemorativa do centenário da colectividade «Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885» ■ A polícia racista da África do Sul anuncia ter efectuado 1400 prisões em apenas duas semanas, desde a instauração do estado de emergência ■ Termina em Moscovo o Festival da Juventude que reuniu na capital soviética milhares de jovens representando 157 países.



Festival da Juventude

4 Domingo

A CGTP-IN divulga em comunicado onde alerta para a decisão do Tribunal

Constitucional que anula as taxas moderadoras no âmbito da saúde tomadas pelos ministros Carlos Macedo e Gonelha ■ As organizações representativas dos trabalhadores da Petrogal acusam o Governo e o conselho de gerência de estarem a destruir a empresa ■ De acordo com dados oficiais divulgados em Lisboa cerca de 200 trabalhadores assalariados ficaram desempregados nos dois últimos anos ■ A comissão de trabalhadores da RTP acusam a gerência desta empresa pública de fugir ao diálogo e à resolução dos problemas ■ Os participantes da Conferência Internacional de Havana concluem que a América Latina deve renunciar ao pagamento da dívida externa ■ Anunciadas em Moscovo novas medidas para melhorar a economia soviética ■ O governo etíope protesta contra manobras militares dos EUA na Somália.

5 Segunda-feira

Em conferência de imprensa, o porta-voz nacional do Partido Renovador Democrático anuncia para breve a divulgação do manifesto eleitoral daquele partido, revelando que o PRD se propõe reestruturar a economia portuguesa ■ O Movimento Ecologista Português - Partido Os Verdes apresenta publicamente, no Jardim da Estrela, em Lisboa, os nove candidatos às eleições legislativas, que concorrem integrados nas listas da APU ■ A imprensa diária revela que o principal responsável da empresa DOPA se terá fixado no Brasil, segundo fonte policial ■ O Congresso da Bolívia elege para a Presidência da República, pela quarta vez o dirigente conservador Paz Estenssoro, derrotando o general Hugo Banzer ■ O Comité Central do MPLA-PT recomenda um controlo mais eficaz na contratação de estrangeiros para trabalhar em Angola.

6 Terça-feira

O Comissão Nacional de Eleições (CNE) apela para que seja «salvaguardada a neutralidade dos órgãos de comunicação social perante as diversas candidaturas e os partidos políticos» ■ Assinalado em Lisboa o 40.º aniversário do bombardeamento de Hiroshima e Nagasaki com uma iniciativa política e cultural que reúne milhares de pessoas, nomeadamente jovens ■ Em resultado de más condições de segurança morre nas Minas do Pejão mais um mineiro - o sexto no corrente ano ■ Trabalhadores sociais-democratas dos CTT exigem a realização de um inquérito parlamentar à actuação do ministro do Equipamento Social e do secretário de Estado das Comunicações relacionado com o processo das centrais digitais ■ O presidente da Cruz Vermelha de Vilar Formoso afirma que os emigrantes são transportados em comboio «como se de animais se tratasse» ■ A JCP considera ilegal o recente aumento dos preços nas cantinas universitárias ■ O embaixador de Angola em Lisboa afirma que as boas relações com o seu país dependem do Governo português ■ Jornalistas de rádio e TV na Grã-Bretanha observam uma greve de um dia como forma de protesto contra a anulação de um programa na BBC, um acto considerado de inadmissível censura ■ A polícia racista sul-africana prende vários membros da família de Nelson Mandela ■ Morre em Georgetown, na sequência de uma intervenção cirúrgica, o presidente da Guiana, Forbes Burnham.

tarefa central dos comunistas na presente conjuntura.

Elaborar as listas de apoio, recolher recursos financeiros para fazer face aos elevados custos da campanha, preparar meios técnicos, mobilizar amigos e simpatizantes para os diversos sectores da actividade eleitoral deve tornar-se a preocupação maior do PCP no momento actual.

Num novo quadro partidário e político se irá desenvolver a acção dos comunistas.

Condições favoráveis para o alargamento da base social e política de apoio à APU e ao PCP estão criadas.

Com dinamismo, espírito criador e trabalho militante os membros do PCP e os seus amigos e mais directos aliados empenhar-se-ão neste importante combate por um novo rumo para a política nacional.

Em contraste com as rivalidades internas, a intriga, a bagunçada, os interesses divergentes no seio de cada um dos partidos inseridos na política de recuperação capitalista e no plano contra-revolucionário, o PCP é um exemplo de coerência, de unidade e coesão, de activismo, de dedicação à causa do povo e do País e do 25 de Abril.

Contra a Aliança Povo Unido as forças da contra-revolução procurarão entender-se. A coligação governamental PS/PSD rompeu-se mas em diversas regiões e locais onde a APU tem força dominante assiste-se a pactos e manobras de entendimento dos partidos da direita, PS incluído, contra os comunistas e os seus aliados.

Os casos já conhecidos de Loures, Vila Franca, Amadora, Vila Real de Santo António, Setúbal e outras localidades são indicativos do esforço divisionista dos inimigos de Abril para desalojar da presidência das Câmaras e Juntas os eleitos da APU.

Também a luta pelas reivindicações mais sentidas dos trabalhadores no plano social — contra o desemprego, contra os salários em atraso, contra os baixos salários, pela melhoria das suas condições de vida — reclama uma redobrada atenção.

A Festa do «Avante!», a realizar dentro de um mês, coloca a todos os camaradas e a todos os amigos do PCP pesadas exigências de activismo, dinamismo e extrema dedicação.

O trabalho e a luta dos comunistas e dos seus amigos e aliados são essenciais para aprofundar a derrota do plano contra-revolucionário, para consolidar a vitória dos trabalhadores e do povo conseguida nos últimos dois meses, para uma nova política e um novo rumo para Portugal.

Duras batalhas nos esperam nos meses imediatos. Com a luta e a mobilização do nosso povo vencê-las-emos.

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS!

O jornal
dos trabalhadores
da democracia
e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista
Português, Rua Soeiro Pereira Gomes -
1699 - Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro
Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX
Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
Av. Santos Dumont, 57-3.º
- 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira,
SARL, Serviços Centrais: Av. Santos
Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa
Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do
Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora:
Alcargova de Baixo, 13 - 7000 Évora
Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro:
Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro
Tel. 24417

Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra
Tel. 28394

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º
- 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 - Venda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL:
Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B
- 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50
Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq.º
- 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e impresso na Heeka
Portuguesa - R. Elias Garcia, 27
Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Trágica média do mês de Julho: 37 650

Manobras eleitoralistas: PCP toma posição

As coligações PS/PSD

1. O anúncio de acordos já firmados ou em negociação entre o PS e o PSD, tendo como objectivo a formação de coligações eleitorais entre aqueles partidos visando inviabilizar e interromper o trabalho honesto e competente desenvolvido pela APU em diversos municípios adquire no momento actual um significado político que excede largamente o mero plano autárquico.

2. Com efeito, tal facto, somado a numerosas outras evidências, vem mais uma vez pôr em destaque que PS e PSD estão unidos e aliados na mesma política e no mesmo projecto que durante os últimos dois anos demonstrou não servir os interesses do povo e do País.

3. As anunciadas coligações eleitorais, orientadas para combater a gestão competente e honesta da APU, são inspiradas pelo grande objectivo de estender a mais municípios a fracassada e desastrosa política que aqueles partidos desenvolveram conjuntamente nos últimos dois anos no governo do País, fazendo regressar a muitos daqueles municípios uma política desastrosa e corrupta.

4. O receio dos futuros resultados eleitorais e do crescente apoio popular à APU é tão grande que mesmo em municípios de maioria PS/PSD, os dois partidos anunciam a intenção de aparecerem coligados para impedir uma vitória da APU. A aliança PS/PSD reconhece desta forma a sua incapacidade de gestão nas autarquias onde é a maioria e revela o especial temor de que uma vitória da APU ponha termo, como é reclamado pelas populações, a uma gestão ruínosa, totalmente enfeudada a interesses e negociações verdadeiramente escandalosos.

5. O PCP encara com tranquilidade o anúncio de coligações PS/PSD para as eleições autárquicas, pois em municípios geridos pela APU confia plenamente que as populações saberão optar pelo trabalho, honestidade e competência demonstrados pela APU, sendo igualmente certo que PS e PSD, no plano nacional e em termos das próximas eleições legislativas, não deixarão de pagar o preço de terem ressuscitado uma coligação completamente desacreditada, o que só por si desmente toda a sua mentirosa propaganda em curso no sentido de fazerem crer que cada um deles é alternativa do outro.

1.8.85

actuações ilegais do Governo

1. O Tribunal Constitucional deu ontem a conhecer o acórdão em que declara inconstitucional, com força obrigatória geral, várias disposições do artigo 17.º do Orçamento do Estado para 1985.

2. O processo, que teve origem num pedido apresentado por deputados do PCP e de todos os outros partidos que não fazem parte do Governo, termina assim com uma significativa derrota para o governo e para os grupos parlamentares do PS e PSD.

De facto, com as alíneas do artigo 17.º declaradas inconstitucionais, o governo PS/PSD atribuía-se poderes de alteração atribuída e ilimitada do Orçamento do Estado, em tais termos que nada valla o que tinha sido aprovado na Assembleia da República, já que o governo podia sempre alterar o que quisesse, quando quisesse e como quisesse.

3. O artigo 17.º do Orçamento votado pelo PS e PSD, representava, dessa forma, mais um exemplo significativo da actuação de um governo que se pautou pela violação grosseira e sistemática da legalidade democrática e das regras de transparência e isenção.

4. A deliberação do Tribunal Constitucional, respondendo a legalidade (embora de forma incompleta e limitada), vem reduzir (mas não eliminar) as possibilidades de manobristo e manipulação orçamental de que o governo vem abusando sistematicamente.

5. Ao mesmo tempo que continua a exigir que o governo de gestão não exorbite, como tem vindo a fazer, as suas limitadas funções de prática dos actos estritamente necessários para assegurar a gestão dos negócios públicos, o PCP alerta para o facto de o governo demitido preparar a utilização de outros meios de manipulação orçamental (os sacos azuis e os créditos internacionais) com fins eleitoralistas, o que mais uma vez demonstra que a sua permanência no Poder não assegura as condições de isenção e democraticidade para a realização do próximo acto eleitoral.

1/8/85

o «realojamento dos habitantes das barracas»

1. O chamado «programa de realojamento dos habitantes das barracas» anunciado pelo Governo na sua reunião de 1 de Agosto não tem qualquer seriedade e não tem nenhuma hipótese de ser executado, constituindo apenas uma operação eleitoralista de mera propaganda de palavras, que demonstra que PS e PSD continuam a usar a sua posição no Poder com finalidades de enorme desonestidade política e em termos que não garantem a necessária isenção que deve presidir à sua actuação no acto eleitoral de 6 de Outubro.

2. De facto, importa sublinhar quatro pontos em relação ao referido programa, tal como parece resultar das notícias postas a circular pelo Governo:

a) não se trata de um programa desenvolvido pelo Estado sob a sua responsabilidade mas tão só da oferta a construtores civis do esquema de subsídios governamentais e camarários para o realizarem, se acharem nisso vantagem, ou seja, se acharem que é lucrativo;

b) não há verbas no Orçamento de Estado para concretizar os subsídios governamentais, pelo que tal programa, se viesse a ser executado, só o poderia ser a partir de 1986;

c) a maior parte das responsabilidades do anunciado programa recai sobre as Câmaras, que teriam de ceder gratuitamente aos construtores civis os terrenos (que têm de comprar!) e teriam ainda de participar nas obras, tudo isto quando o Governo PS/PSD (na esteira dos governos PSD/CDS) têm vindo a limitar todos os anos a capacidade financeira das autarquias;

c) finalmente, para dar lucros aos construtores civis, o programa (se fosse executado) representaria forçosamente graves encargos para os habitantes em rendas ou prestações, matéria que obviamente a propaganda governamental esquece totalmente...

3. O comunicado governamental de 1 de Agosto é neste aspecto mais uma peça da vergonhosa campanha de demagogia com que PS e PSD procuram agora fazer o branqueamento da desastrosa actuação que tiveram no Governo, designadamente em matéria de habitação.

Neste quadro, é bom recordar que, com o Governo do PS e PSD e a sua política:

- agravou-se a carência da habitação;
- diminuiu drasticamente a promoção pública da construção de habitação social;
- foi aprovada a famigerada «lei das rendas» que a não ser revogada — como o PCP defende — se irá traduzir em mais e mais despejos e acrescidas e gravíssimas dificuldades sociais.

4. Esta é que é a realidade da política do PS e PSD em matéria de habitação. E não é a «veneranda» cobertura dada pela RTP às declarações do porta-voz governamental que pode transformar a mentira em verdade.

2.8.85

A SIP do PCP

Fundamental
para as suas férias

Campismo Férias e Turismo

JOAQUIM CAMPINO
Antigo dirigente campista

COLECCÃO DESPORTO
E TEMPOS LIVRES
DIRIGIDA POR JORGE MIGUEZ ARAÚJO

editorial
CAMINHO

A conquista da Galiza

Há campanhas e há campanhas. Falamos, é claro, das eleitorais. Periodicamente, como a Constituição manda, lá vai o eleitor fazer a sua escolha. E, por muito que alguns propagandistas do chamado «Estado de Direito» se arrepelem, a intervenção do povo não se fica por aqui. De vez em quando também exige e reclama novas eleições. Para acertar melhor a sua escolha. Não quer dizer que se não engane, ou melhor, que o não enganem. Mas nem por isso deixa a sua persistente vontade de acertar por Abril o seu caminho, não abandona a sua esperança. Por muito que alguns de arrepelem.

Esperanças, enganos, arrepeles. Falemos disso. Com um verdadeiro pacote eleitoral à porta. Legislativas, autárquicas, presidenciais, as eleições estão na ordem do dia. Há mesmo quem as queira misturar a todas, trocar-lhes a ordem, introduzir a confusão, para que enganos persistam. Arrepelando os cabelos — como a espremer as ideias —, os políticos dos partidos de direita — PS, PSD, CDS — que de alguma forma partilharam ao longo de quase uma década o Poder pretendendo destruir a democracia e recolocar o Estado ao serviço dos monopolistas e latifundiários de ontem e dos imperialistas de sempre, já se lançaram na campanha. À sua moda, é claro. E, se as ideias espremidas não são inteiramente novas, o certo é que o medo de perder à beira das urnas a possibilidade de continuar a sua inacabada obra destrutiva, os leva longe.

O lema, para os partidos da direita, é sempre o mesmo: «Vale tudo», parecem dizer. Mesmo a utilização do Estado, através do Governo onde se mantém, exorbitando as suas funções e servindo-se das alavancas poderosas para propaganda própria; mesmo a importação de estilos com grande injeção de dinheiros e de tecnologias estrangeiras; mesmo a mentira como arma de «persuasão»... A tudo isto, dir-se-á, já estamos habituados. É certo. Mas se a situação hoje não é completamente a mesma, os métodos também variaram um tanto. O empenhamento dos partidos da direita, o desatino das suas acções de propaganda, o descabelado das suas mentiras dão um tom de quase loucura a esta campanha que só agora saiu à rua.

O CDS mostra a sua vontade de, como os outros, enveredar já pelas presidenciais. E a sua pressa é tanta que se engasgou no slogan de Freitas. «Prá Frente Portugal», assim mesmo escrito e sublinhado por uma aterradora música e por uma letra de antigamente. Há quem já chame ao seráfico candidato, o «Professor Freitex», ou apenas o «Pof» Amaral, tão «prafrentex» se mostra.

Do lado do PS, a loucura é a mesma. Mário Soares grita a todos que sim. Escreve-o no ar, a raio laser, num espectáculo impressionante de salóice, servido como arroz doce e pau de canela. Ainda se não abriu a campanha oficial para as legislativas e já algumas centenas de empresários, codimentados com uma pitada de outras «profissões», assinam por Soares. Vale tudo e tudo serve. Até a «conquista da Galiza» — sem a Galiza saber, nem mesmo os portugueses... Com efeito, numa folheca em que o PS reclama uma maioria... para governar (!), o partido de Soares pretende convencer os portugueses que «conseguir» entrar na CEE. E, sentindo-se talvez inchado com o negócio, mostra o mapa de uma Europa amputada onde Portugal aparece cobrindo o território da Galiza e se torna inexplicavelmente maior que a Itália, por exemplo!

Quanto ao PSD, por enquanto muito ocupado em arrumar a casa e as listas, continua na sua estratégia do protesto. O País vai mal e a culpa é do PS, afirma, acusando também o seu parceiro de... manipular a comunicação social.

Adiantando-se a esta acusação já o PS protestara, argumentando o mesmo contra... o PSD! E, enquanto se mordem o Governo tece loas a si próprio. Agora já vai haver ouro, agora já se ia viver melhor, agora a inflação ia mesmo acabar... O medo é tanto que já nem reparam no que dizem e no que fazem: enquanto se mordem publicamente, publicamente estabelecem novas alianças nas autarquias. Demonstrando que, de facto, o inimigo principal da direita é o povo português, são os trabalhadores.

Quanto aos trabalhadores, quanto aos democratas, a serenidade da sua actuação surge como demonstração da sua força real. As iniciativas da APU, a sua qualidade, a largueza do leque dos que nelas participam mostram bem que, contra enganos e arrepeles, cada vez mais gente responde com a esperança.

■ LM

PCP

Convívio e esclarecimento nas festas do PCP

• Comícios com Dias Lourenço e Zita Seabra

As festas habitualmente promovidas pelo PCP neste período estival constituem, para além de um espaço privilegiado onde marcam presença a fraternidade, a alegria e a cultura popular, um local de esclarecimento e acção política. Prosseguindo o êxito de edições anteriores — algumas festas entraram definitivamente no calendário das tradições regionais — muitas dessas realizações promovidas pelas organizações locais e concelhias do Partido proporcionam aos visitantes momentos de agradável convívio e uma excelente oportunidade de ficarem a conhecer melhor as propostas e o trabalho dos comunistas em todas as frentes de intervenção política e social.

Ainda no decorrer da última semana perto de uma dezena de festas animaram a vida em outras tantas localidades com programas onde estiveram contempladas actividades que vão da música ao desporto, das exposições aos colóquios e debates, passando por outras variadíssimas manifestações artísticas e populares.

Ponto alto em todas elas constitui também a realização de comícios — nalguns casos contando com a presença de camaradas da direcção do Partido — no decorrer dos quais foram passados em revista os aspectos essenciais da situação política actual.

«Festa da Terra e do Mar»

Esteve neste caso o comício integrado na «Festa da Terra e do Mar» que a organização de Sines promoveu nesta vila no último fim-de-semana e que contou com a presença da camarada Zita Seabra, da Comissão Política do PCP.

Na ocasião, a dirigente comunista afirmou que a «grande preocupação do PS, do PSD e do CDS é fazer esquecer agora em três meses o que fizeram no Governo e na Assembleia da República nos últimos nove anos. Trata-se de uma falta de vergonha inacreditável mas certamente que se alguém chegasse agora a Portugal vindo de um país longínquo ou de outro planeta não deixaria de perguntar

quem é que, afinal, tem estado no Governo desde há nove anos».

«PS e PSD procuram agora transmitir — adiantou Zita Seabra — duas imagens completamente falsas: uma, é que não tem nada que ver um com o outro e nesse sentido o PS desculpa-se com o PSD e o PSD com o PS; outra, é que propõem políticas diferentes, objectivos diferentes e soluções diferentes. Ora a verdade é que no passado realizaram juntos a mesma política desastrosa; hoje, no essencial, defendem a mesma política e amanhã, se tivessem oportunidade disso, voltariam a realizar juntos a mesma política que conduziu o País ao desastre».

Detendo-se sobre o anúncio recente de coligações eleitorais contra a APU nas eleições autárquicas e em municípios onde o Povo Unido tem desenvolvido um trabalho notável, Zita Seabra sublinhou que «tais coligações mostram bem que PS e PSD continuam unidos em torno dos mesmos objectivos fundamentais e que toda a sua propaganda visa obter votos que depois serão utilizados para novas alianças PS/PSD».

Vale da Amoreira

Intervindo no comício de encerramento da festa promovida pela organização local do PCP no Vale da Amoreira, concelho da Moita, também António Dias Lourenço, membro da Comissão Política do PCP e Director do



«Avante!», abordou circunstanciadamente alguns aspectos da situação política, afirmando a dado passo que «o Governo de Mário Soares exorbita manifestamente as suas funções» e prossegue o «seu primitivo trabalho de inepto Primeiro-Ministro ao serviço de uma política de desastre e destruição».

A este respeito o dirigente comunista perguntaria na ocasião: «Como se pode institucionalmente admitir que Mário Soares proceda como se nenhuma alteração se tivesse produzido no carácter, legitimidade e poderes do Governo? Como se pode permitir que os dois partidos do Governo — em particular o PS e Mário Soares — continuem a decidir sobre questões de fundo e a usar o aparelho de Estado e os dinheiros públicos para a sua campanha e os seus objectivos eleitoralistas para tentarem comprar o voto dos portugueses? Como se pode consentir que os dois partidos do Governo e toda a direita — e em particular o PS e Mário Soares — manipulem escandalosamente a comunicação social estatizada — designadamente a RTP e a RDP para a

sua campanha eleitoral com o mais descarado atropelo do pluralismo democrático a que aqueles órgãos estão obrigados?».

Referindo-se ao facto de aquele comício estar a decorrer num concelho do «martirizado distrito de Setúbal onde a miséria e a fome grassam e a chaga social do desemprego e dos salários em atraso atinge expressões dramáticas», Dias Lourenço acentuou que a responsabilidade por esta situação cabe por inteiro ao PS e ao PSD quer como resultado de uma política económica de recessão e destruição, quer pela sua «total insensibilidade e desinteresse» face a esta dura realidade.

Abordando a perspectiva das próximas eleições legislativas, Dias Lourenço afirmou a concluir que «a falência das coligações de direita — com ou sem PS —, a crescente influência e prestígio do PCP e da APU, as alterações do quadro partidário e a nova relação de forças favorável à democracia que se tem vindo a acentuar ultimamente, garantem a possibilidade e a viabilidade de uma alternativa democrática e de um novo rumo para Portugal».

Festas no distrito de Setúbal

• Ultrapassados os 17 mil contos

A notícia chega-nos directamente da DORS: a campanha de fundos para o novo Centro de Trabalho da Organização Regional de Setúbal ultrapassou esta semana largamente os 17 mil contos.

Claro que para tão magnífico resultado — todas as organizações do distrito estão desde já de parabéns — muito têm contri-

buído as festas e outras iniciativas que nestas últimas semanas têm sido levadas a cabo um pouco por toda a região.

Isto não quer dizer, obviamente, que os resultados embora satisfatórios, dêem para descansar. Essa é, também, a opinião das organizações de Setúbal que têm para este fim-de-semana marcadas nada mais nada me-

nos do que quatro festas, a saber:

Alcácer do Sal, nos dias 9, 10 e 11 — Festa «Vitória de Abril», em Rio de Moinhos;

Grândola, nos dias 10 e 11 — Festa Popular de Melides;

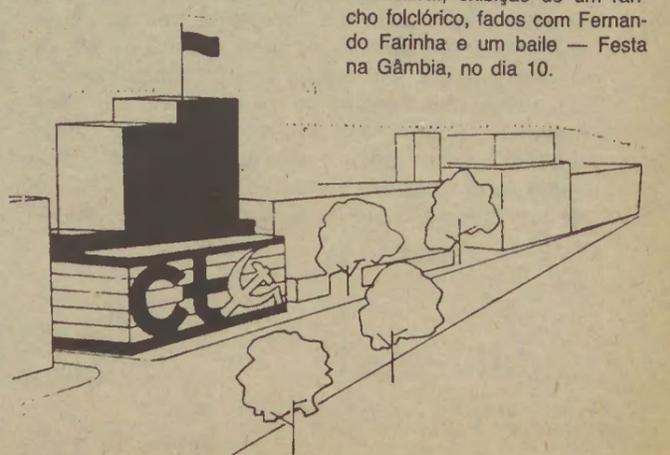
Santiago do Cacém, também nos dias 10 e 11 — Festa do Cercal;

Setúbal, exibição de um rancho folclórico, fados com Fernando Farinha e um baile — Festa na Gâmbia, no dia 10.

Naturais de Coimbra

Realiza-se hoje, no Centro de Trabalho Vitória, com início às 18.00 horas, uma reunião de comunistas naturais da Zona da Serra do Distrito de Coimbra (concelhos de Arganil, Góis, Oliveira do Hospital, Pampilhosa da Serra e Tábua) a viverem na região da Grande Lisboa.

Este Encontro, no qual participarão camaradas responsáveis pelo trabalho no distrito de Coimbra, tem como objectivo preparar alguns aspectos relacionados com as próximas eleições autárquicas.



PCP

Amizade com os países socialistas

Publicamos nesta página os dois comunicados sobre as visitas efectuadas pelo camarada Álvaro Cunhal a Moscovo e a Sófia e a que fizéramos referência no número anterior. O secretário-geral do PCP encontrou-se no capital soviética — onde esteve a convite do CC do PCUS e do Comité Internacional Preparatório do XII Festival da Juventude e dos Estudantes como convidado de honra do Festival — com o camarada Mikhail Gorbatchov, secretário-geral do PCUS; em Sófia, onde se deslocou a convite do CC do Partido Comunista Búlgaro, Álvaro Cunhal avistou-se com o camarada Thodor Jivkov, primeiro-secretário do PCB.

Os dois comunicados dão conta do ambiente fraterno e cordial em que decorreram os dois encontros de acordo com as relações de amizade, cooperação e recíproca solidariedade existentes entre o PCP e aqueles dois partidos irmãos. É, na verdade, de su-

blinhar que, além de uma larga concordância de pontos de vista sobre problemas fundamentais do mundo actual, o reforço das relações entre os comunistas portugueses e o PCUS e o PCB — tal como com outros Partidos — tem vindo a demonstrar a importância do aprofundamento dos laços entre os partidos comunistas e operários na base do internacionalismo proletário. Para os comunistas portugueses mantém-se indissociável a luta pelos objectivos patrióticos de defesa da democracia e dos interesses dos trabalhadores e do povo português com uma prática de cooperação e recíproca solidariedade com os partidos e os povos do campo socialista, com todos os partidos irmãos e movimentos de libertação nacional. O entendimento e aprofundamento dos elementos determinantes do processo de transformação do mundo actual continuam a ser um contributo fundamental para a defesa da Paz e para o progresso da Humanidade.

Encontro com M. Gorbatchov

No dia 27 de Julho teve lugar um encontro entre o secretário-geral do CC do PCUS, M. S. Gorbatchov, e o secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, que se encontra na União Soviética a convite do CC do PCUS.

Durante as conversações, realizadas num ambiente de amizade fraterna e solidariedade características das relações entre o PCUS e o PCP, teve lugar uma troca de informações sobre as actividades dos dois Partidos, assim como em torno de alguns problemas internacionais.

M. S. Gorbatchov informou A. Cunhal acerca das medidas do PCUS tendentes a acelerar o desenvolvimento económico e social da sociedade soviética e a preparação para o XXVII Congresso do Partido. Foi também exposto o amplo programa das actividades efectuadas ultimamente pelo Partido e o Estado Soviético susceptíveis de aperfeiçoar em todos os sentidos o socialismo desenvolvido na URSS.

Examinando as questões internacionais foram abordadas as medidas concretas, tomadas pela União Soviética e pelos países da comunidade socialista com vista à salvaguarda e reforço da paz, à cessação da corrida aos armamentos e a alcançar acordos construtivos e aceites por ambas as partes, nas conversações soviético-americanas e noutras conversações sobre estes problemas.

O secretário-geral do Partido Comunista Português referiu-se ao enorme interesse que têm suscitado em Portugal as medidas do PCUS no campo da política interna e sublinhou que a realização destas medidas aumentará mais a força atractiva das ideias do socialismo.

A. Cunhal manifestou elevado apreço pela dinâmica política externa do PCUS e pelas propostas realistas da União Soviética com o objectivo de refrear a corrida aos armamentos e criar condições favoráveis ao melhoramento da situação internacional.

A. Cunhal informou da situação política e socioeconómica em Portugal, da luta perseverante dos comunistas portugueses em defesa das conquistas da Revolução de Abril de 1974, e do regime democrático pelo desenvolvimento do País no caminho da liberdade, da democracia, da paz e do progresso social.

Lutando pelos objectivos definidos pelo X Congresso do Partido, o PCP fortalece as suas fileiras e a sua ligação com as amplas massas trabalhadoras.

Em nome do CC do PCUS, M. S. Gorbatchov expressou a solidariedade fraterna para com o PCP e desejou êxitos aos comunistas portugueses na luta pelos interesses do seu povo e da sua Pátria.

M. S. Gorbatchov e A. Cunhal expressaram a opinião comum do PCUS e do PCP de que a tensão que continua a existir no mundo é provocada pelas perigosas acções dos círculos imperialistas dos EUA e da NATO, pela intensificação da corrida aos armamentos sobretudo nucleares e pelos planos da administração americana de militarização do cosmos.

Foi sublinhado que hoje mais do que nunca é importante desenvolver a actividade e promo-

ver acções comuns de todas as forças amantes da paz contra as forças do militarismo e da violência, pela defesa da paz e da segurança dos povos.

No decurso das conversações foi reafirmada a prontidão do PCUS e do PCP de contribuir para o desenvolvimento de boas relações entre a URSS e Portugal na base da igualdade e da reciprocidade de vantagens.

A troca de opiniões confirmou a unidade de pontos de vista do PCUS e do PCP em todas as questões examinadas.

Orientando-se pelos provados princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, foi expressa a determinação de continuar a fortalecer a amizade e a cooperação entre os dois Partidos no interesse dos povos da União Soviética e de Portugal, no interesse da causa da paz, da democracia e do socialismo.

Encontro com T. Jivkov

O encontro do camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português, com o camarada Thodor Jivkov, secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, teve lugar no dia 16 de Julho em Sófia.

O camarada Thodor Jivkov deu a conhecer a actividade dos comunistas búlgaros e de todo o povo búlgaro no caminho da realização do XXIII Congresso do Partido, deu a conhecer os problemas e as tarefas colocados pelos plenários do Comité Central do PCB realizados em Fevereiro e Março de 1985. Informou sobre os esforços consequentes da Bulgária para manter e desenvolver as relações de boa vizinhança e a cooperação nos Balkans, pela transformação da região numa zona desnucleariza-

da, pela consolidação da paz e da segurança na Europa e no Mundo.

O camarada Álvaro Cunhal informou sobre a luta dos comunistas, dos trabalhadores e dos democratas portugueses em defesa das conquistas de Abril, do regime democrático e da independência nacional e, em particular, sobre a situação actualmente existente como resultado da demissão do Governo, da dissolução da Assembleia da República e da marcação de eleições antecipadas a realizar no dia 6 de Outubro próximo.

Nas conversações foi dedicada particular atenção à situação internacional que se agravou perigosamente.

Foi sublinhada a particular preocupação que provocam os pla-

nos de Washington de militarização do Espaço, a sua abordagem negativa nas novas negociações de Genebra sobre os mísseis e as armas nucleares, e nos outros encontros relativos ao desarmamento.

Foi expressado o alto apreço dos dois Partidos pelas iniciativas pacíficas e construtivas da URSS e dos outros países da comunidade socialista, bem como a contribuição para a defesa da paz dos movimentos de massas contra a guerra e da luta dos povos por uma política externa pacífica dos respectivos países.

Пролетарии всех стран, соединяйтесь!

Коммунистическая партия Советского Союза

ПРАВДА

Газета основана 5 мая 1912 года
В. И. ЛЕНИНЫМ № 209 (24464) • Воскресенье, 28 июля 1985 года • Цена 4 коп.

Орган Центрального Комитета КПСС

ЗА МИР И ДРУЖБУ НА ПЛАНЕТЕ

Выступление товарища М. С. ГОРБАЧЕВА

Москва, 27 июля 1985 года. В центральной зоне стадиона имени В. И. Ленина во время торжественного открытия XII Всемирного фестиваля молодежи и студентов.

Товарищ Г. Мухоморов и Э. Лавина (ПСС)

Звучат фанфары над Лужниками

Торжественное открытие XII Всемирного фестиваля молодежи и студентов

Москва, 27 июля 1985 года. В торжественной обстановке открылся XII Всемирный фестиваль молодежи и студентов. В торжественной обстановке открылся XII Всемирный фестиваль молодежи и студентов. В торжественной обстановке открылся XII Всемирный фестиваль молодежи и студентов.

ТОЛЬКО ФАКТЫ

И расчет, и смекалка

Вчера в Москве состоялось торжественное открытие XII Всемирного фестиваля молодежи и студентов. В торжественной обстановке открылся XII Всемирный фестиваль молодежи и студентов. В торжественной обстановке открылся XII Всемирный фестиваль молодежи и студентов.

Um acontecimento editorial

45 dias após a realização da Conferência Nacional do PCP sobre «A Via de Desenvolvimento para Vencer a Crise» (realizada em 30 e 31 de Março de 1985) a Editorial «Avante!» publica 2 volumes com 1628 págs.

- 1. Aumento da produção nacional
- 2. Sanamento financeiro do País (Empresa, Estado, Dívida Externa)
- 3. Melhoramento das condições de vida dos trabalhadores e do povo em geral

edições «Avante!»
Cada volume 500\$00

O maior debate sobre economia concreta jamais realizado em Portugal! 70 horas de análise e discussão nos trabalhos das 19 secções, equivalentes a praticamente 9 dias de sessões de 8 horas úteis cada! Agora em livro.

Publicação dos textos da Conferência: a continuação do debate sobre outra forma!

Nacional

Programa Cultural da APU

Programa de intervenção e divulgação culturais, assim foi caracterizado o Programa Cultural que a Aliança Povo Unido divulgou em Lisboa na passada semana, anunciado como integrado na campanha para as próximas eleições legislativas. Vasto, articulado, diversificado, o Programa Cultural da APU não se fica por um conjunto de contribuições artísticas puramente para iniciativas políticas, mas surge com autonomia e relevo próprio. Inserido na campanha, apresentou-se — e será — um forte eixo de defesa, valorização e divulgação da cultura nacional e do trabalho criador dos artistas portugueses.



Tratando-se de uma iniciativa nova e diferente integrada numa campanha política, o programa, entretanto, surge naturalmente do desenvolvimento de numerosas experiências anteriores e,

como foi sublinhado, em coerência com a atenção sempre dada pela APU e pelos partidos que a compõem às iniciativas e à criação culturais.

A Aliança Povo Unido, com

esta iniciativa central e de âmbito nacional, considera justo, oportuno e adequado promover, num período de grande sensibilidade pública para as questões sociais e políticas, um vasto e valioso movimento de iniciativas de divulgação de múltiplas expressões artísticas e variadas opções estéticas.

Mais de 200 espectáculos

Este programa cultural da campanha da APU abrangerá designadamente as áreas da música popular portuguesa, da música clássica, do jazz, do cinema, do bailado, das artes plásticas, do teatro (incluindo o teatro de revista). Envolverá a realização de mais de 200 espectáculos em todos os distritos do continente e nas Regiões Autónomas, sem excepção.

De sublinhar ainda que, como é habitual, além deste programa cultural central, a campanha eleitoral da APU integrará, nas iniciativas promovidas pelas estruturas regionais e locais dos partidos da APU e pelas comissões APU, numerosas realizações com a participação de artistas e grupos regionais e locais.

O calendário desenvolvido e a planificação do programa cultural da campanha APU (que se encontra muito adiantado no tocante a espectáculos de música popular portuguesa) será oportunamente divulgado bem como os programas específicos no domínio da música clássica, do bailado, das exposições, do teatro e do cinema.



Uma lista provisória dos participantes no Programa Cultural da APU foi entretanto revelada. A todos os artistas que já deram a sua adesão a este programa, a Aliança Povo Unido expressou o seu reconhecimento pela participação numa iniciativa que, pela grande dignidade, profissionalismo e qualidade de que se reveste e pela integração num quadro preciso de divulgação e afirmação dos valores culturais nacionais, não pode encontrar lugar mais cer-

to para se desenvolver do que no contexto de uma intervenção política e eleitoral que visa alcançar, pela força da vontade e do voto popular, um novo rumo para Portugal.

Aqui vão os nomes já anunciados publicamente dos artistas e agrupamentos que participam no programa Cultural da campanha eleitoral da APU: «Aguarela», «Bando do Bêco», «Brigada Victor Jara», Carlos Mendes, Carlos do Carmo, Carlos Alberto Moniz, Carlos

Paredes, Fernando Farinha, Fernando Tordo, Filipe Gomes dos Santos, Francisco Ceia, «GNR», Helena Isabel, Io Apoloni, Janita Salomé, José Barata Moura, José Jorge Letria, José Viana, Júlio Pereira, Manuel Freire, Maria Guinot, Nuno Gomes dos Santos, Paulo de Carvalho, Pedro Barroso, Quinteto Maria João, Rão Kyao, Samuel, Sérgio Godinho, Sexteto Shis, Sexteto de Jazz de Lisboa, Teresa Paula Brito, Vitorino de Almeida.

A APU tem música!

Também na passada semana foi anunciado à imprensa que vai haver um tema musical para a intervenção sonora da APU. Música de raiz popular, é claro. Eis o que foi divulgado à imprensa:

No quadro da preparação da sua campanha para as próximas eleições legislativas, a APU estudou a criação de um tema musical a ser utilizado no conjunto de intervenções sonoras da campanha, nomeadamente tempos de antena de Televisão e Rádio, acções públicas, etc...

Tratando-se de um elemento musical a que a dimensão e dinamismo da campanha APU darão uma natural divulgação, considerou-se que a sua definição deveria ser pautada pelas ideias que levaram à organização do Programa Cultural que hoje se divulga.

Tratou-se assim no sentido de que, também aqui, estivessem presentes os vectores essenciais daquele Programa: a

defesa e divulgação do património cultural do povo português e do trabalho criador dos artistas portugueses, um elevado nível estético, profissional e técnico.

Tendo em conta o esforço de há muito iniciado e hoje prosseguido de recuperação do folclore musical do País, optou-se, numa primeira fase, pela busca da bibliografia e discografia existentes de um tema genuinamente popu-

sectores do público, a particular identificação com ela da juventude a nível da vitalidade criadora dos artistas portugueses e da sua efectiva e progressista ligação ao povo, um acto de afirmação da identidade nacional, uma intervenção de resistência contra o colonialismo cultural no campo da música.

Antes ainda da gravação, sendo já claro, por um lado, que este trabalho constituiria — como profundamente desejávamos — uma peça cujo valor excede a sua efémera divulgação durante o período eleitoral e considerando, por outro, que a ri-

Afronta e cumplicidade

— embaixador dos EUA «encoraja» governo demitido

1. Alguns órgãos de informação referem-se, nas suas edições de hoje, a declarações de excepcional gravidade proferidas perante a Comissão de Relações Exteriores do Senado norte-americano por Frank Shakespeare, designado pela administração Reagan para novo embaixador dos Estados Unidos da América em Portugal.

2. Segundo as citadas notícias, aquele funcionário da administração norte-americana ter-se-ia permitido, entre outros aspectos, qualificar como «problemas» de Portugal a expressão eleitoral do PCP (sobre cuja orientação fez comentários provocatórios), o sistema eleitoral de representação proporcional e a dimensão do sector público da economia portuguesa. Quanto a este último aspecto, teria ido ao ponto de manifestar por palavras inequívocas o propósito de «encorajar» os governantes portugueses a modificar essa situação e de «fazer declarações segundo essa linha», quando em Portugal.

3. Trata-se, em síntese, não apenas de declarações que, em si mesmas, são já um acto de inadmissível ingerência na vida portuguesa, mas também do descarado anúncio de um vasto programa de ulterior ingerência que se propõe realizar no exercício das suas funções diplomáticas em Portugal.

4. Salvo qualquer súbita inspiração de demagogia eleitoralista, de um Governo PS/PSD, dirigido por Mário Soares, só há que esperar uma atitude de completa tolerância e cumplicidade perante esta afronta à dignidade nacional, em coerência lógica com a política de humilhante submissão aos ditames e interesses da administração Reagan que caracterizaram, ao longo de dois anos, a política externa do Governo PS/PSD.

5. Considerando a extrema gravidade das declarações do indicado novo embaixador dos Estados Unidos em Portugal; considerando que a dignidade, a soberania e a independência nacionais não podem admitir tão brutais ingerências na política interna portuguesa — o Partido Comunista Português, certo de traduzir os sentimentos de todos os verdadeiros patriotas, ergue o seu vigoroso protesto ante o Governo norte-americano e reclama que o governo português recuse o «agreement» ao indicado novo embaixador dos Estados Unidos em Portugal, Frank Shakespeare.

3.8.85

O Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português

166. CARVALHESA

K. Schindler
Trio/Vinhos, Bragança
1912

Allegro con brio
Trio/Vinhos, Bragança

lar passível de elaboração e tratamento. O valioso trabalho realizado por Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça constituiu naturalmente a base dessa procura, tendo-se optado pelo tema «Carvalhesa» incluído na obra «Cancioneiro Popular Português» de Michel Giacometti editado pelo Círculo de Leitores em 1981 (tema n.º 166).

Nesta opção estava já presente, como é natural, que a elaboração sobre o tema se enquadrasse na linha de tratamento da música tradicional que constitui já um apaixonante realidade da cultura portuguesa actual. Julgamos pacífico afirmar que o surgimento e desenvolvimento do que em geral se designa por Música Popular Portuguesa, a sua aceitação em praticamente todos os

queza e dignidade de todo o projecto e sua concretização justificava uma fixação e tratamento documental, a APU decidiu a gravação do tema em maxi-single de cujo lado B constará a gravação original da versão do tema «Carvalhesa» recolhida nos Arquivos Sonoros Portugueses por Michel Giacometti que para o efeito deu a sua concordância e apoio.

A capa do disco, da autoria do pintor Manuel Sampaio, incluirá um folheto com elementos documentais sobre o tema original e este seu tratamento.

Prevê-se que os trabalhos de corte e prensagem do disco bem como de impressão e acabamento da capa estejam concluídos ainda durante o mês de Agosto.

Trabalhadores

Quase 20 mil alunos sem matrículas confirmadas só na zona de Lisboa

As condições de abertura do próximo ano lectivo preocupam sobremaneira os sindicatos dos professores e a Federação Nacional. Para o sindicato do Norte (SPN) «o panorama infelizmente continua desolador». Na região «não se vislumbra sinais de mudança». Por exemplo, no distrito de Braga, «as matrículas no ensino primário diminuíram nos últimos cinco anos 6,7 por cento»; para uma população de oitocentos mil habitantes «existem no distrito uns cento e quinze jardins de infância». Mas a situação ainda é pior nos grandes centros. Em Setúbal, em fins de Agosto, cinco mil alunos não sabem qual será a sua escola; com a mesma preocupação vivem as famílias de nove mil alunos só na zona de Sintra; novecentos na zona de Loures-Odivelas; mil e quinhentos em Lisboa; dois mil em São João do Estoril; seiscentos no Cartaxo; duzentos e quarenta no Barreiro. É geral o movimento de protesto veiculado pelas associações sindicais representativas dos vários graus de ensino. O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa pergunta «onde irá o Ministério da Educação colocar **dezanove mil e quatrocentos jovens sem matrícula confirmada**» nesta zona.

A programação improvisada nos anos anteriores, «a incompetência e a arrogância, numa aliança íntima com a gestão ruinosa dos dinheiros públicos» são novamente criticadas pelo SPGL. Sublinha o Sindicato que a actual equipa do Ministério da Educação faz prever novas improvisações e os perigos que as acompanham.

O SPGL recorda à opinião pública os lamentáveis e mesmo trágicos acontecimentos das **Escolas do Cartaxo e de Telheiras**, e anuncia que «não aceitará que as escolas sejam forçadas a declarar aberto o ano lectivo sem que estejam garantidas condições de segurança e de funcionamento **estabelecidas pelos professores**».

Segundo o SPGL é o próprio Ministério que, «surpreendido pelo excessivo número de alunos que todos os anos procuram matricular-se», declara, certamente para evitar surpresas, que «não soube planificar, em tempo oportuno, a abertura do próximo ano lectivo».

O Sindicato acrescenta que «há largos anos se marcha progressivamente para um sistema educativo agora em ruptura».

Contra as reduções curriculares

O SPGL manifesta-se contrário às «reduções curriculares» para «economizar» salas de

aula. Segundo o Sindicato da Grande Lisboa «é forçoso que o Ministério concretize a anunciada instalação de pré-fabricados ligeiros, em espaços não lectivos». Para isso dispõe o ME de setecentos mil contos. Embora considere essa solução «um recurso», o SPGL adianta que é a única possível. As reduções curriculares facilitariam apenas «mais condições para aumentar o já elevado insucesso escolar».

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa «exige que o ME adopte soluções imediatas que possibilitem a confirmação da matrícula dos alunos, perto das suas áreas de residência».

Escolas com água inquinada

O secretariado distrital de Braga do Sindicato dos Professores do Norte sublinha que «um grande número de escolas do distrito têm água inquinada» e refere expressamente o caso de Espoende «onde em 25 escolas, 16 têm água imprópria para consumo».

A secção de Braga do SPN refere ainda a «redução drástica, ou a ausência total, de verbas necessárias» no que respeita ao subsídio para livros; «o excesso de alunos por turma», com graves reflexos no aproveitamento e no «abandono escolar» (a «taxa de insucesso» ronda, segundo o secretariado, «no fim da primeira fase os 47 por cento e na segunda fase os 32 por cento»).

O secretariado de Braga pro-

testa ainda contra «a colocação tardia de professores»; as escolas superlotadas (indica «a Preparatória de Caldas das Taipas, Francisco Sanches, Barcelos, e Secundária Francisco de Holanda, Arcozelo, e outras»); as «escolas subaproveitadas (caso de Tadmim)»; as «instalações degradadas (Preparatória de Francisco Sanches, anexo da Secundária D. Maria II, Secundária Sá de Miranda, etc.)» e a «falta de funcionários auxiliares».

Segundo a secção sindical, «a taxa de analfabetismo no distrito de Braga é de cerca de 21 por cento» da população.

Escolas fundidas

Entretanto, o Ministério criava no «Diário da República» doze novas escolas preparatórias e sete secundárias. O SPGL adverte os mais desprevenidos que «muitas das escolas 'criadas' resultam da extinção de outras» e que «no seguimento de tal ac-



tuação, mas adoptando critério totalmente oposto, o Ministério de João Pinheiro, em «Diário da República» de 23 de Agosto, funde escolas preparatórias e secundárias, 'criando' novas escolas».

Especifica o SPGL, em comunicado do dia 29, que «sentindo-se incapaz de dar cumpri-

mento às promessas feitas pelo secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário em 30 de Maio findo (abertura de 40 novas escolas) o Ministério da Educação cria por portaria escolas que de facto já o eram e que em nada vêm aumentar o parque escolar já existente».

LUTAS E TAREFAS

• **Noventa por cento foi o índice de adesão indicado pelas organizações representativas (ORT's) da Equimetal na greve de uma hora por período de trabalho, dia 29, no Barreiro.** A greve, que se prolongou por quinta e sexta-feira da semana passada, tinha por reivindicação principal o pagamento dos salários em atraso. Pelo mesmo motivo, e em defesa da empresa, pararam durante três dias os trabalhadores das unidades da Serra da Estrela e do Porto da empresa turística **Torralt**. Para o dia 1, quinta-feira, anunciaram uma paralisação de 24 horas os trabalhadores da **J. Bento Pedroso & Filhos** (construtor civil de Trajouce, em Cascais). A empresa tem perto de 750 postos de trabalho. Pagamentos em atraso são também neste caso a reivindicação principal. Eram entretanto anunciadas greves na CP (sábado passado) e nos CTT, dia 16. Como sucede na **Lisnave**, estas lutas têm-se agudizado neste período do Governo dito de gestão.

• **Solidariedade total para com a luta da Lisnave.** O conselho distrital da União dos Sindicatos do Distrito de Santarém é um dos organismos sindicais representativos que manifesta publicamente a sua solidariedade para com os trabalhadores da Lisnave na luta pelo pagamento dos salários, pela defesa dos postos de trabalho, pela viabilização da empresa e pela reposição da legalidade sabotada pela administração Melo e pelo Ministério soarista/Governo de gestão. Posições de solidariedade militante tomaram também ultimamente para com a Lisnave as organizações representativas dos trabalhadores da Siderurgia Nacional, o Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços de Lisboa e a Federação nacional do mesmo ramo (FEPCES). Entre as dezenas de manifestações de apoio à solução dos principais problemas da Lisnave, saliente-se as das associações sindicais representativas dos metalúrgicos, designadamente a do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Barreiro (STIMMS).

• **Vinte mil pescadores estão ameaçados de desemprego.** Afirma a comissão

executiva da Federação dos Sindicatos do Sector da Pesca que os 12 projectos do Governo de gestão, para alegadamente reestruturar a pesca, são uma ameaça muito séria aos postos de trabalho, num sector onde a pesca artesanal contribui com cerca de 23 por cento para o total do peixe desembarcado no nosso país. Reivindicando como «necessidade urgente» a publicação do regime jurídico do contrato individual a bordo das embarcações pesqueiras, a Federação sublinha que a frota artesanal portuguesa tem dez mil barcos e, num total de 46 mil, emprega 33 mil pescadores. A Federação das pescas considera a «reconversão» um «eufemismo», naturalmente destinado a encobrir os despedimentos. O Governo não tem capacidade legal para proceder a alterações do volume previsto nos doze projectos do «pacote».

• **Após greve com adesão em massa no sector dos mármoreis, o patronato passou a sua proposta inicial de aumentos salariais de 16,5 para mais de 21 por cento.** Segundo a Federação Nacional dos Sindicatos da Construção, Mármoreis e Madeiras, «a grande jornada de luta do passado dia 24» contribuiu de «forma decisiva» para a nova tabela salarial, que entrou em vigor no passado dia 1. A Federação considera «uma grandiosa vitória dos trabalhadores dos mármoreis a revisão do CCTV, que inclui 14 grupos, variando entre 12 500 e 42 500 escudos de mínimos mensais».

• **No passado dia 1, os trabalhadores da Simões & C. marcavam para as 8 e 30 um plenário.** Com 14 meses de salários em atraso, sendo o total da dívida patronal superior a 120 mil contos, os perto de 300 trabalhadores daquela empresa têxtil de Benfica, em pleno centro de Lisboa, deverão promover acções destinadas a cobrar pelo menos a dívida salarial, já que a empresa foi vendida em hasta pública por 160 mil contos, quando o seu valor, segundo o Sindicato dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul, atinge perto de um milhão e 700 mil contos. A empresa foi adquirida por um construtor.

Legislação do Governo abala sector das pescas

- **26 mil despedimentos**
- **destruição de empreendimentos**
- **quebra no abastecimento**

As propostas legislativas relativas ao sector das pescas recentemente anunciadas pelo Governo com o alegado objectivo de o adequar às novas condições decorrentes da adesão ao Mercado Comum mereceram viva contestação da Federação dos Sindicatos do Sector das Pescas.

No entender desta organização os projectos de legislação apresentados pelo secretário de Estado das Pescas doze dias depois do Governo ter sido demitido carecem de qualquer legitimidade para além de não terem nenhuma base técnica ou científica.

De acordo com a Federação este «pacote» legislativo do Exe-

cutivo poderá lançar no desemprego mais de vinte mil trabalhadores, situação calamitosa a que juntará a «destruição de milhares de empreendimentos, uma quebra no abastecimento do mercado e um aumento do preço do peixe».

Os projectos de reconversão da pesca artesanal defendidos pelo Governo foram igualmente criticados por aquela organização sindical que acusa o Executivo de ignorar que a pesca artesanal contribui com cerca de 23 por cento para o total do peixe desembarcado. Refira-se que a frota respectiva é constituída por dez mil barcos, os quais empregam 33 mil dos 46 mil pesca-

dores portugueses.

Na conferência de imprensa onde deram conta destas posições os representantes da Federação defenderam ainda a necessidade de serem tomadas medidas efectivas que, levando em conta a realidade do sector, promovam o «desenvolvimento de uma política de apoio à produção nacional, independentemente do subsector considerado; a ocupação da nossa zona económica exclusiva (ZEE); o desenvolvimento da investigação operacional; o apoio à organização do pequeno armamento artesanal e o aproveitamento das estruturas públicas existentes no sector».

Poder Local

Duas juntas, um contraponto

Se as Câmaras APU do distrito de Santarém são uma referência quanto ao trabalho autárquico, as freguesias do Concelho de Santarém serão o contraponto a uma gestão demagógica e incompetente. Uma breve visita às duas — Póvoa da Isenta e S. Vicente do Paul — permitiu-nos encontrar as referências necessárias à comparação, tendo em conta o que sobre o concelho já publicámos na semana passada.

José Ribeiro Valbom, funcionário público, é o presidente da Junta de Freguesia de Póvoa da Isenta desde 1979. Nesse ano, a APU arrebatou esta autarquia ao PS, alcançando a maioria relativa e reforçando-a para absoluta em 1982. Sendo uma freguesia rural com 1035 eleitores e cerca de 1500 habitantes, a Póvoa da Isenta é uma freguesia com algumas histórias. Uma, ilustrativa quer do dinamismo da APU quer dos boicotes da Câmara, é contada com particular ênfase pelo presidente da Junta.

A Póvoa teve uma grande falta de água em 1981/82, chegando a haver necessidade de os bombeiros cá virem abastecer as populações. A Junta pediu à Câmara que resolvesse o problema, mas esta «decidiu»

que abrir um furo «era inviável». Como estávamos com a corda na garganta, metemos nós mesmos mãos à obra. Assim, a Junta contactou empresas de furos, até que conseguimos obter água de um furo aberto próximo do depósito, debitando 10 000 l/hora. Custou-nos 800 contos.

Nessa altura, a Câmara já achou o furo «vlável», aproveitando a sua água para testar a rede existente e... começar a cobrar a água, enquanto se recusava a pagar-nos o furo. Para arranjarmos dinheiro para ele tivemos de juntar os dinheirinhos todos, tanto da Junta como do resultado das Festas, metendo-se ainda uma letra no banco. Ficou tudo saldado em 11 de Julho de 1982.

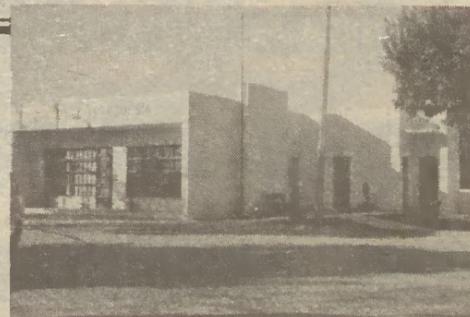
Entretanto, a Câmara começou a usar a água para abastecer também Vale de Santarém e Lugar da Atalaia, cobrando em todos os lados — inclusive na Isenta — através dos respectivos contadores que mandara colocar. Resistiu mesmo à colocação de 16 torneiras públicas na Isenta, mas acabaria por ceder, após insistência da Junta, que deu voz à população.

Finalmente, passado cerca de um ano de se ter começado a servir do furo, a Câmara lá o pagou (embora tivesse arranjado dinheiro para ele logo no primeiro mês de cobrança...).

Claro que se fizeram muitas outras coisas na Póvoa da Isenta. Como sempre acontece em qualquer autarquia APU, o trabalho avançou e avança metodicamente, segundo um plano de actividades e respondendo harmoniosamente às necessidades das populações nos vários domínios. Só alguns exemplos: alcatroaram-se acessos, compraram-se terrenos para o alargamento do cemitério, dotou-se o parque desportivo com novas insta-



Esta casa de convívio foi a única obra encetada à pressa em cima das eleições, pela gestão PS da JF de S. Vicente do Paul; foi a APU que a teve de acabar e dar condições mínimas de funcionamento.



Sede da Junta de Freguesia de S. Vicente do Paul: uma obra da Junta APU e das populações.

lações, fizeram-se obras de restauro e alargamento do Centro Social, construiu-se um parque infantil no recinto da escola (ajuda da AECOD), subsidiou-se a colectividade e o rancho existentes, numeraram-se todas as casas, abriram-se estradas, alargou-se a recolha do lixo, contratou-se um funcionário a tempo inteiro para a limpeza de valetas, etc., etc.

Não admira que, após uma primeira gestão PS inoperante, a população houvesse reforçado a posição da APU dando-lhe, em 1982, a maioria absoluta.

Ao contrário dos «sacos de promessas»

Se a água é um pouco a história da luta autárquica em Póvoa da Isenta, a construção de uma nova sede para a Junta tem também um particular significado para a maioria APU de S. Vicente do Paul, como nos referiram o presidente da Junta, João Ventura, fotógrafo, e o secretário, Joaquim Caetano, comer-

ciante.

O arranque da obra — disseram-nos — fez-se com lucros de festas populares realizadas na freguesia e posteriormente (já estava tudo de pé) o MAL deu um subsídio de 1500 contos. O trabalho voluntário teve também um papel importante. Aguarda-se agora que a Câmara dê o que lhe compete (já lá tem, aliás, toda a documentação necessária).

Nos tempos do PS as pessoas tinham de andar atrás da Junta para conseguir a assinatura de um documento, o que quer dizer que tinham de andar atrás do presidente e dos outros membros. A «sede» que havia não passava de um cubículo que hoje serve de arrecadação e, antes, não servia para nada porque ninguém lá punha os pés, a começar pelos membros da Junta.

Agora as pessoas vão à sede e têm os documentos quando necessitam — esclareceu João Ventura. — Mas há mais coisas: acabámos a casa de convívio que a Junta PS

iniciou à pressa e em cima das eleições (foi a única vez que se «mexeu»), inaugurámos a nova sede em Maio deste ano, ampliamos o cemitério, alcatroámos a rua de acesso e respectivo largo e ainda mais três estradas, apoiamos todas as estruturas populares da freguesia e a educação de adultos, que funciona nesta mesma sala de reuniões (várias pessoas já cá fizeram a 4.ª classe), organizámos o registo dos covais do cemitério (antes era uma anarquia) apoiamos as escolas com limpezas, abastecimento de água, pinturas, etc., tem-se colocado aparelhos para os miúdos brincarem, abriram-se dezenas de ramais de esgotos pluviais, e por aí fora.

E por aí fora. A tal ponto que a Junta APU de S. Vicente do Paul já tem o seu programa também praticamente cumprido. Ao contrário dos «sacos de promessas» que a Câmara PS usa como «programa» de três em três anos...

Trabalhadores

Cresce repúdio pela lei da Segurança Social

• Agrícolas de Évora tomam posição

O decreto-lei do Governo PS/PSD relativo ao aumento das contribuições dos trabalhadores rurais para a Segurança Social — iniciativa governamental tomada em Maio último, altura em que já se adensavam os sintomas da sua agonia — continua a suscitar a mais viva contestação por parte dos trabalhadores atingidos e das suas estruturas representativas.

Juntando-se ao movimento de repúdio que se generalizou por todo o País, ainda recentemente o Sindicato Agrícola de Évora to-

mou posição sobre o assunto considerando que esta medida do Executivo constitui uma grave discriminação e uma flagrante injustiça que tem por fim afastar os trabalhadores da Segurança Social, levando-os deste modo à perda das suas regalias.

Recorde-se que este diploma eleva para 908\$00 a contribuição do trabalhador para a Previdência (quantia seis vezes superior à anterior) sem que, em contrapartida, haja quaisquer acréscimos nos direitos e regalias dos beneficiários.

Conforme lembra o Sindicato de Évora os trabalhadores passam a pagar quase mil escudos mas os seus direitos continuam exactamente na mesma, isto é, continuam a não ter direito ao complemento de cônjuge a cargo, não têm direito a prestar assistência aos filhos doentes, enquanto os subsídios de doença e maternidade continuam com os valores fixos de 100\$00 e 120\$00, iguais aos estabelecidos em 1980.

Mas a gravidade deste diploma resulta ainda do facto de ser um convite a que os trabalhadores deixem de efectuar o desconto — o patronato tem estimulado esta prática na medida em que também ele viu aumentado o valor do desconto referente ao salário pago — o que se traduziria automaticamente na perda de direitos adquiridos como o subsídio por doença, de casamento, nascimento de filhos e outros, os abonos de família e as reformas de invalidez ou velhice.

Depois de denunciar o comportamento dos divisionistas da UGT nesta matéria, os quais se revelaram uma vez mais como fiéis serviços do patronato e do Governo PS/PSD, o Sindicato Agrícola de Évora exige por último a suspensão de todos os processos que visem «reprimir ou liquidar direitos aos trabalhadores» e um comportamento isento do Governo que «respeite as conquistas de Abril e a democraticidade das eleições antecipadas».

PCP

II Assembleia de Montemor-o-Novo reforça organização

Sob o lema «Fortalecer o Partido, defender a Reforma Agrária, Prosseguir Abril» realizou-se no passado dia 28 a II Assembleia Concelhia de Montemor-o-Novo na qual participaram 345 delegados e perto de três centenas de convidados. Assistiram ainda diversos representantes de estruturas unitárias do concelho e do distrito e o camarada José Casanova, membro da Comissão Política do CC do PCP.

As dezenas de delegados que subiram à tribuna da Assembleia puderam ao longo das suas intervenções prestar contas do tra-

balho desenvolvido pelas suas organizações, tendo ainda apresentado propostas para o desenvolvimento económico e social do concelho.

No decorrer dos trabalhos, para além do apuramento das deficiências e dificuldades existentes no concelho, verificou-se pelas alocações proferidas um grande conhecimento por parte dos organismos locais do Partido dos problemas dos trabalhadores e das populações e das medidas necessárias para os resolver.

A resolução política apresentada pela Comissão Concelhia

cessante mereceu a aprovação unânime dos delegados, unanimidade que se repetiu quando se tratou de eleger a nova Comissão Concelhia que conta com 38 camaradas, dos quais sete são mulheres com uma média de idades que ronda os 37 anos.

No final dos trabalhos interveio o camarada José Casanova que salientou a necessidade do fortalecimento da estrutura orgânica do Partido, condição necessária para melhor enfrentar as batalhas eleitorais que se aproximam.

Coimbra intensifica esclarecimento

■ Inaugurado CT em Cantanhede

«APU Corre à Belra Mar», assim se chama a acção de esclarecimento que os comunistas de Coimbra promoveram no passado dia 4, a qual permitiu levar a voz e as propostas do PCP a diversas localidades da região, nomeadamente às praias da Figueira da Foz, a Buarcos, Tocha e Mira.

No âmbito desta jornada, procedeu-se igualmente à inauguração do novo Centro de Trabalho em Cantanhede, onze anos depois da destruição do antigo edifício levada a cabo pelas forças reacionárias. A nova Casa do Partido assume especial significado e culmina a longa luta dos comunistas do concelho em defesa da legalidade democrática.

No decorrer da jornada estiveram presentes dezenas de activistas do Partido e ainda os candidatos do PCP para a Assembleia da República, os quais desenvolveram um intenso trabalho de informação que cobriu todo o norte da região litoral do distrito.

Entretanto, a APU entregou no Tribunal da Comarca de Coimbra, no passado dia 5, a sua lista de candidatos à AR, tendo nesse mesmo dia realizado uma conferência de imprensa onde tornou pública a sua composição.

Para o próximo fim-de-semana estão já programadas iniciativas de propaganda nas praias da Figueira da Foz e nas feiras e mercados da região.

ESTRUTURA REPRESENTATIVA DOS TRABALHADORES/CT

COMISSÃO DE TRABALHADORES

44 - PESQUEIRO VALMOR, 20 - 51. 011 - 1000 - LISBOA

TELEF. 742061/2 - 742208

ct

COMUNICADO 63



«Uma afronta moral aos trabalhadores da EDP e ao público consumidor», assim classificou a Comissão de Trabalhadores daquela empresa pública a recente autorização do Conselho de Gerência para a aquisição de novas viaturas para uso pessoal de directores. Na opinião daquela estrutura representativa dos trabalhadores da EDP esta situação vem juntar-se ao escandaloso e abusivo uso de carros da empresa para fins particulares de há muito praticado por altos funcionários. E assim vão funcionando (e governando-se) os homens de mão do Governo PS/PSD colocado por este nas empresas públicas...

Emigração

Encontro do PCP sobre problemas da emigração

Sob o lema «democracia, desenvolvimento do País, defesa dos emigrantes» decorre já no próximo fim-de-semana, em Almada, nas instalações da Incrível Almadense, o Encontro do PCP sobre problemas da emigração.

Culminando um intenso trabalho preparatório no qual têm participado dezenas de comunistas e outros democratas de algum modo ligados a esta problemática, o Encontro propõe-se apontar as principais causas e consequências da emigração para o nosso País e fazer um levantamento das principais características e problemas da emigração portuguesa.

De acordo com uma informação chegada à nossa redacção, espera-se que o Encontro aprove, por outro lado, as grandes linhas de uma política democrática para a emigração, nomeadamente a definição das principais orientações de um programa de protecção ao trabalhador emigrante e examine e determine o justo quadro do seu relacionamento com as instituições portuguesas e das responsabilidades destas perante os emigrantes.

A importância deste Encontro — aguardado com crescente expectativa junto de muitas comu-

nidades de portugueses espalhados pelo mundo — é tanto maior se nos recordarmos que ele se realiza num momento em que se agravam as condições de vida e as discriminações para a maioria dos nossos compatriotas, a par de um clima de insegurança e de sucessivas campanhas de xenofobia nos países onde trabalham.

Consequência em larga medida da política de falsas promessas e de abandono a que foram votados pelos governos do PS, do PSD e do CDS, esta situação é ainda agravada pelas incertezas que subsistem quanto ao regresso e à reinserção em Portugal.

Nos trabalhos do Encontro, para além de membros das Organizações Regionais do PCP, estarão presentes cerca de 250 participantes em representação dos emigrantes e cooperantes comunistas em mais de 20 países do mundo, nomeadamente França, RFA, Suíça, Luxemburgo, Bélgica, Holanda, Grã-Bretanha, Suécia, Espanha, Canadá, Venezuela, Brasil, EUA, Austrália, África do Sul, Zaire, Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe.

Na qualidade de convidados, com direito ao uso da palavra

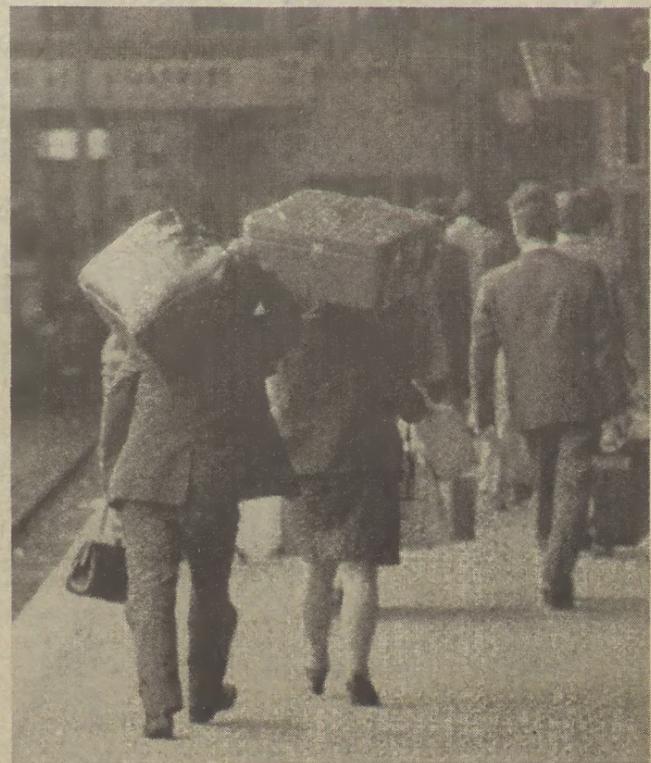


nas secções participarão ainda nos trabalhos destacadas personalidades interessadas e intervenientes na problemática da emigração em Portugal e no estran-

geiro e ainda representantes de diversas organizações e estruturas de algum modo ligadas ou empenhadas na resolução dos graves problemas que atingem a emigração.

Durante os trabalhos serão apresentados publicamente os candidatos da APU pelos círculos da emigração da Europa e fora da Europa.

Pode-se adiantar, entretanto, que para lá da aprovação do projecto de programa e política democrática para a emigração será submetida à aprovação dos participantes uma proclamação do Encontro dirigida aos emigrantes espalhados por todos os continentes.



Uma análise da emigração e propostas inovadoras

Resultado de um trabalho sério e exaustivo por parte da Comissão Organizadora, durante o qual foram recebidas dezenas de contribuições de comunistas e outros democratas emigrantes, o **Projecto-Documento** que servirá de base aos trabalhos do Encontro e que será submetido à aprovação dos participantes constitui um dos trabalhos mais elaborados e completos até hoje

feito das comunidades, as comissões consulares de emigrantes, o Congresso e o Conselho das Comunidades e as eleições para a Assembleia da República.

Na segunda parte do Projecto-Documento apontam-se as principais linhas para «Uma política e um programa democráticos para a emigração». Apresentando diversas propostas inovadoras neste domínio, o PCP anali-

za o apoio às associações.

Ainda nesta parte do documento o PCP apresenta as frentes de trabalho que considera prioritárias e que se prendem com os que continuam a partir, com os jovens emigrantes de segunda geração e com o apoio aos que querem regressar.

Por último, são divulgadas as propostas consideradas indispensáveis para uma política justa e o conteúdo de uma «carta do emigrante», na qual se defende «a unificação de esforços no sentido da condensação e actualização da legislação portuguesa sobre os emigrantes».

Almada acolhe os participantes

Por forma a prestar o melhor acolhimento e a garantir alojamento a todos os participantes e convidados que dele necessitem, a organização do Partido do concelho de Almada está a tomar todas as medidas necessárias.

Nesse sentido, os interessados deverão dirigir-se à Comissão para o Trabalho Entre a Emigração do PCP pelo telefone 766435, ou à Comissão Concelhia de Almada, ou ainda directamente no próprio local do Encontro nos dias da sua realização onde estará a funcionar para o efeito uma banca de recepção.

Nos dois dias do Encontro a organização garantirá igualmente, a quem o desejar, os respectivos almoços a uma preço módico, a servir no Refeitório do Clube Cultural e Desportivo dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Almada, situado na Rua D. João de Portugal (junto à Incrível Almadense).

Entretanto, durante a noite de sábado, será oferecido a todos os participantes no Encontro um espectáculo de variedades composto fundamentalmente por quadros de revista onde actuarão os elementos do Grupo Cénico da Incrível Almadense.

O horário dos trabalhos

Um debate franco e aberto de todos os problemas respeitantes à emigração, tal é o objectivo a que a Comissão para o Trabalho entre a Emigração do PCP — entidade que pôs ombros a esta iniciativa — se propõe com a realização deste Encontro.

Os trabalhos funcionarão em plenário na abertura (sábado) e durante todo o dia de domingo. Após a sessão que dará início aos trabalhos, o Encontro funcionará ao longo do dia de sábado em quatro secções que abordarão os seguintes aspectos: **Secção A** — Os emigrantes em Portugal — causas e consequências da sua saída e condições para o regresso; **Secção B** — A vida e o trabalho na emigração; **Secção C** — A acção dos emigrantes em defesa dos seus interesses; **Secção D** —

Os cooperantes nos novos Países Africanos e os seus problemas.

O início do Encontro está previsto para as 9.30 horas de **sábado** com a sessão de abertura que se prolongará até às 10.30 horas. Os trabalhos começarão às 10.45 nas diferentes secções e prolongar-se-ão até às 12.30, hora em que haverá uma interrupção para o almoço. A sessão da tarde começa às 14.30 horas e finalizará pelas 19.00 com um breve intervalo entre as 18.00 e as 18.30 horas.

No **domingo**, dia 11, os trabalhos terão início às 9.30 horas e prolongar-se-ão até às 19.00 com intervalo para almoço entre as 12.30 e as 14.30 horas.

Especial • Agosto 85



O ano de trabalho terminou

Para muitos trabalhadores emigrantes é a altura de deitar contas à vida

- O regresso, adiado mais um ano, é cada vez mais incerto.
- Alguns regressaram. Com que protecção? Com que garantias?
- Outros voltam a emigrar. De novo sem protecção, sem garantias.
- As discriminações e a insegurança no estrangeiro aumentam.
- O governo PS PSD nada modificou para melhor.
- Os problemas arrastam-se e agravam-se.

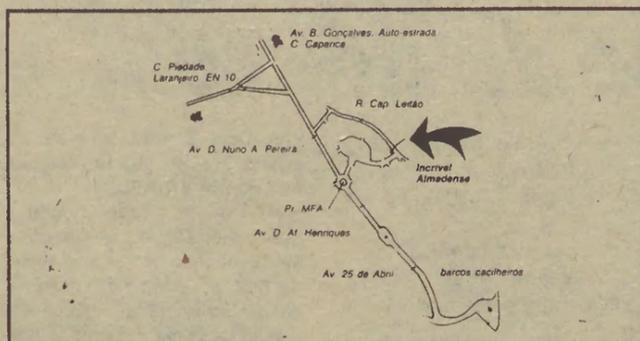
Boletim

O «boletim emigração» — publicação mensal da responsabilidade da Comissão para o Trabalho Entre a Emigração do PCP — surgiu neste mês de Agosto com uma edição especial a qual tem sido profusamente distribuída nos últimos fins-de-semana em várias fronteiras do País.

De apresentação atractiva, este número tem sido bem acolhido pelos nossos compatriotas que entram pelas fronteiras de Vilar Formoso, Caia e Vila Verde da Raia, bem como nos aeroportos de Lisboa e Porto, locais onde tem sido entregue por brigadas de militantes do PCP.

Esta acção de esclarecimento está a ser considerada um êxito, pese embora as dificuldades e as tentativas de impedimento levadas a cabo por algumas autoridades, como foi o caso do Governador Civil da Guarda, cujo comportamento mereceu da SIP do Partido uma nota que divulgámos no «Avante!» da semana passada.

Nas quatro páginas impressas a cor em formato A4 o leitor pode encontrar um balanço da acção governativa e da Assembleia da República nos últimos anos em matéria de emigração e ainda algumas das propostas do PCP para a resolução dos problemas mais sentidos pelos emigrantes.



realizado em matéria de emigração.

Totalizando mais de meia centena de páginas, o documento analisa pormenorizadamente os múltiplos aspectos ligados à emigração portuguesa, designadamente a evolução das migrações dos portugueses após o 25 de Abril e a sua relação com a crise do capitalismo.

Num segundo capítulo é abordada a política de emigração e os problemas dos emigrantes com relevo para o período durante o fascismo e durante os governos PS, PSD e CDS. A adesão do nosso País à CEE e a emigração portuguesa na Europa merecem também uma atenção particular neste grupo.

Seguidamente o documento detém-se na acção dos emigrantes em defesa dos seus interesses, capítulo onde são tratadas questões como a luta pela melhoria das condições de vida, a importância dos clubes e associações, o desenvolvimento da actividade associativa após o 25 de Abril, as formas de organiza-

Internacional

A VIOLÊNCIA COMO ÚLTIMA ARMA DO REGIME RACISTA

Hoje, os brancos sul-africanos já não estão tão seguros de que o sistema do «apartheid» seja para durar. Durante largos decénios e apesar das convulsões sociais que se registaram, era convicção do «boer» de que nada iria transformar o estatuto que impuseram, pela força, aos africanos. Mas de repente — e quando através de uma operação de cosmética se preparavam para que tudo ficasse na mesma —, as brechas começam a aumentar pondo em perigo o dique que os isolava.

Por toda a parte, na África do Sul, as populações negras lutam abertamente contra a escravidão, a exploração económica, o «apartheid». O poderio militar e repressivo acumulado durante anos, apesar de ser cada vez maior, já não intimida as populações. As soluções pacíficas para a transformação, várias vezes propostas pelo ANC, começam a perder sentido, face à intransigência constante que os racistas dão provas.

A nível internacional o panorama também não é completamente confortável para os racistas sul-africanos. Embaixadores são retirados, sanções económicas e outras estão em vias de se concretizarem, quanto mais não seja nas intenções. O próprio capitalismo internacional propõe-se deixar cair parcialmente o regime do «apartheid» visto este já não servir os seus interesses para a região.

Na balança dos interesses económicos

Face ao aumento da luta do povo sul-africano, o regime de Pieter Botha anunciou medidas drásticas no campo repressivo. Mas, com efeito, isso não passa de conversa fiada pois a repressão sempre existiu, com as características que agora se tomaram públicas.

Na África do Sul a vida de um negro não tinha o mínimo valor. Nada lhe era permitido. Qualquer polícia o podia espancar, prender, assassinar. A justiça era feita segundo a cor da pele. Foi assim durante decénios, continua a ser assim hoje. E o capitalismo internacional fechava os olhos a esta situação (ou emitia uns vagos protestos), mais interessado em investir no país, beneficiando para além disso de uma mão-de-obra barata.

Entretanto, perante a luta do povo sul-africano, o capitalismo vê-se obrigado cada vez mais a tomar uma posição que não entre em confronto com os Estados africanos, que por unanimidade condenam o «apartheid» e apoiam a luta dos seus irmãos sul-africanos.

Na balança dos interesses económicos é preciso tomar uma decisão, tanto mais que não se pode escamotear da opinião pública o que se passa na África do Sul, nem tão pouco as agressões que o regime racista faz aos países vizinhos.

A opção não deixa de ser difícil, tanto mais que muitos interesses económicos estão ali investidos. E se algumas medidas têm vindo a ser tomadas, nomeadamente pelos países da

CEE, a verdade é que o apoio ao regime do «apartheid» ainda continua em força.

E a ajuda continua

A administração Reagan, por exemplo, manifestou a sua posição contrária à aplicação de sanções económicas à África do Sul, opondo-se ao apelo feito pelo Conselho de Segurança da ONU.

A França mandou chamar o seu embaixador em Pretória. Mas que se saiba a indústria militar francesa não viu afectados os negócios que mantém com a RAS.

O governo da República Federal da Alemanha também se recusou a tomar medidas contra o regime de Pretória. A RFA é o

mais importante parceiro comercial da África do Sul e aumenta, de ano para ano, as suas exportações. No ano passado, estas exportações aumentaram 33,5 por cento em relação a 1983.

Em Lisboa, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, recebe um membro do governo racista, enquanto naquele país milhares de pessoas continuam a ser presas, espancadas, mortas.

Argumenta o Governo português para a brandura com que recebeu o governante racista que existem milhares de emigrantes portugueses na RAS. Fraco argumento, pois o regime de Pretória, já quase encerrado, nunca iria expulsar as comunidades europeias que ali vivem. Seria isolar-se ainda mais, provocar o caos económico. É uma ameaça que pode ser utilizada como propaganda, mas nunca passará disso.

E a violência?

Os Estados Unidos que, durante todos estes anos, têm dado o benelácito ao regime racista de Pretória, mostram-se



Uma imagem constante, hoje, na África do Sul. Um regime, quando antevê o seu fim próximo torna-se muito mais violento.

agora muito preocupados com a violência.

O secretário de Estado norte-americano, George Schultz, declarou que a questão não é saber se o «apartheid» val a pena, mas saber efectivamente como val desaparecer: se tal envolverá um processo violento ou será fruto de um diálogo do governo com os dirigentes negros.

Ou seja, os EUA nunca estiveram preocupados com a violência dos brancos contra os negros, mas ficam arrepiados ao pensarem que pode haver violação dos negros contra os brancos.

E por falarmos em violência é bom explicitar que esta componente nunca foi defendida como primeiro recurso. Ainda recentemente, Nelson Mandela, presidente do ANC, fazia propostas concretas para uma abolição pacífica do «apartheid». Propostas que visavam não a destruição do que está feito, mas a participação de todos, brancos e negros, na vida política, económica e social do país.

Contra isto, responde o regime de Pretória com o aumento da repressão e da violência. Quem foge ao diálogo? Quem pretende sobreviver numa posição de força? Quem dá apoio ao regime racista?

Há 40 anos

Um cogumelo de fogo elevou-se da cidade...

Nunca é demais falar de Hiroshima e Nagasaki, mesmo que os dois primeiros bombardeamentos atómicos tenham ocorrido há precisamente 40 anos, a 6 e a 9 de Agosto de 1945.

Hoje, é convicção geral de que a utilização das bombas atómicas, pelos EUA, contra o Japão, tiveram outras intenções que ultrapassavam o conflito entre estes dois países.

Com efeito, logo nos primeiros tempos que se seguiram aos bombardeamentos, responsáveis políticos e militares americanos e britânicos reconheceram que esse bombardeamento não tinha justificação militar.

A 15 de Agosto de 1945, o general Chennault, comandante da aviação americana na China, declarava ao «New York Times»: A entrada da URSS na guerra contra o Japão foi um factor decisivo que conduziu ao fim das hostilidades. Mesmo que a bomba atómica não tivesse sido lançada o resultado teria sido o mesmo. (...) O rápido avanço das tropas soviéticas permitiu esmagar definitivamente o Japão e obter a vitória.

Ainda mais insuspeita era a opinião do almirante Leahy, principal conselheiro do presidente americano, que afirmou mais tarde: Na minha opinião o emprego dessa arma bárbara em Hiroshima e Nagasaki não deu qualquer ajuda substancial à nossa guerra contra o Japão.

Por seu turno, Wiston Churchill,

SUICIDOU-SE NAVEGADOR DO AVIÃO
QUE LANÇOU BOMBA ATÓMICA DE NAGASAKI

SÃO FRANCISCO, 5 DE AGO (TASS/NOVOSTI)— PAUL BRAGMAN, EX-NAVEGADOR DO AVIÃO AMERICANO "B-29", QUE LANÇOU A BOMBA ATÓMICA SOBRE A CIDADE JAPONESA DE NAGASAKI, SUICIDOU-SE HOJE, NUM APARTAMENTO EM LOS ANGELES— COMUNICOU A "UPI".

SEGUNDO A NOTICIA, A DEPRESSÃO EM QUE BRAGMAN ESTEVE MERGULHADO AUMENTAVA À MEDIDA QUE SE APROXIMAVA A DATA DO ANIVERSÁRIO DO BOMBARDEAMENTO DE NAGASAKI. BRAGMAN ADMITIA ANTERIORMENTE, AOS SEUS FAMILIARES, A POSSIBILIDADE DE COMETER SUICÍDIO NO ANIVERSÁRIO DO BOMBARDEAMENTO — AFIRMOU F. SPADA, PORTA-VOZ DA POLÍCIA DE INSTRUÇÃO.

chill, que nunca morreu de amor pelos soviéticos, viria a escrever nas suas memórias: Seria falso acreditar que a sorte dos japoneses foi decidida pela bomba atómica.

O começo da guerra fria

Em 1948, o historiador inglês Blackett viria a afirmar que este bombardeamento desumano não era o último da II Guerra Mun-

dial, mas o primeiro acto da guerra fria, da guerra diplomática contra a URSS.

Não é por acaso, também, que a decisão do bombardeamento atómico tenha sido tomada pelo presidente norte-americano Harry Truman, que sucedeu a Roosevelt, pela morte des-

disposta a controlar o mundo e os seus recursos energéticos.

A luta pela paz

Há quarenta anos, por mais paradoxal que pareça, pois nunca o planeta esteve tão superlotado de armamentos, dura a luta pela paz.

Da parte do imperialismo norte-americano assiste-se a uma constante corrida aos armamentos. Por outro lado, nunca dos Estados Unidos surgiu uma proposta honesta visando o desarmamento. Pelo contrário, procuram sempre inviabilizar as iniciativas concretas que surgem nesse sentido. Ainda há poucos dias, quando a União Soviética garantiu pela sua parte a suspensão das experiências nucleares, os EUA não só efectuaram uma explosão nuclear subterrânea como se propõem continuar a efectua-las.

Em Agosto de 1945, no Japão, foram mortos e mutilados 477 mil civis. Hiroshima e Nagasaki não eram alvos militares. Hoje, se estalar um conflito nuclear, há a certeza de que a vida desaparecerá da face da Terra.

Que Hiroshima e Nagasaki, já que militarmente foram alvos gratuitos, tenham o mérito de consciencializar a Humanidade para evitar o perigo do holocausto.

«Anuncia-se oficialmente para fins de Outubro a visita de Kurt Kiesinger, actual chanceler da Alemanha Ocidental, antigo colaborador de Hitler no ministério da propaganda.

«Kiesinger vem a Portugal para reforçar o grau de dependência económica em relação ao imperialismo alemão, para ligar ainda mais o nosso país à política agressiva e expansionista dos governantes de Bonn, para consolidar e alargar as bases militares alemãs em território nacional, quer no quadro da NATO, quer no quadro da colaboração militar entre os dois países e de que a base aérea de Beja é uma comprovação. Kiesinger vem discutir com o governo fascista português novas formas de auxílio da Alemanha Ocidental à guerra colonial. Kiesinger vai ser condecorado doutor «honoris causa» pela Universidade de Coimbra.

«Os objectivos desta visita são contrários aos interesses nacionais e à causa da paz.

«Abaixo a cooperação entre o fascismo e os círculos militares e revanchistas da Alemanha Ocidental.»

(«Kiesinger — Uma Visita Indesejável» — «Avante!», VI Série, n.º 394, Agosto de 1968)

Avante!

«De há um tempo a esta parte, certos «políticos» estrangeiros que nuns casos se intitulam «socialistas» e noutros casos dirigentes dos «Sindicatos Livres» começaram a mostrar-se interessados em conhecer a força orgânica do Partido Comunista Português e a sua influência política no País. Tal facto não pode estar desligado das grandes acções da classe operária e do movimento democrático nos últimos meses. Assim como terá ligação com a defesa do capital estrangeiro em Portugal.

«Recentemente dois dirigentes dos «Sindicatos Livres», um dos quais dizendo-se norte-americano, procuraram saber, junto de trabalhadores do Barreiro, Lisboa e Baixo Ribatejo, qual é a opinião do Partido Comunista sobre a situação política actual assim como a de outros partidos.

«Estranho, muito estranho, este interesse pelos movimentos operário e democrático em Portugal da parte de elementos ditos revolucionários ou simplesmente sindicalistas, que passeiam tranquila e livremente pelo nosso país, que procuram contactos com a Oposição e os operários, enquanto que os portugueses são forçados a actuar com o máximo cuidado, a esconderem a sua qualidade de revolucionários e opositores. O facto de poderem aparecer pela mão de um ou outro conhecido democrata dito socialista não deve ser razão para os trabalhadores de vanguarda, e muito menos os membros do nosso Partido se abrirem e lhes darem quaisquer indicações.

«Não seria de estranhar, se não em todos os casos pelo menos alguns, que se tratasse de elementos dos tais «Sindicatos Livres» e de certas organizações «socialistas» ao serviço da CIA (serviços secretos americanos), interessados em infiltrar-se no movimento operário e democrático português. São conhecidos os seus objectivos: provocar a confusão e a divisão entre os trabalhadores e entre os democratas para enfraquecer a sua luta; injectar entre eles a infecta ideologia do «modo de vida» norte-americano, de gangsterismo político e sindical.

«Tais elementos não são nem poderão ser aliados da classe operária, mas agentes do imperialismo que é preciso desmascarar e escorraçar.»

(«Atenção Trabalhadores!» — «Avante!», VI Série, n.º 405, Agosto de 1969)

Em Foco

Avante!

Ano 53 — Série VII
N.º 606

8 de Agosto de 1985

3.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

O 25 de Abril

existiu?

A RTP acha que não...

Sabe-se que há gente que se não resigna. Gente que chega a reunir-se em sombrias salas para invocar os mortos e chega a ouvi-los «falar» por interpostas pancadas na madeira, em sessão espírita ou através de tresloucado «medium».

Mas hoje, tais práticas parecem um tanto fora de moda.

Talvez as novas tecnologias, estimuladas pela entrada na CEE, tragam de modo mais perfeito e nítido o retrato das coisas defuntas, desenhadas a *laser*, escritas as palavras em computador obediente, ouvidas provavelmente na voz mecânica de *robots*, agora que é o tempo da guerra das estrelas.

Vem isto a propósito de uma correspondência com os mortos que a RTP mantém. E não estamos a brincar, a prova está dada, vem impressa pelos computadores da Radiote-

levisão Portuguesa, EP, chefiada em sobredito avençado, transportada pelos diligentes CTT que também se modernizam a poder de milhões.

Que a RTP se não havia resigna-

do aos tempos novos saídos do 25 de Abril já se sabia, basta acender o aparelho. Mas que levava tão longe o seu amor pelo passado que, he escreve palavras amáveis e as manda pelo Correio é coisa de espantar. Mas aconteceu e aqui estamos a dar disso conhecimento público. Imagine-se os leitores a cara de quem recebeu, no segundo andar esquerdo do prédio n.º 26, sito na Avenida António Serpa, em Lisboa, uma carta da RTP dirigida ao... «Batalhão Legionário Infantaria 4»!!!

A mensagem era simples, daquelas que os tristes possuidores de aparelhos de TV costumam receber duas vezes por ano convidando-os a

pagar a taxa por serviços imprestáveis na estação dos CTT. Só que, para os amigos, a RTP não olha a meios. E vai daí, onze anos depois do 25 de Abril, envia à Legião, mais precisamente ao Batalhão Legionário Infantaria 4, uma mensagem muito mais simpática — Isenta aquela «instituição» do pagamento da taxa!

A gente sabia que a RTP e quem nela manda se tem esforçado, juntando os seus esforços a muito jornalista encartado que por aí abunda e aos políticos da «modernização», por demonstrar que o fascismo nunca existiu. Há onze anos que andam nessa de impingir um apagamento total nas memórias dos portugueses.

O que ainda não fora ensaiado — a moda é nova — fora a operação aparentemente inversa. Com este «aviso-recibo» isentando do pagamento da taxa o Batalhão Legionário, pretenderá a RTP provar agora que o 25 de Abril é que não existiu, que há onze anos atrás a Legião não foi expulsa da António Serpa, que ali não funcionou durante alguns anos a sede central do PCP?

Andarão a sonhar com uma comissão de extinção do 25 de Abril? Ou será apenas uma partida das novas tecnologias? De qualquer modo, com esta RTP, a Legião pode estar descansada. Os portugueses é que não ■



Radotelevisão Portuguesa, E.P.
Apartado 5192 — 1704 LISBOA CODEX
TAXA DE TELEVISÃO Título Registo - Recibo

AVISO/RECIBO



N.º CLIENTE 01
N.º AUTORIZAÇÃO 004
DATA DE AUTORIZAÇÃO 11/2/84

TALÃO DE REEMBOLSO



TAXA DE TELEVISÃO

PAGÁVEL EM QUALQUER ESTAÇÃO DOS CTT

IMPORTANTE: CONSERVE ESTE RECIBO DURANTE 5 ANOS

BATALHAO LEGIONARIO INFANTARIA 4
AVENIDA DE ANTONIO SERPA 26 2 E
1000 LISBOA

0121086500088 H
550000857 019
000000000 13

BATALHAO LEGIONARIO INFANTARIA 4
AVENIDA DE ANTONIO SERPA 26 2 E
1000 LISBOA

COR	PAGÁVEL EM	N.º REGISTO	RECIBO	TAXA ADIC.	TOTAL
	PAGO/85A	012108650008855		ISENTO	

LIQUIDADADA NESTA DATA

5/08

LIQUIDADADA NESTA DATA

VINHETA
A AFIXAR
PELOS
CTT

O Empregado

VÁLIDO COMO RECIBO DEPOIS DE COLADA A VINHETA E AUTENTICADO
C/ MARCA DO DIA

TÍTULO DE REGISTO E AVISO DE COBRANÇA
APARTADO 5192 — 1704 LISBOA CODEX

COR	PAGÁVEL EM	N.º REGISTO	RECIBO	TAXA ADIC.	TOTAL
	PAGO/85A	012108650008855		ISENTO	

PEDIDO DE CANCELAMENTO (VER INSTRUÇÕES NO VERSO)

MOTIVO DO CANCELAMENTO

5/08

RECLAMAÇÃO POR EXTRAVIO
DE COBRANÇA

CHEQUE NÚMERO
 VALE

COR	PAGÁVEL EM	N.º REGISTO	RECIBO	TAXA ADIC.
	PAGO/85A	012108650008855		ISENTO

NÃO ESCREVA • NÃO CARIMBE • NÃO DOBRE • RESERVADO A MARCAG

0121086500088550000857 019 000000

BOLETIM DE ALTERAÇÕES
APARTADO 5192 — 1704 LISBOA CODEX

COR	PAGÁVEL EM	N.º REGISTO	RECIBO	TAXA ADIC.
	PAGO/85A	012108650008855		ISENTO

ALTERAÇÃO DE MORADA (VER INSTRUÇÕES NO VERSO)

NOVA MORADA

APRESENTE NA ESTAÇÃO DE CORREIO PARA PAGAMENTO

CONFIRMAR

LE PARA SI



Lock-out na Lisnave

Nos últimos tempos, a Lisnave tem facturado dois milhões de dólares por mês. Há cerca de três semanas tinha dez navios nos estaleiros para reparações de diversa ordem. Há cerca de três semanas, também, a carteira de encomendas tinha já mais quatro embarcações em agenda. A situação não se poderia, pois, considerar grave. Os estaleiros laboravam e facturavam. No entanto, os seus quatro mil trabalhadores têm nove meses de salários em atraso. De repente, a Lisnave viu-se sem navios no estaleiro, os seus trabalhadores vêem-se confrontados com uma tentativa de despedimentos colectivos e a carteira de encomendas está reduzida a zero. Quem, como e porquê?

Para os trabalhadores e seus órgãos representativos a situação é clara: o Governo e a administração da Lisnave estão apostados em destruir a empresa para a poderem entregar de novo aos Mellos — antigos monopolistas que ainda hoje detêm 12 por cento do capital e controlam a administração — que assim aparecerão como os salvadores da indústria. Trata-se, pois, de um autêntico crime contra a economia nacional e os seus objectivos são claros: tomando como exemplo a Lisnave, aí vai uma enorme campanha contra o sector público, nacionalizado e participado. Aí vai uma enorme campanha a favor dos antigos monopolistas, homens «experientes e empreendedores» como são necessários para fazer Portugal sair da crise e entrar na CEE...

O caso da Lisnave integra-se assim em toda a ofensiva contra-revolucionária desencadeada, há já nove anos, contra Abril e as conquistas dos trabalhadores.

Uma crise fictícia

A crise que a Lisnave hoje vive é fictícia. Em 1984, e apesar do lock-out de Outubro e Novembro, facturou 43 milhões de dólares. Este ano, como já aqui se disse, estava a facturar uma média de dois milhões de dólares por mês.

No entanto, a administração, com o conluio e a cumplicidade activa do Governo, encetou um processo de sabotagem da empresa.

Este processo assenta essencialmente em três grandes linhas de força. Por um lado, deixou de pagar aos trabalhadores — tentando assim vergar a sua luta pela fome —, por outro

de um autêntico saneamento político, uma vez que são os trabalhadores mais activos os visados.

Governo exorbita funções

O lock-out, todo este processo de destruição da Lisnave, tem tido como parceiro activo o actualmente governo de gestão PS/PSD.

Ainda recentemente — e exorbitando as suas funções de gestão — o conselho de ministros aprovou um diploma que coloca nas mãos da administração da Lisnave 400 mil contos

em troca do despedimento de 700 trabalhadores.

Não só pela facturação mensal da empresa, não só por a crise da Lisnave ser fictícia, este diploma põe em causa — uma vez mais, infelizmente — a legalidade, dado que se trata de subsídios que só podem ser atribuídos para a manutenção de postos de trabalho, nunca para a sua extinção.

Com este apoio de facto à destruição de uma empresa, o Governo está a levar longe de mais as suas atribuições, o que faz com que os trabalhadores e seus ORT's peçam ao Presidente da República que «tome as medidas adequadas, tendo em conta as afirmações que proferiu, segundo as quais seria um órgão fiscalizador da actividade governamental».

A rescisão de contrato e os despedimentos

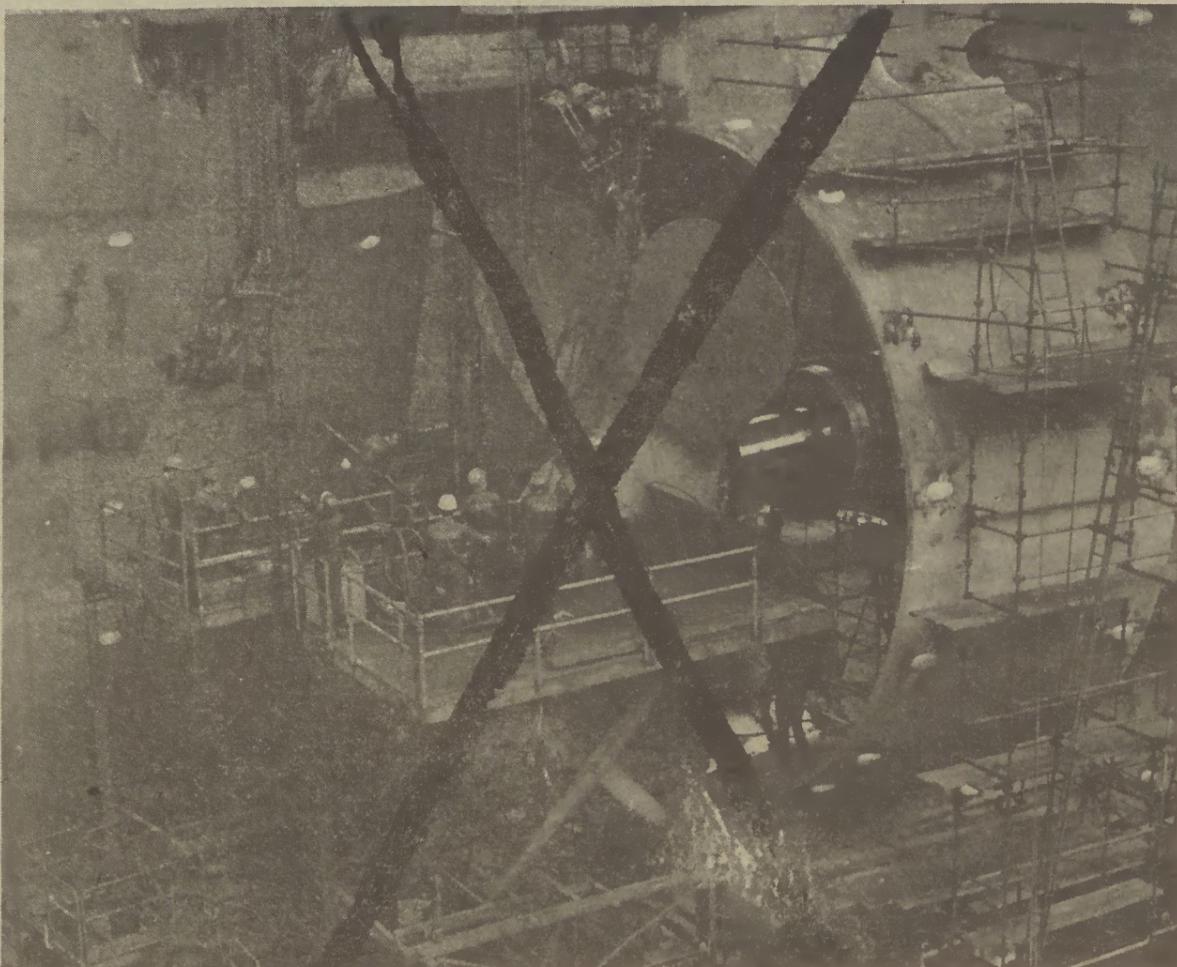
«Antigamente, ainda a minha companheira ia ajudando, mas agora o patrão dela deu à sola com o dinheiro e têm de ser os meus velhos, que são reformados, a dar uma mãozinha». Situações como esta são frequentes entre os trabalhadores dos estaleiros e a fome impera nos seus lares. É nisto que joga a administração. A fome para vergar a luta e a resistência.

O objectivo prioritário da administração é o despedimento ou a rescisão voluntária de contrato de cerca de dois mil trabalhadores. Até ao momento, cerca de 1400 — pressionados psicologicamente das formas que vimos — saíram «voluntariamente» da empresa. No entanto, a administração continua com intenções de — independentemente do número de trabalhadores que rescindir contratos — despedir os 700 trabalhadores de que fala a resolução do conselho de ministros.

À parte isso, e o que torna ainda mais escandaloso todo este processo, a administração da Lisnave — que repetidamente alega a má situação da empresa como pretexto para despedir trabalhadores — gastou, em 1984, 300 mil contos com sub-empregadas. Este ano já lá vão cinquenta mil contos.

Agora, o conselho de ministros em vez de tomar medidas que impeçam o lock-out — proibido pela Constituição da República Portuguesa —, dá o seu aval à actuação da administração. A sua última medida foi o prolongamento da declaração da Lisnave em Situação Económica Difícil até 31 de Maio de 1986, tornando-se assim num dos principais responsáveis por mais este autêntico crime contra a economia nacional.

O que daqui se pode concluir é o seguinte. A Lisnave tem pernas para andar. É uma empresa prestigiada e rentável. Mais uma vez, os antigos grandes monopolistas deitam as unhas de fora. Mais uma vez, têm a cumplicidade activa do Governo PS/PSD. Mais uma razão para que se imponha a demissão deste governo que de gestão só tem o nome.



Com a Lisnave a produzir em pleno, facturam-se dois milhões de dólares por mês. Hoje, a Lisnave está parada. A administração decretou lock-out. O Governo, em vez de actuar em conformidade com a lei, apadrinha o crime.

■ Romeu do Rosário

Jovens de todo o mundo em Moscovo

Para que na terra haja sempre sol!

O Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes decorreu em Moscovo de 27 de Julho a 3 de Agosto. Todos ou quase todos sabemos disto. Todos ou quase todos sabemos de alguns pormenores. Mesmo assim vale a pena falar do Festival já que terminou há muito pouco e do que lá se passou muito haverá ainda para dizer.

Antes

As lojas, os talhos, as frutarias de Moscovo tinham todas elas algo que as ligava ao importante Festival; fosse o (já) célebre símbolo da Katiusta, fosse o símbolo do Festival ou os muitos e variados emblemas ao peito de quase toda esta simpática e hospitaleira gente

Não houve recanto de Moscovo onde não houvesse o calor, a luz e o entusiasmo desta grande jornada que se avizinhava. Era evidente nas expressões do comum cidadão a alegria com que na Pátria do Socialismo, baluarte da Paz, iam receber os milhares de visitantes, com eles confraternizar e conviver nestes curtos dias do Festival.

A cidade de Moscovo ficou ainda mais bonita com os símbolos, bandeiras, palavras de ordem, decorações e painéis que por todo o lado se viam.

Antes da abertura do festival circulavam já pelas ruas rapazes e raparigas que davam indicações e ajudavam aos visitantes que queriam ver tal museu ou fazer tal compra ou ainda chegar ao hotel onde estavam alojados. É natural numa cidade com cerca

de 10 milhões de habitantes; com um metro onde diariamente circulam 7 milhões de pessoas — é natural dizíamos — que o visitante sófrego por ver e conhecer se perca. E lá estavam então estes jovens que nos facilitavam a vida.

E o dia da abertura aproximava-se. Tudo estava a postos para receber tão dignos visitantes: a juventude de todas as partes do planeta.



A abertura

Aguardada com expectativa e esperando prometidas surpresas, a abertura do Festival começou rigorosamente à hora marcada. Às 17 horas teve início todo o programa de abertura que se desenvolveu por «velozes» 4 horas.



Durante todo este tempo, um conjunto de 9 mil jovens desenhou mais de 40 belas figuras alusivas ao lema do Festival em defesa da Paz e contra a guerra.

Cada um parecia mais bonito do que o anterior e quase todos mereciam aplausos continuados dos milhares (100 mil) que a tão grandioso espectáculo assistiam.

Pelo relvado do estádio Lênine desfilarão em manifestações desportivas, artísticas, bailado e outras, milhares de jovens.

Foi com alguma tristeza que vimos aproximar-se do fim aquela que terá sido uma das mais belas manifestações internacionalistas, de amizade, de fraternidade e de convivência entre os povos.

Os cem mil que ali estavam, e certamente os milhões frente aos televisores, desejaram que aquela festa continuasse por todo o mundo e em todos os continentes.

● Festival dia a dia

Os dias que se seguiram à abertura do Festival, forma dias de festa, de confraternização, de convívio e, também, de diálogo sério e profundo sobre a vida.

O Festival teve a caracterizá-lo a grande alegria, vivência fraterna e a amizade entre os jovens comunistas, socialistas e radicais, cristãos-democratas e centristas, participantes de movimentos pacifistas, liberais, representantes dos «verdes» e de organizações religiosas.

Finalmente, a cerimónia de encerramento foi tão espectacular como a de abertura. Nela, os jovens reafirmaram a sua convicção de lutar por um mundo onde não caibam as diferenças sociais, um mundo onde todos sejam humana e socialmente respeitados.

A cerimónia de encerramento constituiu, como todo o Festival, um hino à paz. Com ela, e pelas 23 horas de sábado passado, terminava esta importante manifestação da juventude. Com ela, ficava a certeza de que à Paz une a juventude de todo o mundo. ■



O debate, a solidariedade, o desporto, a música, a festa e a alegria caracterizaram este que foi o XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. Jovens de cerca de 150 países estiveram em Moscovo para dizerem da sua vontade de Paz e para reafirmar a adesão da juventude às palavras de ordem que a uniu: «Pela Paz, a Amizade e a Solidariedade Anti-imperialista»



■ **Henrique Custódio**

Com o PS na Câmara EM ABRANTES TUDO COMO DANTES

Há quem diga que o nome de Abrantes deriva de «Aurantes», devido à quantidade de ouro que lá se extrairia das areias do Tejo. Com menos que isso fez Wagner uma ópera. Com mais que isso e sem contar com isso fez, ali, a diáspora nacional um burgo prestigiado, uma praça forte de respeito, uma vila industriosa, uma cidade encantadora. Desde a ocupação romana e até ao fim da Idade Média, as notáveis condições defensivas do local asseguraram a existência e o progresso da vila, à qual a proximidade do Tejo conferiu sempre grande importância, constituindo ainda decisivo ponto de passagem entre o Ribatejo, a Beira Baixa e o Alentejo.

No seu Paço viveram reis e nasceram príncipes, nas suas muralhas se refugiou D. Afonso VI e se aquartelou, durante mais de um século, uma formidável guarnição de 3000 homens. Os franceses saquearam-na, para depois, dela serem repelidos, dando jus ao título de «Notável» imposto por graça régia em 1641, por ter sido a primeira vila portuguesa a proclamar a independência do jugo castelhano e a reconhecer D. João IV como seu rei e senhor. No século XIX renova-se em Abrantes o comércio fluvial e a sua importância como posto terminal, pelo que surge na margem esquerda do Tejo — a mais remansosa — uma povoação que veio a adquirir valor estratégico e um nome hoje perfeitamente individualizado: Rossio a Sul do Tejo. Entretanto, com a construção do caminho-de-ferro em 1863, novo aglomerado começa a surgir em Alferrarede (velha), que cresceu rapidamente, pois havia muito espaço, que foi aproveitado para a proliferação de armazéns e mais tarde de indústrias e um novo povoado, também importante na actual malha urbana de Abrantes: Alferrarede.

Hoje, a cidade encabeça um concelho rural de 1.ª ordem com 712 km², a nordeste do distrito de Santarém, possui 19 freguesias (quatro de formação recente) e um executivo camarário de maioria absoluta PS onde, para não variar, reina o populismo presidencialista a mascarar uma gestão autoritária, incompetente, centralizadora e demagógica.

Há, de facto, distribuição de pe-louros na Câmara — informou-nos Manuel Maria Lopes, vereador independente pela APU no executivo de Abrantes há dois mandatos (entrou em Junho de 1980 a substituir o vereador que faleceu), e que é chefe dos serviços administrativos da Escola Secundária n.º da cidade — a APU, por exemplo, tem a seu cargo os Transportes, Mercados, Jardins e Trânsito. Só que não há autonomia de acção. Na prática, o presidente é que decide tudo, pois concentra nele o controlo efectivo de todos os mecanismos decisórios e até de simples operacionalidade técnica. Dou um exemplo: imaginemos que há uma ruptura de água numa freguesia qualquer; o problema nunca

mais se resolve, os serviços técnicos (que são um caos) não atam nem desatam, mas telefona-se ao presidente (que adora estes papéis de cavaleiro andante das autarquias) e ele vai logo com a solução pronta no bernal das ferramentas. E pronto: o Bioucas salvou mais uma vez, pessoalmente, a «dama alagada», ou entupida, ou constipada. Não se resolveram os problemas de fundo, mas o presidente safou muito bem as emergências de superfície...

Mas passa-se isso com todos os vereadores, mesmo os do PS? Parece que sim, como nos esclareceu o nosso interlocutor:

A resposta pode encontrar-se neste facto esclarecedor. A Assem-

bleia Municipal, por proposta da APU, autorizou que a Câmara passasse a ter dois vereadores a tempo inteiro, recomendando ao presidente que nomeasse, de facto, esse 2.º vereador (há apenas um). Tudo justifica esse segundo vereador a tempo inteiro, quer o volume das obras, quer a extensão do concelho, quer a própria eficácia dos serviços. Nomeaste-o tu? Pois assim o nomeou o presidente da Câmara Municipal de Abrantes, que continua atarefadíssimo, a correr de um lado para o outro e a ser o «salva tudo» que não salva nada.

Aprender com os «mestres»

Centralização, portanto. Ora, sempre que tal acontece numa Câmara,

Manuel Maria Lopes, vereador da APU



tudo se ressent: eficácia e operacionalidade dos serviços, aproveitamento racional dos equipamentos, controlo de obras e por aí fora. A CM de Abrantes não foge à regra:

Há um parque de máquinas razoável mas subaproveitado e as obras são, em geral, entregues a empreiteiros, o que além de encare-

Câmara Municipal de Abrantes: tudo na mão de um só



cer os trabalhos, ainda por cima tem dado produtos de inferior qualidade, como o atestam numerosos exemplos de estradas que por aí há a esboroarem-se. Isto porque a Câmara não dispõe de uma fiscalização adequada nem de um corpo técnico suficiente para acompanhar as obras.

Mas existe algo de mais grave, na administração da Câmara de Abrantes, e refere-se aos seus trabalhadores.

O PS prometeu, na sua última campanha eleitoral, reestruturar o quadro do pessoal. Estamos no fim do mandato e a maioria dos trabalhadores continua na situação de eventual, com muitos a trabalhar na Câmara há dois, três, quatro e até cinco anos. Trata-se de um abuso, uma ilegalidade e uma injustiça flagrantes por parte da gestão PS, que apontam, obviamente, para o objectivo de se ter os trabalhadores

«na mão», dependentes e submissos.

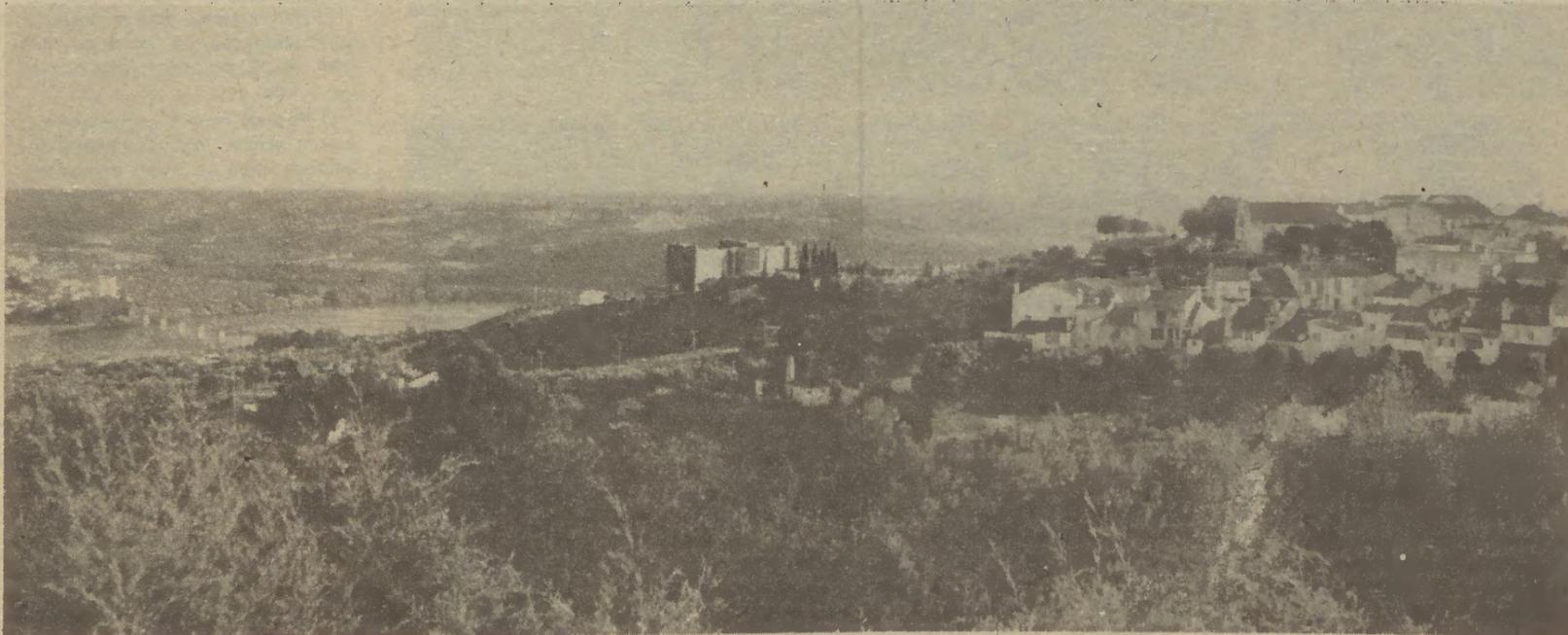
De facto, para emparceirar com as empresas privadas que, a coberto do Governo PS/PSD, também querem ter os trabalhadores «na mão», só falta não pagar salários aos funcionários da CM de Abrantes... O presidente Bioucas, pelos vistos, sabe aprender com os «mestres».

Casas a mais e falta de casas

Mas há outras situações interessantes em Abrantes (até rima). Como, por exemplo, existirem na cidade mais de 500 casas devolutas e uma grande carência de habitação. Um bairro do CDH (Contrato de Desenvolvimento de Habitação) oferece 504 casas já concluídas só que... a 5000 contos cada. Entretanto, a Câmara é a maior proprietária de terrenos urbanizáveis na cidade, pelo que poderia ter um papel decisivo no reequilíbrio das compras de terreno e no incentivo da autoconstrução. Poderia... mas pelos vistos não está interessada nisso, o que nos permite perguntar que interesses, afinal, a movem.

Seria lícito, no entanto, esperar-se que a acção da Câmara PS — com um presidente assim tão frenético — se manifestasse positivamente noutras áreas: águas, saneamentos básicos, dinamizações culturais, apoios ao desporto, à infância, juventude, terceira idade, investimentos municipais, enfim, essa infinidade de pequenas grandes coisas que conduzem à qualidade de vida das populações e estão há que tempos resolvidas em qualquer Câmara APU que, como esta do PS, esteja em exercício desde 1976.

Pois podem os abrantinos esperar mais uma dúzia de anos. Com tal executivo as coisas têm todas de passar pelas mãos do presidente, o que, manifestamente, é demasiado mesmo para um Bioucas — por grande capacidade que ele tenha em agitar os re-



Vista geral de Abrantes. Ao fundo, do outro lado do Tejo, começa o Rossio

Tramagal dum lado a Junta do outro

Quando a vida de uma povoação depende totalmente de uma empresa, nada do que se passa nessa empresa pode ser indiferente às pessoas e entidades que por lá vivem. Estamos a falar do óbvio, mas estamos também a abrir caminho para o conhecimento de uma autarquia que, apesar de eleita pelos seus conterrâneos, parece julgar tê-lo sido para actuar **contra** esses conterrâneos. Referimo-nos à Junta de Freguesia PS do Tramagal, no Concelho de Abrantes e no coração de um dos exemplos mais dramáticos da política anti-operária estimulada pelo Governo PS/PSD — o da Metalúrgica Duarte Ferreira (MDF).

Perante uma situação tão aguda e a envolver a sobrevivência de toda a comunidade, qual o procedimento da Junta de Freguesia PS do Tramagal? Como nos referiu o camarada **José Diogo**, controlador de qualidade na MDF e membro da Assembleia de Freguesia em representação da APU, um só episódio resume tudo:

Há um jardim em frente ao edifício da administração da MDF. O trabalhador que se encarregava dele foi despedido. Que fez a Junta? Destacou três homens para garantir a limpeza e a manutenção do dito. Isto, repare-se, com a Freguesia a afogar-se em ervas daninhas, as valetas a transformarem-se em matagais e a simples higiene básica da povoação a exigir medidas urgentes. Mas a Junta achou mais

Falar do Tramagal é falar da MDF. Esta aldeia industrial, nascida à beira Tejo uma meia dúzia de quilómetros a jusante de Abrantes devido à implantação, no local, de uma importante unidade de metalurgia — a Metalúrgica Duarte Ferreira — continua a viver na inteira dependência da empresa que lhe deu origem. Não há ali uma única família que não tenha alguém ligado à MDF e — todos o sabem — se um dia acabasse a MDF, acabava o Tramagal.

É do domínio público a dramática situação que enfrentam os trabalhadores da MDF e os habitantes do Tramagal. A empresa — que agora tem ao seu serviço cerca de 1000 trabalhadores, mas que já teve 1500 — deixou de pagar salários de Agosto de 1983 a Dezembro de 1984. Nessa altura não tinha contratatos a prazo, mas pretendia tê-los, como os acontecimentos subsequentes o demonstraram.

De facto quando deixou de pagar salários, a administração propôs, simultaneamente, despedimentos em massa. Os trabalhadores opuseram-se firmemente a tal mas o Governo de Mário Soares sancioná-los-ia em 21 de Fevereiro de 1985 com uma Resolução do Conselho de Ministros, posteriormente reforçada com a Resolução 24/85, de 4 de Junho. Munida de tal suporte governamental, a administração suspendeu 490 trabalhadores, substituindo-os de imediato por contratados a prazo.

Chamamos a atenção para este pormenor: a administração, com o aval do Governo, suspendeu cerca de 500 trabalhadores e substituiu-os, **de imediato**, por contratados a prazo, o que dá bem a medida da necessidade que a empresa tinha dos trabalhadores que, pretensamente, necessitava dispensar. A manobra é chocante, so-

bretudo por ser directamente caucionada pelo Governo do País, e clara como água: o que a administração pretendia era, pura e simplesmente, eximir-se às suas responsabilidades contratuais para com os trabalhadores, colocá-los na sua dependência discricionária e mandar às urtigas os direitos por estes adquiridos e legitimados com o Portugal de Abril.



Do jardim do castelo — que é magnífico — vê-se uma cidade tranquila, arrumada nas colinas, com raízes fundas na terra e no tempo. Abrantes não permite esquecimentos



Na cidade há casas a mais e a menos. A explicação está neste bairro do CDH, pronto a habitar mas com apartamentos a... 5000 contos cada

feridos membros no seu frenetismo presidencial.

Não admira, assim, que os Serviços Municipalizados sejam um caos, que haja quem esteja à espera há dois anos que lhe liguem a água apesar de ter pago tudo antecipadamente, que existam freguesias onde as populações têm depósitos e tubagens prontos há cinco anos sem que ainda se tivesse feito a distribuição domiciliária do precioso líquido, como acontece em Vale de Açor e na Brunheirinha, na freguesia de Bemposta (será por ser uma freguesia APU? Tudo leva a crer que sim, já que Vale de Açor — freguesia APU — e Bicas — freguesia PS —, sendo dois lugares contíguos e ligados à mesma rede, tiveram tratamento diferente quanto à ligação de água ao domicílio: o primeiro continua à espera e o segundo já tem tudo a funcionar).

Descentralize, homem, e seja menos sectário! Se não um dia destes as populações começam a reparar que é presidente há demasiado tempo, para tão pouco (e estranho) trabalho...

Turvar a água

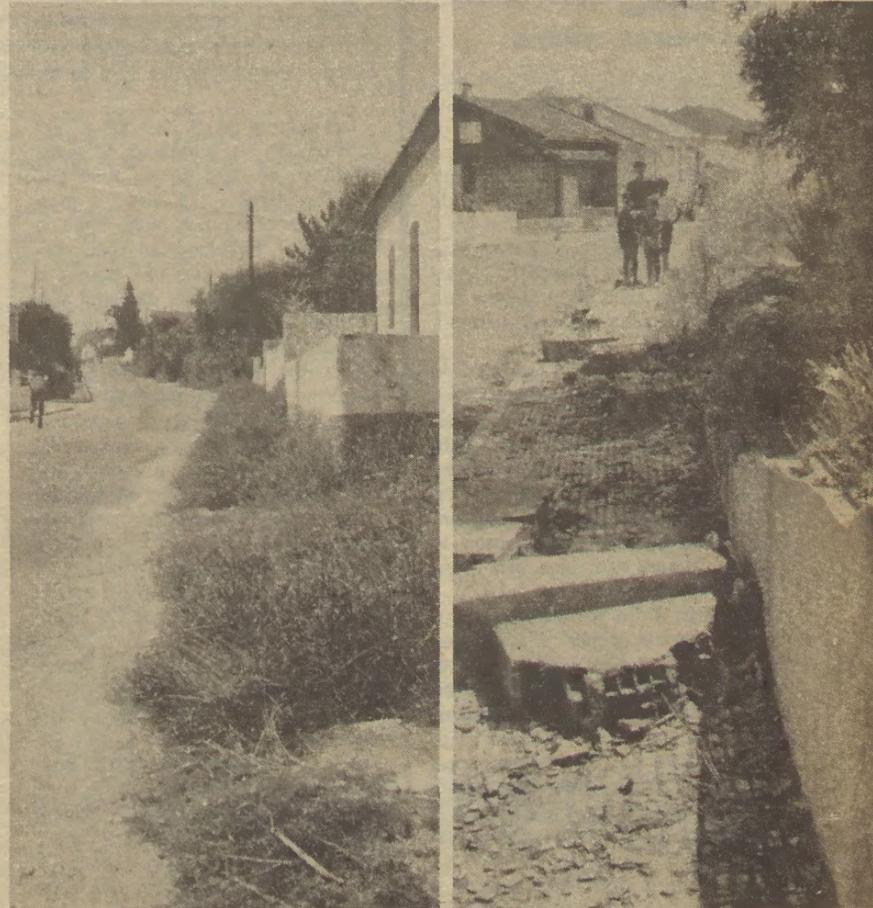
É claro que a acção de um vereador, nestas condições, fica fortemente condicionada — afirmou-nos Manuel Maria Lopes — mas cá temos procurado desenvolver uma actividade positiva. Por exemplo no Trânsito, a APU conseguiu fazer aprovar uma reestruturação que irá racionalizar o pandemónio que, na cidade, se arma todos os dias, em particular na zona centro. Pensa-se que tal reestruturação poderá entrar em vigor em Setembro próximo.

Está também aprovado o termi-

nal da Rodoviária e em fase de estudo a elaboração do projecto para dar início às obras ainda em 1985. Entretanto, pode-se considerar um êxito o funcionamento dos transportes escolares este ano, apesar de só tardiamente o Governo ter descentralizado verbas e produzido a legislação apropriada a esse seu rico objectivo de ter passado para as costas das autarquias responsabilidades que lhe deviam caber por intelo. Mas cá resolvemos o problema, e os transportes foram alargados a toda a população estudantil.

Há ainda uma proposta da APU para o mercado diário, de que o concelho tanto carece — e isto só para falarmos dos problemas de «ponta» a que temos atendido. Mas, como disse, a actividade de um vereador, na Câmara de Abrantes, está fortemente condicionada pelos métodos altamente centralizadores do seu presidente, o que restringe ainda mais a eficácia do executivo.

É claro que uma gestão deste tipo acaba sempre por ser incompetente e atabalhoada, além de turvar o suficiente as águas para não se saber o que por lá anda pescando o «dono» de tal método. E de tal Câmara. Acrescente-se, finalmente, que a Assembleia Municipal só funciona e tem alguma credibilidade graças aos representantes da APU, a única força política que por lá avança propostas, inquire o executivo, procura intervir numa gestão que é, por último, um produto acabado do autoritarismo, da demagogia e da incompetência, devido à acção de quem desconhece, do exercício do Poder Local democrático, as regras mais elementares. ■



Este muro foi construído por encomenda da Junta PS. Caiu há dois anos e hoje continua no chão, a «reforçar» o passeio. A Junta ainda não teve oportunidade de o remover, o que até se compreende: não está na área da administração da MDF, encontra-se «apenas» numa das ruas do Tramagal...

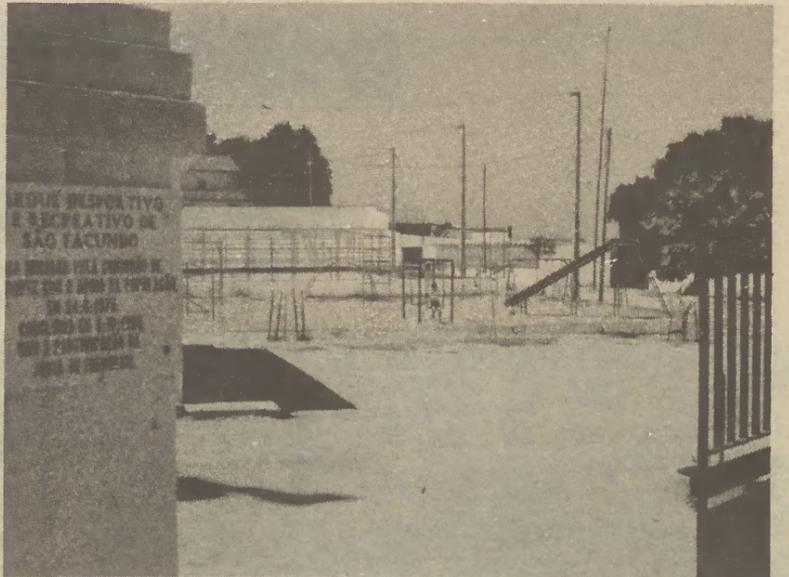
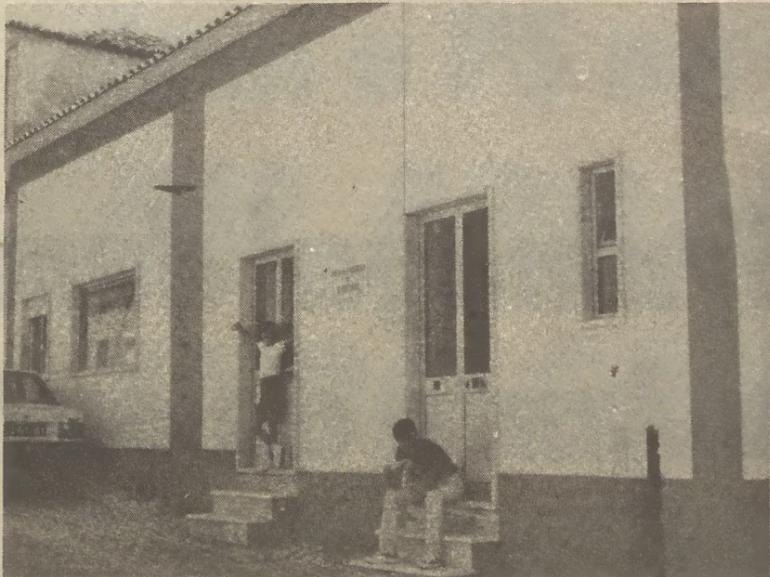
adequado ir safar a administração de uma situação provocada pelo despedimento arbitrário de um trabalhador...

João Rodrigues, técnico de desenho da MDF, elemento da Comissão de Trabalhadores, membro da Assembleia Municipal de Abrantes e deputado do PCP na legislatura que agora terminou, acrescentou:

A Câmara de Abrantes e sua respectiva Assembleia Municipal, têm tido, igualmente, uma atitude de conivência com o Governo nesta questão da MDF, e da aceitação dos despedimentos. Apenas a APU se



O jardim da administração da MDF, para onde a Junta PS mandou três homens desempenhar as funções de um trabalhador despedido, enquanto as valetas do Tramagal estão como a foto de cima documenta



Em cima à esquerda a nova sede da Junta de Freguesia de S. Facundo (anseio antigo das populações) e à direita o parque desportivo iniciado pela Comissão de Moradores e população e terminado com a colaboração da Junta

tem batido contra, através dos meios que tem ao seu alcance.

Os camaradas João Fernandes, programador de fabrico na MDF e membro da sua CT, e João Constantino, técnico de desenho e dirigente sindical, também presentes na conversa que a nossa reportagem manteve nas instalações da CT da MDF, recordariam que há três Câmaras directamente envolvidas com a MDF, já que têm municípios a trabalhar lá: Abrantes (PS), Chamusca (APU) e Constância (PSD). Pois apenas a Câmara de Abrantes não se tem solidarizado com a luta dos trabalhadores da MDF, apesar de representar o Concelho a que pertence a Freguesia do Tramagal — diriam.

A gestão dos muros caídos

Ora a Freguesia do Tramagal deu, nas últimas eleições autárquicas, uma quase paridade de votos ao PS e à APU (esta ficaria a escassos 12 votos do PS vencedor), ficando a sua AF constituída por 5 representantes do PS, 5 da APU e 3 do PSD. Que fez o PS? Aliou-se ao PSD e afastou a segunda maior força política da Junta. Só que, para além disso, parece não ter feito mais nada. De novo a palavra a José Diogo:

A acção da Junta PS tem sido de total inoperância. Por muitas voltas que se dê, não se encontra qualquer trabalho produzido por este executivo, e o que se descobre são coisas altamente desagradáveis. De resto tudo isto é do conhecimento geral da população. Mas vamos de novo a alguns exemplos, que resumem tudo. Peguemos em três:

Primeiro: o PS garantiu às populações que iria propor na AR a passagem do Tramagal a Vila e deixou caducar os prazos de renovação de requerimento para o fazer. Segundo: há aí um muro feito por eles, com o apoio da Câmara, que ficou tão bem feito que caiu. Não matou ninguém porque lhe deu para desabar de noite. De qualquer modo continua no chão, deitadinho no passelo, há já dois anos, porque a Junta pelos vistos só tem tempo para limpar o jardim da administração da MDF. Terceiro: o presidente PS teve o descaramento de ir para um tempo de antena do seu partido na televisão dizer, na cara do País e dos seus conterrâneos, que «chegou a estabilidade ao Tramagal, só com um Governo PS, que defende a estabilidade, se pode desenvolver o Tramagal». Chegou a «estabilidade»! imagine-se...

A APU, entretanto, tem sido o elemento «moralizador» deste estado de coisas, denunciando em profundidade a incompetência e falta de vergonha da Junta PS.

João Rodrigues remataria a conversa de um modo bastante incisivo, afirmando: «Por motivos de sanidade, é necessário alterar esta situação autárquica».

Dado o exposto, sem dúvida. E, no Tramagal como em tantas e tantas zonas do País, parece não ser muito difícil fazê-lo ■

Pôr direito virando do avesso

S. Facundo e Bemposta são as duas freguesias de maioria APU no concelho de Abrantes. Ambas estavam nas mãos do PSD e as duas passaram para a APU com aumentos espectaculares de votação: no primeiro caso ficou-se a 19 votos da maioria absoluta; no segundo conseguiu-se mesmo essa maioria. E em ambos os casos as populações dizem que «estes fizeram mais neste mandato que os outros nos seis anos que lá estiveram».

Começámos por S. Facundo e, procurando pelo seu presidente de Junta, entrámos no café do sr. José dos Santos Silveira («é esse o meu nome», informou-nos muito sério, à despedida). Bebemos um copo com ele e dele recebemos não apenas o endereço do presidente da Junta mas também a afirmação convicta de que «venha quem vier, já ninguém faz o que estes fizeram em tão pouco tempo — nem eles próprios!».

Contámos o episódio ao presidente da Junta de S. Facundo, Amílcar Alfaiafatinho, comerciante e autarca que não pára quieto, e logo ele derivou para não sei o quê que não tinha sido feito a tempo e horas, o que muito o incomodava. À volta de um lanche improvisado e de uma bela pinga da sua lavra, lá conseguimos que ele «enunciasse (e depois nos mostrasse), o que tinha sido feito «a tempo e horas» e tanto impressionara as populações.

Quando viemos para a Junta não encontramos nada. Um parque infantil que aí estava lançado pela Comissão de Moradores (de que eu fazia parte) e a população, esteve sempre «trancado» pela anterior Junta. Fomos nós que o concluímos, sempre com a colaboração da Comissão de Moradores e da população. A Junta investiu ali perto de 2000 contos e a Câmara não descentralizou qualquer verba.

Mas havia muito mais:

Construiu-se uma nova sede para a Junta e um cemitério, fez-se um parque infantil com a ajuda da AECOD (que deu 50 contos e emprestou 150 sem juros), está a ser feito o lavadouro da Esteveira para o qual a Câmara não deu um saco de cimento ou um bago de areia, ligámos a água de um poço (que por acaso é do meu pai) à rede para reforçar o abastecimento, acabando assim com as crónicas faltas de água (e a Câmara, que agora até cobra essa água aos consumidores, começou por tentar impedir que se ligasse o furo à rede), há parques infantis para colocar em todas as localidades da Freguesia (Barrada, Vale das Mós, Esteveira e um segundo para S. Facundo), além de se estar a diligenciar para

que o Vale de Zebrinho venha a ter mesa de voto própria nas próximas eleições.

Enquanto visitámos a freguesia, o presidente Alfaiafatinho não se cansava de sublinhar a importância da colaboração da Comissão de Moradores e da população com a Junta, bem como a solidariedade de várias Câmaras APU, contrastando com o desprezo manifestado pelo município de Abrantes.

O tempo era pouco e o que vimos foi a correr. Mas deu para perceber porque é que o simpático senhor José dos Santos Silveira previa, num sarcasmo com piada, que já ninguém faz o que se fez — nem a própria APU.

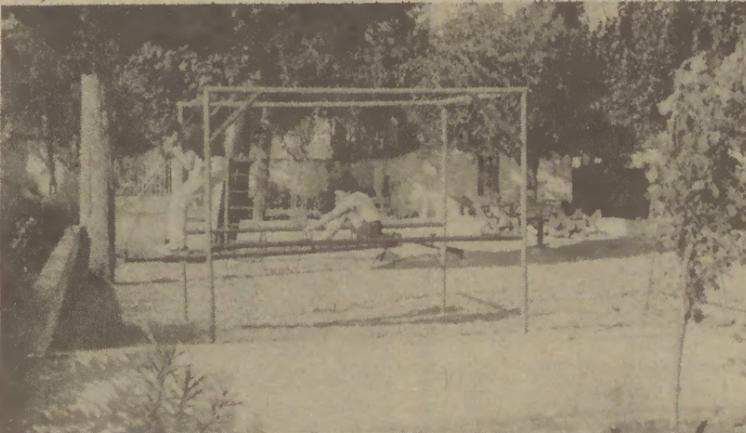
Pois não. Agora é preciso é continuar o que se fez!

«Bemposta — bem limpa»

A camarada Irene Marques Aparício, professora aposentada e presidente da Junta APU de Bemposta, aguardava-nos na sede da Junta e aproveitava o nosso atraso para pôr em ordem uma data de coisas. Foi por essa «data de coisas» que começou a nossa conversa:

As pessoas ignoravam a existência da sua própria casa — a sede da Junta. Antes, o presidente tratava «pessoalmente» os assuntos, obrigando as pessoas a procurá-lo. Com a APU tudo mudou: reanimou-se a sede (que se mobiliou e se referenciou com uma placa), organizou-se a escrita e um ficheiro adequado (que não havia), estabeleceu-se um plano de trabalho na base do programa eleitoral (e que está praticamente cumprido), reestruturaram-se os métodos de trabalho.

As palavras saíam-lhe fáceis, expressivas. Ela própria perguntou e respondeu:



A presidente da Junta de Freguesia de Bemposta, Irene Marques Aparício, que «virou tudo às avessas para pôr tudo direito», e em cima uma perspectiva do ajardinamento feito pela Junta no parque infantil da Bemposta



Amílcar Alfaiafatinho, o presidente de uma Junta que deve continuar em funções. Não somos nós a dizê-lo, mas as populações

E o que se fez? Muito resumidamente, foi o seguinte: pôs-se a funcionar um parque infantil na sede da freguesia e colocou-se um novo no Brunheirinho. A Junta é que suportou os custos. Queríamos pôr mais parques, mas há dificuldades na aquisição de terreno. Ensaibraram-se vários quilómetros de estrada (a freguesia ocupa um terço da área do concelho), conseguimos pôr o furo do Brunheirinho a correr para toda a população (mas a Câmara ainda não fez as canalizações para os marcos nem a ligação à escola). No resto da freguesia há um furo na Chamliné e um poço em Água Travessa, mas apesar da insistência da Junta e do vereador da APU, a Câmara também não pôs ainda a funcionar estes abastecimentos. Conseguimos que se comesse em Bemposta a implantação dos esgotos e desenvolvemos diversas iniciativas no campo desportivo e cultural: teatro (vieram cá vários grupos da zona), a criação da secção de ginástica a funcionar na sede recreativa de Bemposta, apoio às Festas anuais e aos grupos folclóricos do Brunheirinho e Chamliné, dinamização das comemorações do 25 de Abril, sarau de ginástica anual, um magusto de apoio e convívio às escolas primárias da freguesia. Além disso, tem-se renovado o sistema de iluminação da freguesia, com acrescentamento de ramais, conseguiu-se o apoio aos transportes escolares e o melhoramento das carreiras, em colaboração com o vereador da APU, criaram-se zonas verdes, plantaram-se árvores, abriram-se ruas, tratou-se da regularização das águas pluviais, acabámos com lixeiras, temos feito distribuição gratuita de cal no âmbito da campanha «Bemposta — bem limpa», e estamos a lutar pela abertura dos Correios.

Por esta amostra, não duvidamos que tais Correios não tardarão — nem que a Junta os vá buscar às costas!

É o que se chama pôr as coisas direitas virando tudo do avesso... ■

a TV

Servicinhos e «critérios»

Pelos vistos, a audiência da TV não está sujeita apenas à má informação: também está sujeita à provocação.

Porque de verdadeira provocação se tratou naquele editorial lido pelo director de Noticiários, domingo passado, a abrir o Telejornal, alinhado (em palavras e actos) pela posição de Proença de Carvalho.

Segundo o indivíduo, todos protestam contra a informação da RTP. Todos. O PCP, o PSD, o CDS, o PDC, a UDP, o PS: todos se julgam prejudicados, em modo e tempo, pelos serviços informativos da Casa...

Garante-nos ele que os jornalistas da Casa, tendo embora «as suas opções políticas»; «são independentes» e que nunca sobre eles «se verificou qualquer interferência...»

E mais: a informação da RTP sempre se orientou e continuará a orientar-se «por critérios jornalísticos, isentos, desapaixonados e independentes...»

É sujo. É porco. Tanto que nem dá para rir. Certos indivíduos possuem um juízo tão estreito e um alcance de tiro tão limitado que nem reparam no facto de que negar a evidência não faz senão tornar a evidência mais evidente.

As afirmações do tal director eram completamente gratuitas e de uma extrema leviandade. Cobrir os «servicinhos» com a capa dos critérios jornalísticos já seria feio; afirmar que esses critérios são isentos, torna tudo muitíssimo pior.

... Particularmente depois das notícias vindas a público relativas ao modo como se processam certas relações com o poder, dentro da RTP. Diante disso, qualquer indivíduo que se prezasse, a única via que tinha a seguir era: a demissão.

O que não se verificou. Também aqui, uma questão de critério...

Servicinhos e «critérios» — II

Entretanto, PS e PSD mostram demasiado o seu jogo.

Eles pretendem alcançar a **bipolarização**, tal como a entendem os ingleses e americanos: na Inglaterra, conservadores e trabalhistas; nos Estados Unidos, republicanos e democráticos.

Tudo estão fazendo para criar um clima de mútua agressividade que sirva a criação da clubite eleitoral. Estamos perante uma operação que, se não é concertada, não anda longe disso...

O local preferido para o «duelo» é, claro!, a televisão. Preferido e escolhido. O que, em termos de «independência» da informação na TV, não está nada mau...

PS acusa o PSD; o PSD acusa o PS; um diz, do outro, cobras, o outro diz, de um, lagartos; PSD acusa o PS de manipular a televisão; o PS diz que o maior beneficiado da televisão é o PSD...

Assim, a RTP faz crer que neste país, em termos políticos, só existem como alternativa o PSD e o PS. Tudo, evidentemente, em função de critérios jornalísticos isentos...

O grande espectáculo entre as «vedetas» políticas foi assim:

Primeiro, veio Cavaco Silva acusar o PS de monopolizar a televisão, enquanto o PSD era continuamente esquecido. Teve para a sua diatribe, três minutos e 30 segundos — o que, em medida de Telejornal, é muito tempo. Tinha um ar feroz...

No dia seguinte, o PS contra-atacou, na televisão, pelo Telejornal. Atacou... por intermédio... de um porta-voz. Género «comunicação ao país». Era o Pedro Coelho. Tinha um ar feroz...

E assim, servidos por «critérios isentos» de informação os partidos de Soares & Cavaco partilham a televisão com o fim de partilharem as eleições farsantes!

Servicinhos e «critérios» — III

E já que disse **farsantes**, a propósito:

Foi a RTP abordada por representantes sindicais de Setúbal que exigiam tratamento informativo condigno da situação social no distrito. Prometeram-lhes que iam tratar do caso.

O tempo foi correndo — e nada...

Nova manifestação do povo de Setúbal no Lumiar. Nova promessa. Que sim senhores, que iam ver o assunto...

Até que, no Telejornal de sábado, dia três, houve uma pequena reportagem: alguns contactos com os trabalhadores atingidos pelos salários em atraso ou pelo desemprego e depoimentos oficiais ou oficiosos com evidência para o do... governador civil!

A reportagem desembocou numa entrevista com... Alfredo Barroso, porta-voz do Governo. Aqui valeu tudo em termos de demagogia. Nem sequer esqueceram «os fundos que vamos receber da CEE»...

Não. Não quero crer que seria este o «tratamento» prometido pela RTP ao povo de Setúbal. Mesmo para farsantes — acho que é demasiado. E apesar de sabermos que na RTP não nos poupam a nada. Nem à provocação.

■ **Ulisses**

...Síntese... semanal da IMPRENSA

Candidato a novo embaixador dos EUA: programa de ingerência nos assuntos internos portugueses

O candidato a novo embaixador dos EUA em Portugal prestou declarações perante a Comissão de Relações Externas do Senado norte-americano.

O seu curriculum de activista reaccionário já era nosso conhecido. Ficámos agora a saber que o seu programa, como «diplomata», é uma política de activa intromissão nos assuntos internos de Portugal.

Não duvidamos de que o servil governo de Mário Soares aceitará passivamente a nomeação do sr. Shakespeare. O protesto nacional indispensável fê-lo o Partido Comunista Português.

Frank Shakespeare: no melhor nome cai a nódoa!

• «Frank Shakespeare, futuro embaixador norte-americano em Portugal, prestou esta semana as tradicionais declarações perante o senado.

Depois de Shakespeare ter sido ouvido pela Comissão de Relações Exteriores, o senador Larry Pressler concluiu: «Penso que temos muita sorte em tê-lo em Portugal como nosso embaixador. Tentarei conseguir da Comissão, até ao final da semana, «luz verde» para a sua nomeação.» Pressler, um republicano conservador do Dakota do Sul foi o único senador que se incomodou em interrogar o novo embaixador.

Shakespeare deixou claro nas suas respostas a Pressler que levará para Lisboa a determinação de insistir na necessidade de Portugal combater a «desinformação soviética» e de mudar a sua economia, afastando-a da predominância do sector público para um modelo de mercado livre.

A audição começou com algumas perguntas do senador Pressler acerca de relatos sobre desinformação soviética em Portugal e na Europa Ocidental. A estas questões, o próximo embaixador dos EUA no nosso país respondeu: «Não tenho conhecimento específico relativamente ao KGB ou a desinformação soviética em Portugal. Mas sei que a União Soviética está a dirigir uma campanha de desinformação na Europa, principalmente de forma encoberta, embora também use acções directas. (...) Acredito que os intelectuais ocidentais têm a responsabilidade de esclarecer o homem comum relativamente a essas práticas perigosas. Para os intelectuais é um dever moral.»

Comunistas: um problema

Quando Pressler o interrogou sobre as instituições democráticas portuguesas, o embaixador indigitado afirmou existirem «claramente alguns problemas (...) 15 a 20 por cento do povo português votou nos comunistas, e num comunismo votado a princípios estalinistas (...) quero dizer que os comunistas (em Portugal) não são euroco-

munistas — é um comunismo estalinista».

«O outro problema da democracia portuguesa é o seu sistema de representação proporcional que conduz à existência de múltiplos partidos e de governos de coligação que, por isso, são instáveis, comparado com o nosso sistema de dois partidos.»

«Existe no entanto alguma razão para optimismo: 80 por cento do eleitorado participa nas eleições e apesar de os comunistas terem 20 por cento dos votos, o Partido Comunista é colocado na sombra pelos outros partidos e não é incluído nas coligações.»

Mudar a economia

Falando depois na situação económica portuguesa, Shakespeare criticou as nacionalizações que se sucederam à revolução de 1974: «Para os que como nós acreditam que uma melhor situação vem do papel do indivíduo no mercado livre, é uma preocupação natural o facto de 60 a 70 por cento da economia depender do sector público. (...) pretendemos encorajá-los a mudar de rumo na direcção em que acreditamos possam conseguir progressos económicos, e tenciono fazer declarações segundo esta linha.»

Shakespeare referiu-se por duas vezes ao clima soalheiro de Portugal como ideal para a agricultura. «A agricultura é uma questão «pivot». Com esse clima Portugal deverá ser capaz de vender produtos frescos durante o Inverno na CEE. No entanto, o presente sistema agrícola do país, que não está modernizado, terá de enfrentar a competição do resto da Europa. Esta é uma área onde os Estados Unidos deverão concentrar a sua assistência. (...) Na minha opinião não estamos a fazer o suficiente. Devemos encorajar «joint-ventures» com permissão do Governo para desenvolver a agricultura deles.»

Luta anti-submarina

Maiores responsabilidades militares na NATO deverão, ainda segundo Shakespeare, ser assu-

midas por Portugal, em especial no domínio da luta anti-submarina. «Portugal já está bastante envolvido nesse domínio. Com a nossa assistência compraram aviões de luta anti-submarina e possivelmente, algumas fragatas (...) Portugal tem uma brigada destacada para a NATO que está quase totalmente equipada com armamento moderno. Para isso foram usados fundos norte-americanos. Também compraram alguns caças-bombardeiros.»

Galerias vazias

Durante a sua audição, Shakespeare foi acompanhado pelo responsável do Departamento de Estado para Portugal, Mare Nicholson. Na galeria do público, praticamente vazia, estava o embaixador português Leonardo Matias. Terminada a entrevista o embaixador avistou-se com Sha-

kespeare a quem cumprimentou polidamente.

Uma nota cómica durante a audiência ocorreu quando o senador Pressler, que não é conhecido por ser uma das mentes brilhantes do Senado norte-americano, exclamou subitamente: «Vejo que a expectativa de vida em Portugal é de 72 anos, o que é mais elevado que nos Estados Unidos. Devem ser um povo muito saudável.»

Shakespeare, muito seriamente, respondeu com uma certa cautela: «Talvez o clima tenha alguma coisa a ver com isso.»

Se o embaixador norte-americano em Lisboa não gosta da «economia socialista» de Portugal, não deixa porém de ter uma grande fé nos seus Invernos quentes.»

(Kar Bird e Max Holland em Washington, «Expresso», 3 Agosto)

O PRD e as comparações

«Sem dúvida que, por comparação com o PS, com o PSD e com o CDS — que carregam aos ombros todo um passado de péssimas provas dadas — o PRD se apresenta, para além de muitas outras, com a vantagem de, obviamente, sendo um novo partido, não ter ainda prestado más provas. Mas, por comparação com o PCP e a APU, além de muitos outros aspectos, o PRD tem correlativamente a desvantagem de ainda não ter feito na vida a prova provada da sua coerência entre as palavras e actos e do seu empenho, concreto, constante e inalterável, na defesa dos interesses populares e na luta por uma nova política. (...)

A positiva alteração do quadro partidário (a que, com os resultados de 6 de Outubro, deverá corresponder e seguir-se uma

nova correlação e arrumação de forças no plano político-institucional) não alterou, entretanto, uma grande realidade política pré-existente; o facto de os votos confiados à APU continuarem a ser os únicos sobre os quais há a absoluta certeza — radicada na experiência — de que jamais serão utilizados para favorecer a continuação, em velhos ou novos moldes, da política de desastre; jamais serão canalizados para sustentar soluções governativas que recuperem para o governo do País os que justamente forem penalizados e severamente condenados nas urnas; e sempre darão a garantia de, num quadro de vasto e flexível entendimento democrático e patriótico, servirem de base fiel a uma alternativa democrática.»

(V. P. Morais, «o diário», 4. Agosto)

QUANDO O HOMEM DÁ O MELHOR DE SI PRÓPRIO

Sem tréguas

Giovanni Pesce

A história empolgante e comovente da resistência ao ocupante nazi no Norte de Itália. Contada por um resistente da primeira hora - um comunista combatente que evoca também episódios dramáticos da guerra de Espanha.



Um livro de grande riqueza humana, de um profundo sentido político e literariamente perfeito.



edições
Avante!

Coleção "RESISTÊNCIA"

Já cá faltava...

Já cá faltava mas não se perdeu pela demora. Se Mário Soares e Almeida Santos haviam dado a entender que o grande desastre havia sido a queda de um governo quando agora tudo ia correr melhor, Ernâni veio — liminarmente — classificar a política seguida pelo seu Ministério de «sucesso total!» O Ministério das Finanças, promovendo-se a departamento de propaganda eleitoral, divulgou recentemente um documento anunciando um «pacote financeiro» — a descida das taxas de juro classificada como a «medida de mais sensível impacto imediato na vida económica do país» foi uma delas — e «revelando» a «desaceleração do ritmo da inflação». Por fim vem o tal «relançamento da economia» que... foi posto em causa pela queda da coligação e do Governo. Estão a ver como eles governaram bem? E se os deixassem...

Os parceiros do negócio

Enquanto Ernâni se desunhou a encontrar na sua governação — de parceria PS/PSD — um «sucesso total», logo secundado pelas operações de propaganda dos órgãos de comunicação social onde o soarismo dispõe de alavancas atentas e

Pontos Cardeais

obrigadas, os parceiros deste negócio acham que não. Se Ernâni criticou a política económica «AD», onde pontificaram Cavaco, Leitão e Salgueiro sob a batuta de Sá Carneiro e de Pinto Balsemão, este último não se calou. Respondendo ao ministro, Balsemão acusou Ernâni de eleitoralismo — ora essa! — e despejou: «convém não esquecer que é a partir de 1984 que a palavra fome é reintroduzida nos artigos dos jornais, nas homilias dos bispos e no vocabulário dos portugueses!» Querem ver que o PSD não está no Governo e nem por lá passou?

Vai haver fita?

Que nome escolheu o CDS para figurar em segundo na lista de Lisboa para as legislativas, a seguir à figura do chefe Lucas? Nada mais nada menos que Abecasis — homem das torres que se arriscaria a cair de alto, com a já falada aliança PS/PSD na Câmara de Lisboa. Homem de fitas — das de cortar

e das de encenar à porta de cinemas —, Abecasis prepara-se então para tomar lugar na Assembleia da República a eleger proximamente. E os seus parceiros de bancada — a eleger — devem já preparar-lhe um lugar bem amplo, lembrados que devem estar dos modos buliçosos do Krus. «Vou lá e escaqueiro tudo», tinha ele ameaçado quando se anunciava a projecção do polémico filme de Godard. Mas o que ele tem de facto escaqueirado ao longo destes anos tem sido a cidade de Lisboa. Agora prepara-se para ajudar a escaqueirar o país inteiro.

A exibição da... semente

Enquanto critica acerbadamente «o exibicionismo das campanhas de alguns partidos», o CDS revela que a sua não vai nem em exibicionismos nem em gastos. Pelo contrário! «Semear para colher», foi o *slogan* escolhido pelos «centristas» a pretender dar a ideia de que o CDS é um partido poupado e

que o país lhe deve seguir o exemplo. O país, dizem eles, «deve produzir em vez de gastar». E desse modo, para que o país produza, o CDS decidiu distribuir sementinhas nos comícios eleitorais... Nada de exibicionismos, portanto. As sementinhas, distribuídas aos saquinhos, são para semear à noite, com certeza. Dentro de casa, de preferência. Para ninguém ver o que de lá sai.

Ir à Lua

Depois da estrondosa afirmação de Cavaco e Silva, que se disse disposto a «ir à Lua, se necessário, para criar um PSD mais forte», o partido que lidera deixou-se ao trabalho de lhe facilitar a viagem. Parece que a equipagem já está escolhida: o PSD já formou uma sombra de executivo composta de nove elementos preparados para tudo. Alguns já deram provas. Amândio de Azevedo, por exemplo, um homem que esteve na Lua este tempo todo, que nem via o desemprego pelo país nem os salários em atraso. Por não ter sido integrado na equipa de lançamento, José Vitorino, o homem que apenas merece o terceiro lugar, pôs o Algarve em pé de guerra. Quinhentos militantes do PSD já mostraram que querem deitar os bilhetes fora e não participar na viagem, recusando-se a acompanhar Cavaco à Lua.

Gazetilha

por Ignotus Sum

I

Lá veio o Coelho, armado em porta-voz, à TV. Estava muito chateado vejamos então porquê. Dizia, e mal se concebe, a fúria que o pobre tem naquele ponto afinal, que o PS não recebe de ninguém, mas de ninguém, umas lições de moral.

Pensa quem o ouviu bem: — Aí é que está o mal...

II

Confrontado com todo o mal que fez o Soares anda à rasca, desta vez...

Foi a coligação um triste abraço: mais fome, mais miséria, mais fracasso...

Diz ele com os truques da batota: «Tiramos o país da bancarrota

e fazer rica e alegre toda a gente de todo era impossível, francamente...»

Ele tirou da bancarrota, a quem? Talvez alguns agrários; mais ninguém.

Porque, se a um lado os ricos dão sinais, os pobres-pobres cada vez são mais.

Homem, tome lá tento no que diz se não, daqui a mais, o seu nariz

que cresce ao som do falso realejo, fica maior que a ponte sobre o Tejo...

III

Na TV nos aparece com o seu brilho sinistro como primeiro-ministro como chefe do PS também como candidato ardoroso a presidente, são três faces sem recato de trás, de perfil, de frente e ainda havemos (à obra, esta é a verdade sua!) inda o havemos ver na rua a vender banha de cobra...

IV

Dizem eles, com enganos, mamando as tetas das vacas, que dentro de uns oito anos acabam com as barracas. Mas o povo já está a ver que com as rendas brutais mais barracas há-de haver e há-de haver cada vez mais. Barracas já deste tantas e já foi tanta a cantiga que tu, ó Bochechas, cantas e o povo já nem te liga...



Agenda

Festas Fim de Semana

Alcácer do Sal — sexta, sábado e domingo

Festa Vitória de Abril em Rio de Moinhos. Estarão presentes Eduardo Pancias, na noite de sexta, o grupo Al-Kassr e Nuno e Henrique na noite de sábado. Luísa Araújo (do Secretariado do CC do PCP) fará uma intervenção política pelas 21.00 de sábado.

Santiago do Cacém — sábado e domingo

Festa do Cercal

Setúbal — sábado

Exibição de ranchos folclóricos e fado com Fernando Farinha numa iniciativa da organização local da Gâmbia.

Grândola — sábado e domingo

Festa Popular de Melides

Mértola — 14, 15 e 17

Começando na quarta-feira e prolongando-se pelos dias 15 e 17, a Festa de Verão da Mina de S. Domingos. Com conjuntos musicais e provas desportivas. Esta iniciativa da Comissão de Freguesia da Corte do Pinto do PCP e da Comissão Concelhia de Mértola destina-se à promoção e propagação da Festa do «Avante!» e à angariação de fundos para a construção do Centro de Trabalho «Serrão Martins» em Mértola.

Jornadas de trabalho no Alto da Ajuda: todos os dias!



Quinta

• LISBOA
Reunião dos camaradas naturais dos concelhos de Arganil, Góis, Oliveira do Hospital, Pampilhosa da Serra e Tábua (Distrito de Coimbra), residentes na área de Lisboa, com vista à preparação das próximas eleições autárquicas. No CT Vitória pelas 18 horas.

Sexta

• ALCÁCER DO SAL
Festa «Vitória de Abril» em Rio de Moinhos, uma iniciativa da organização local do Partido. Com início hoje, prosseguindo até domingo. No sábado, uma intervenção de Luísa Araújo, do Secretariado do CC do PCP.

• MARINHA GRANDE
Às 21.30, no CT da

Marinha Grande, reunião de militantes sobre a situação política e as próximas eleições. Participa o camarada José Augusto Esteves, do Comité Central.

Sábado

• ALMADA
Encontro do PCP Sobre Problemas da Emigração. Com início no sábado e até domingo decorre em Almada na Sociedade Filarmónica Incrível Almadense o Encontro do PCP Sobre Problemas da Emigração. Na noite de domingo realizar-se-á uma iniciativa cultural e de convívio dedicada aos participantes e convidados do Encontro.

• SANTIAGO DO CACÉM
Festa do Cercal, iniciativa da organização local do Partido.

• GRÂNDOLA
Festa Popular de

**ENCONTRO DO PCP
SOBRE
PROBLEMAS DA EMIGRAÇÃO**

**SÁBADO E DOMINGO
INCRÍVEL ALMADENSE
ALMADA**

Melides, numa iniciativa da organização local do Partido que decorrerá até domingo.

• SETÚBAL
Festa do Organização Local da Gâmbia.

Domingo

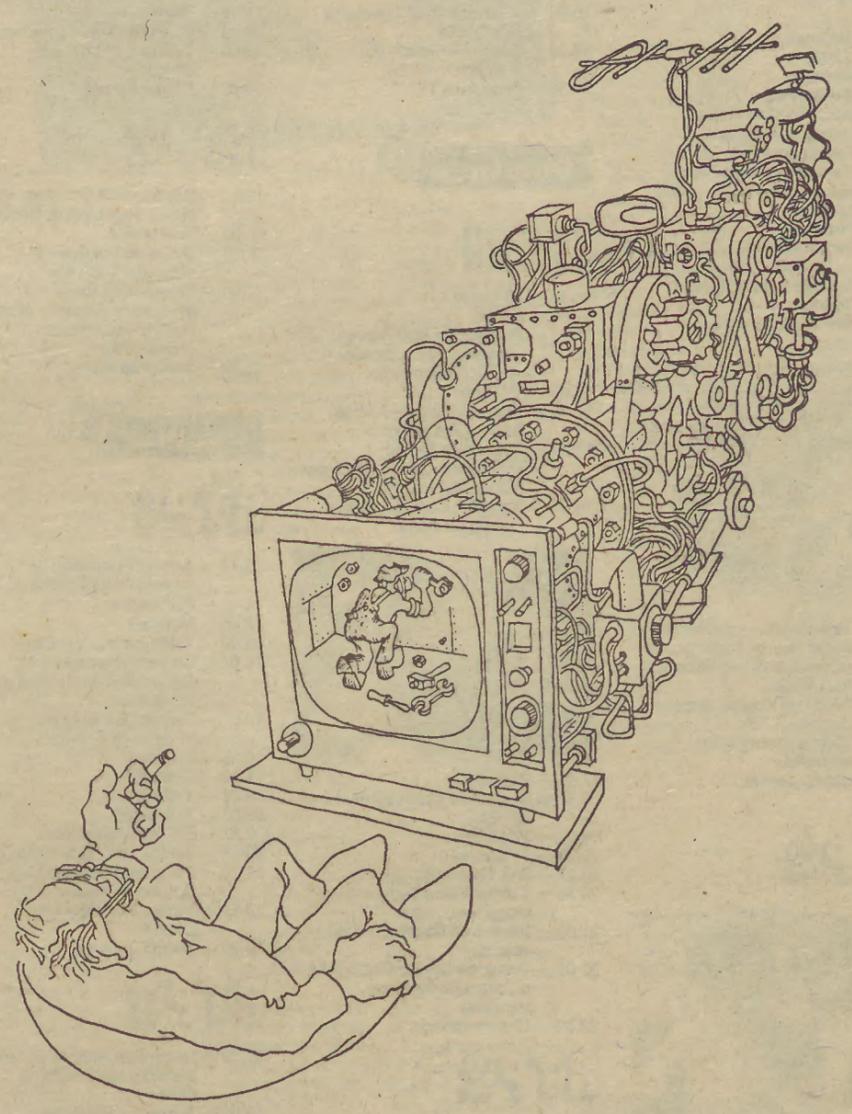
• MARINHA GRANDE
Na praia das Pedras Negras, a partir das 13 horas, um convívio em que participa o cama-

rada Carlos Pinhão, do Comité Central. É uma iniciativa da organização local da Marinha Grande.

• PORTO
O Barco da Amizade e da Paz — uma iniciativa do MDM de solidariedade com as mulheres da África do Sul estará no Douro, culminando com um piquenique convívio em Arnelas, Gaia.

Quarta

• MÉRTOLA
Numa iniciativa da Comissão de Freguesia da Corte do Pinto e da Comissão Concelhia do PCP, decorrerá com início no dia 14 (prolongando-se por 15 e 17), a Festa de Verão da Mina de S. Domingos. Esta iniciativa destina-se à promoção e propagação da Festa do Avante.



André-François Barbe (1936-) in «Les chefs-d'œuvre du Dessin d'humor». Préface de Jacques Sternberg, editado por «Éditions Planète», 1968.

TV O Programa

Quinta
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Vila Faia», 67.º Episódio
- 15.50 — Natação: Transmissão directa de Sónia dos Campeonatos da Europa
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos: «As Aventuras de Marco Polo»
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Programa da Direcção de Informação
- 19.20 — Pequenas e Médias Empresas: 5.º Programa
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela: «Louco Amor», 25.º Ep.
- 21.15 — Triangular: Programa da Direcção de Informação
- 22.15 — Série: «Os Últimos Dias de Pompeia», 6.º e último Ep.
- 23.05 — Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.25 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados: «Recruta Bailey»
- 20.00 — Conheça Melhor: A grande muralha da China
- 20.30 — Série: «O Misterioso Dr. Cornelius», 1.º Ep.
- 21.40 — Encontros com Paulo Santiago: Que interpretará «Visions Fugitives», de Prokofiev
- 22.30 — Jornal da Noite.

Sexta
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
- 15.55 — Natação: Transmissão directa de Sónia dos Campeonatos da Europa
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos: «Bons Escuteiros», «Pato Donald»
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Retratos em Si: (5.º progr.) — Olga de Cadaval
- 19.20 — Gabriel Garcia Marquez
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico



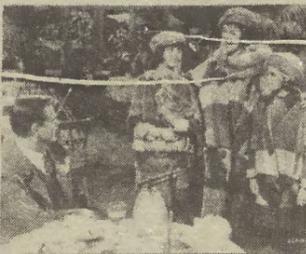
- 20.30 — Telenovela: «Louco Amor»
- 21.15 — Jorge Palma: Espectáculo recentemente realizado na Aula Magna
- 22.30 — Série: «A Vida de Jesse Owens», 1.º Ep.
- 23.10 — Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.50 — Último Jornal.

RTP2


- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Série: «Recordações», 9.º Ep.
- 21.00 — Directo/2
- 22.30 — Jornal da Noite.

Sábado
RTP1

- 13.00 — Tempo dos Mais Novos
- 14.00 — Série: «O Pai Murphy»
- 15.00 — Revista de Touros
- 15.30 — História dos Metais e do Homem: 4.º Progr. (A primeira grande crise de energia na Europa, provocada pela falta de madeira a partir do final do século XVI, como uma das causas da Revolução Industrial e da moderna utilização dos metais)
- 16.30 — Natação: Campeonato da Europa em Sónia
- 17.30 — Panorama
- 18.30 — Série: «Separados Pela Espada», 6.º Ep.
- 19.45 — Totoloto
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Série: «Cheers»
- 21.00 — O Bem Amado: «O Dia em que Waldike foi a Sucupira»
- 22.00 — Aplauso: Cascais Jazz/84
- 23.00 — Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.30 — Último Jornal



- 23.20 — Sábado Especial: «Gipsy, a Cigana», adaptação de um musical da Broadway que retrata a vida artística de uma «stripteaser». Real. Marvyn Leroy (EUA/1962).

RTP2

- 18.30 — Troféu
- 20.00 — Animação: «O Talento de Tex Avery»
- 20.30 — Série: «A História do Vietname», 2.º Ep.
- 21.30 — FilMOTECA TV.

Domingo
RTP1

- 10.30 — 70 Vezes 7
- 11.00 — Missa
- 12.00 — Tempo dos Mais Novos: «Era uma Vez o Espaço» e «O Cão Vagabundo»
- 13.00 — TV Rural
- 13.30 — Documentário: «A Arma Secreta dos Insectos»
- 14.20 — Sessão da Tarde: «Flamenca», real. Don Siegel (Espanha-EUA/1958)
- 15.55 — Natação: Campeonatos da Europa em Sónia



- 17.00 — Fórmula J
- 18.30 — No Mundo dos Fraggles: 12.º Ep.
- 19.00 — Top Disco
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Coimbra sem Tempo: 4.º prog. — «O Amor»
- 21.00 — Ventos de Guerra: (último episódio)
- 22.00 — Domingo Desportivo: (inclui a Volta a Portugal em Bicicleta)
- 23.00 — Último Jornal.

RTP2

- 19.17 — Nós Por Cá
- 20.00 — Fronteiras da Música
- 20.30 — Canal Livre: «A Nova Temporada de Caça»
- 21.30 — Cine-Clube: «A Carroça Fantasma», real. Julien Duvivier (França/1939).

Segunda
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.45 — Jerusalém: «Perfil Cultural»
- 19.20 — O Mundo da Ciência: 3.º Ep.
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Direito de Antena: PS, PSD, PCP
- 21.10 — Telenovela: «Louco Amor»
- 21.50 — Concerto: Organizado pela Santa Casa da Misericórdia
- 23.20 — Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.40 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados: «Serafim Agente Secreto»
- 20.00 — Documentário
- 20.30 — RTP/Açores
- 21.00 — Telefilme: «A Excursão dos Finalistas»
- 22.30 — Jornal da Noite

Terça
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos: Bel e Sebastião
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Século XX: «O Mundo em Guerra»
- 19.55 — Bol. Meteorológico, para a Agricultura
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela: «Louco Amor»
- 21.15 — O Corpo Humano: 15.º ep.
- 21.45 — Panorama
- 23.15 — Tudo em Família: 65.º ep.
- 23.40 — Volta a Portugal em Bicicleta
- 00.00 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados: «As Novas Aventuras de Zorro»
- 20.00 — Videopolls
- 20.30 — O Mundo em Guerra: «Portugal 1939/45»
- 21.00 — Sessão das Nove: «O Monstro na Primeira Página», Real. Marco Bellocchio (Itália/1972)
- 22.30 — Jornal da Noite.

Quarta
RTP1

- 11.17 — Solene Pontifical: (6.º centenário da Batalha de Aljubarrota)
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
- 16.02 — Comemorações do 6.º Centenário da Batalha de Aljubarrota
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos: «Enquanto é Tempo»
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Trânsito
- 19.20 — Telemundo
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela: «Louco Amor»
- 21.15 — Programa Especial: «A Batalha de Aljubarrota»
- 23.15 — Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.25 — Último Jornal.

RTP2

- 19.32 — Desenhos Animados: «As Misteriosas Cidades do Ouro»
- 19.50 — A Arte e as Coisas: Personagens Revisitadas, 2.º prog.
- 20.30 — O Mundo em Extinção: 18.º ep.
- 21.30 — Itinerários Artísticos: «De Metz a Lião», 2.º ep.
- 22.30 — Jornal da Noite.

Livros

A Crise Económica e Social no Mundo, Fidel Castro; colecção «Problemas do Mundo Contemporâneo», Edições «Avante!», Lisboa, 1984. Preço 500\$00.

Não há praticamente dia nenhum que os órgãos de Informação não falem do assunto. Em pequenas notícias soltas ou em grandes artigos analíticos mais ou menos complexos, quase sempre com termos cujo significado escapa ao leitor comum, a verdade é que a palavra crise entrou no vocabulário de toda a gente.

Fala-se de crise a torto e a direito, fala-se a mais das vezes muito para dizer pouco e explicar menos. Porque se é certo que para o comum dos mortais, crise quer dizer inflação, desemprego, subdesenvolvimento, fome, não é menos certo que poucos sabem de facto as causas que a provocam.

Tornou-se hábito ouvir culpar o petróleo, o dólar, as taxas de juro, coisas estranhas e distantes que os povos aprenderam a temer como maus presságios. Mas porque é que isso influi no pão, nas batatas, no peixe ou na carne, nas casas que não há e nas escolas que faltam? Porque é que há países ricos e países pobres e qual a razão porque o fosso entre ambos não pára de se aprofundar? E

pre os países do chamado Terceiro Mundo a pagar o preço mais elevado nas tentativas para as ultrapassar.

É saber, como refere também o camarada Fidel Castro, dos angustiantes problemas da miséria e atraso acumulados, da dívida externa imensa e impagável para a enorme maioria, da relação desigual de intercâmbio cada vez mais brutal, do terrível perigo de uma guerra nuclear que ameaça todos os povos e que se junta ao esbanjamento fabuloso da mais absurda corrida de exploração que pesa sobre as nações do Terceiro Mundo e da horrível herança histórica deixada por séculos de exploração colonialista e neocolonialista até se chegar à situação actual em que a exploração se tornou mais refinada, impiedosa e cruel do que nunca.

Mas o mais importante ainda é que através deste livro, que não apresenta remédios mágicos para tão difíceis, complexos e aparentemente insolúveis problemas, como o próprio Fidel reconhece, é possível chegar à conclu-



será possível que algum dia a situação seja diferente?

O livro do presidente cubano, Fidel Castro, que as Edições «Avante!» publicaram há pouco mais de um ano responde a estas e muitas outras questões. E não se pense que perdeu actualidade; de então para cá a situação não deixou de evoluir e os problemas de se agravarem, ao mesmo tempo que aumentou a consciência internacional da necessidade de lhes fazer face.

Não é uma tarefa fácil. Como diz Fidel logo na introdução do livro, as realidades e as perspectivas, vistas no seu conjunto, são tão sombrias que, se não estivessemos seguros dos nossos propósitos, poderiam gerar pessimismo e desalento. É como um remédio amargo que devemos inevitavelmente ingerir, pois não há outra forma de começar a enfrentar essas realidades que não seja tomar primeiro consciência delas.

E tomar consciência da realidade é saber como e porquê se geram as crises económicas a nível mundial e por que razão são sem-

são de que muito pode e deve ser feito desde que nessa tarefa se empenham todas as forças.

É a luta dos países do Terceiro Mundo contra a incompreensão, o egoísmo, os interesses colossais e o enorme poderio tecnológico, económico, militar e político do Imperialismo e das suas formas neocolonialistas, assim como com as leis rígidas e inexoráveis que regem esse sistema.

É sem dúvida uma luta desigual. Mas como sublinha o autor, não resta aos países do Terceiro Mundo outra alternativa que não seja lutar, confiando na imensa capacidade moral e intelectual da espécie humana e no seu próprio instinto de conservação, se é que queremos albergar a esperança de sobreviver.

Só com um gigantesco esforço — afirma — e com a contribuição moral e intelectual de todos podemos enfrentar um futuro que objectivamente se vislumbra desesperado e sombrio, em especial para os povos do Terceiro Mundo.

Cinema A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A Os Amantes de Maria	★★★★★	★★★★	★★★	★★★★	★★★
B A Caixinha de Surpresas	—	—	★★★★	★★★★	—
C Diner-Adeus Amigos	★★★	—	—	—	—
D A Laranja Mecânica	—	★★★★	★★★★	★★★★	—
E Para Além do Paraíso	★★★	—	★★	—	—
F Reacção em Cadeira	★★	—	—	—	—
G Rocco e Seus Irmãos	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
H Starman-O Homem das Estrelas	★★★★	—	★★★	★★★	—

A — Real. Andrei Konchalovsky — Alfa-Clube (14, 16.30, 19, 21.30, 24.00), Cinebloco (14.30, 16.45, 19, 21.30) — Lisboa.
 B — Real. Walt Disney — Caleidoscópio (14, 16.30, 19, 21.30), Fonte Nova/3 (14.45, 17, 19.15, 21.45) — Lisboa; Águla d'Ouro (18.45, 21.45) — Porto.
 C — Real. Barry Levinson — S. Jorge/3 (14.30, 16.45, 19, 21.45) — Lisboa.
 D — Real. Stanley Kubrick — Quarteto/2 (14, 16.30, 19, 21.30, 23.30) — Lisboa.
 E — Real. Jim Jarmusch — Quarteto/3 (15, 17, 19, 21.30) — Lisboa.
 F — Real. Mike Nichols — Alfa/1 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), Berna (14, 16.30, 19, 21.30), S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30) — Lisboa; Foco (19, 21.45), Passos Manuel (19, 21.45) — Porto.
 G — Real. Luchino Visconti — Quinteto (14, 17.30, 21) — Lisboa.
 H — Real. John Carpenter — Nimas (14, 16.30, 19, 21.30), S. Jorge/2 (14.15, 16.30, 18.45, 21.15), Sétima Arte (14.45, 17, 19.10, 21.45) — Lisboa.

Classificação de
 * a *

Teatro O Cartaz

• LISBOA
ABC, Parque Mayer. Às 21.45; Sáb e Dom também às 16.00. **Fininho mas Jeltosinho**, de J. Bettencourt, versão de César Oliveira e R. Solnado, enc. Carlos César.
Casa da Comédia, R. S. Francisco de Borja, 24. De 3.ª a 5.ª / 21.45; dom./18.00. **Savannah Bay**, de Marguerite Duras, enc. Filipe La Ferla.
Maria Vitória, Pq. Mayer. **Não Batam Mais no Zezinho**, de H. Santana, Nicholson e Zambujal, enc. H. Santana. De 3.ª a Dom./20.30 e 22.45; Dom. e feriados também às 16.00.
Teatro do Bairro Alto, R. Ten. Raul Cascais, 1-A. De 3.ª a Sáb/21 h; Dom/16 h. **Ricardo III**, de W. Shakespeare, enc. Luís Miguel Cintra — A Cornucópia (até 11/8).
Teatro da Graça, Trav. S. Vicente, 11. Terça a Sáb/22.00; Sáb/e Dom/17.00. **A Noite e o Momento**, de Crébillon Fils, enc. Carlos Fernando — Grupo Teatro Hoje.
Teatro Vasco Santana, Entrecampos (Feira Popular). 3.ª a 5.ª / 21.30. **Jardim de Outono**, de Lillian Hellman, enc. Luzia Maria Martins — Teatro Estúdio de Lisboa.
 • PORTO
Sá de Bandeira, de 3.ª a Dom./21.30. **O Super Silva**, enc. João Mota (Até 11/8).
 • CASCAIS
Teatro Experimental de Cascais. 6.ª e Sáb/21.45; Dom/17.00. **Arraial-Miúda**, de Jaime Gaiheiro, enc. Carlos Avilez.
 • FARO
Teatro de Bolso, R. do Rasquinho, 16. De 3.ª a Sáb/21.45. **Amor de D. Perlimplim com Bellsa em seu Jardim**, de Garcia Lorca, enc. Luís Aguilhar — Teatro Laboratório de Faro.
 • SETÚBAL
Teatro de Bolso do TAS, Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9. **Luisa Todt**, texto de Fernando Gomes e Rui Mesquita, enc. Fernando Gomes.
Para crianças
 • PORTO
Sala-Estúdio do Pé de Vento, R. das Virtudes. Sáb. e Dom./16.00. **A Guerra do Tabuleiro de Xadrez**, de M. Ant. Pina, enc. João Luis.
 • BRAGA
Casa Municipal da Cultura. Sáb. e Dom./11.00. **A Incrível História de Tomás Paramim e do Selvagem Rha**, enc. Rui Madeira — CENA — Comp. de Teatro de Braga.



Exposições

Arqueologia Industrial, «Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.ª, 4.ª, 5.ª e dom./10 às 17; 6.ª e sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém.

Azulejos do Século XIV aos Nossos Dias. De 3.ª a dom/10 às 13 e 14.30 às 17. Museu Nacional do Azulejo — Convento da Madre de Deus.

Colecção Calouste Gulbenkian. Expostas no Museu e nas Galerias da Fundação, peças — dos tapetes orientais aos livros preciosos — organizadas sob a designação «Reservas da Colecção».

Colectiva de Verão, Galeria Fonte Nova, Estrada de Benfca, 503. Até 6/9.

Desenho e Serigrafia, 46 trabalhos de 16 artistas. De 2.ª a 6.ª, das 14.30 às 19.30. Ditec-Espaço Arte, Av. da Igreja, 46-A. Até 30/8.

Humberto de Castro, pintura. O Camarim, R. Heliodoro Salgado, 47.

Marília Nunes, pintura. Fund. Ricardo Espírito Santo, Lg. das Portas do Sol. De 3.ª a sábado, das 10 às 13 e das 14.30 às 17.00. Até 17/8.

Nova Ourivesaria portuguesa, um espaço em que também estão expostas peças da colecção do Museu. Trabalhos de professores e alunos do Ar.Co, com a utilização de novos materiais. Museu Nacional de Arte Antiga. Até 29/9.

Pintura — Helena Mata, Maria José Ferreira e Teotónio. De 2.ª a 6.ª das 10 às 19, Galeria Altamira, Rua Filipe Folque, 48-A. Até 30/8.

«Um Rosto para Fernando Pessoa» — o poeta retratado por 33 pintores nossos contemporâneos. Na nave superior do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian.

Vestir 1955-85. A moda nos últimos 30 anos. Museu Nac. do Traje, Palácio do Montelro-Mor, Lumiar.

Vieira da Silva, pintura e obra gráfica — alguns dos trabalhos dos últimos 25 anos. Galeria 111, Campo Grande, n.º 113.

Arte para as Férias. 3.ª a sáb. das 16 às 19.30. Galeria EG, Rua do Crato, 210. PORTO.

João Cutileiro, esculturas em mármore. Centro Cultural de S. Lourenço ALMANSIL

Arquitetura e Escultura Góticas. Até 3/11. Mosteiro de St.ª Maria da Vitória. BATALHA.

1.ª Bienal Nacional de Escultura ao Ar Livre. Até 29/9 nos jardins do Museu Municipal António Duarte CALDAS DA RAINHA.

José de Azevedo, aguarelas: «Olhar o Mar» de 4.ª a dom./15 às 18.00, de 13/7 a 24/8. Por ocasião do 5.º Festival de Música dos Capuchos, no Convento dos Capuchos. CAPARICA.

António Ailjé — «Mitografias». Galeria Alfarroba, Trav. Visconde da Luz, 7. De 2.ª a sáb., das 15 às 19.30. Até 14/8. CASCAIS.

Homenagem a Gil do Monte (Felício José Pássaro) — exposição bibliográfica no Museu. EVORA

Colectiva de pintura (Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Guima, Jorge Martins, Nadir Afonso e outros). De 3.ª a domingo, das 15

às 19.30. Galeria Gilde, S. Torcato. GUILMARÃES.

Cargaleiro, retrospectiva de serigrafia. Até 15/8. Galeria da Pousada, PALMELA.

Edlth Ambuhl, desenhos: «Mãos de Mulheres». Museu Municipal. PENICHE

Vida e Cultura Popular no Concelho de Santiago do Cacém, exposição organizada pela Câmara e patente no Museu Municipal até 21/9. SANTIAGO DO CACÉM.

Arqueologia Naval. Exposição itinerante organizada pela Ass. dos Municípios de Setúbal, a percorrer todos os concelhos do distrito, SETÚBAL.

Eduardo Lemos, pintura. Todos os dias, das 12 às 21. Até 16/8. Trav. de Santa Catarina, 11. SETÚBAL.

Kira. Todos os dias, das 12 às 13, até 31/8. Galeria de Arte do Castelo de S. Felipe. SETÚBAL.

Quatro Mulheres — pintura e escultura (Cristina Paula, Elsa, Isabel Sabino, Noémia Cruz). Galeria de Exposições Temporárias do Convento de Jesus/Museu de SETÚBAL.

...e ainda Música, debates, etc.



Música
 Em pleno Agosto, com o teatro de férias e prestes a terminarem os festivais de música clássica que animaram algumas zonas do País neste Ano Europeu de Música, restam alguns (poucos) concertos dispersos. No que toca a música ao vivo o que domina são assim os espectáculos da chamada «música ligeira», às vezes de facto, outros nem tanto... Pretextos as mais das vezes para enriquecer convívios, vale muitas vezes a pena que cada um esteja atento ao que se passa nas suas terras ou naquelas em que episodicamente se encontra. No litoral ou mesmo no interior, aqui sobretudo nas zonas de emigração aonde os naturais regressam para alguns dias de reencontro com os seus.

Quanto à «clássica»: só por mais alguns dias, o XI Festival de Música da Costa do Estoril. Esta semana, concertos em CARCAVELOS — O Quarteto Kodaly em obras de Haydn, Schubert e Berg na igreja Paroquial às 21.30 de segunda-feira — e em CASCAIS. Aqui, três concertos no Teatro Gil Vicente, sempre às 21.30 e preços que variam, de concerto para concerto, entre os 250\$00 e os 450\$00: hoje, **Artur Pizarro** ao piano em obras de Bach/Busoni, Beethoven, Debussy, Albeniz; no sábado, o **Quarteto Kodaly**, **Ludwig Strelcher** (contrabaixo) e **Astrid Spitznagel** (piano) interpretam Bruch, Bottesi, Streicher, Dohnányi e Dvorak; na quarta-feira, o pianista Miguel Henriques (na série de concertos «Novos Intérpretes» integrados no Festival) tocará peças de Bach, Beethoven, Schubert, Rachmaninov e Chopin.

Ainda deste Festival e também em Cascais são os dois concertos a realizar no Museu Castro Guimarães. **Música para Cravo na Corte de D. João V** — Domenico Scarlatti e Carlos Seixas interpretados pela direcção do maestro Miguel Graça Moura, amanhã à noite na Casa da Cultura, CALDAS DA RAINHA;

Guitarra clássica tocada por Rui Martins e Isabel Etinger amanhã às 21 horas com entrada livre na Oficina da Cultura ALMADA;

A **Boston University Alumni Concert Band** dará neste período vários concertos no nosso país, com destaque para o que terá lugar na terça-feira, dia 13, na Piscina dos OLIVAIS — um dos raros concertos a realizar em Lisboa. É às 21.30 e com entrada livre. Outros concertos: Pela **Orquestra de Câmara Ars Instrumentalis** sob a direcção do maestro Miguel Graça Moura, amanhã à noite na Casa da Cultura, CALDAS DA RAINHA;

Incluído no Festival de Música dos Capuchos, apresenta-se no sábado pelas 21.30 no teatro Luísa Todt, com direcção de Jorge Salavisa, e Tania Achot como pianista convidada, **O Ballet Gulbenkian**, que entre outras peças dançará **Terra do Norte**, uma coreografia de Olga Roriz com música tradicional do Minho e Trás-os-Montes, recolhida por Michel Giacometti. SETÚBAL.

Juventude do Barreiro
 Na cidade do Barreiro os jovens passaram a dispor de um espaço próprio de convívio e cultura. De facto, a Casa da Juventude, lançada e montada pela Câmara em cooperação com as estruturas juvenis locais e recentemente inaugurada, é desde já **casa aberta** à espera de ser povoada com a imaginação, os gostos e o trabalho concreto dos jovens. Para já, Poder Local e jovens lançaram um programa «inaugural» de animação em jeito de «arranque», que prossegue até quarta-feira, dia 14. Assim, nesta Casa da Juventude — na loja n.º 4 das Torres do Tejo na Recosta — decorre hoje à noite um espectáculo de Música ao Vivo e amanhã, também à noite, um debate: «A Imprensa e a Juventude». Entre outras actividades anunciadas, o «Espaço de Ensaio» (a partir das 15 horas, sábado, domingo e terça-feira), onde os visitantes podem usar e familiarizar-se (é «criar») com instrumentos musicais e materiais de pintura.

Bailado
 Incluído no Festival de Música dos Capuchos, apresenta-se no sábado pelas 21.30 no teatro Luísa Todt, com

Tempo Fim de Semana



Céu pouco nublado ou limpo em todo o território. Vento fraco. Neblinas ou nevoeiros durante a manhã, especialmente na faixa costeira ocidental. Esta previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica respeita ao fim-de-semana mas deverá incidir ainda sobre os dias seguintes — pelo menos até 15 de Agosto.



Pioneiros
 A Exposição Nacional Itinerante dos Pioneiros de Portugal estará hoje, em último dia, em COIMBRA; de sexta a segunda na GUARDÁ; de 13 (terça-feira) a 16 em VIANA DO CASTELO.

Utilidades & variedades

Açúcar Cristalino, branco e mortífero

Há milénios atrás, na Índia, extraía-se e secava-se o suco da cana-do-açúcar, o «gur», para a alimentação e para medicamento. Não se tratava do açúcar tal como hoje o utilizamos, branco e cristalino, mas castanho e não-refinado. Os pequenos cones que eram levados de Veneza como ofertas valiosas eram, também, açúcar de cana. Mas ainda não se tinha descoberto a América e não era fácil viajar até à Índia e ao Egipto, onde se cultivava a cana-do-açúcar. Na Europa medieval usavam-se bagos e frutas, mel e uvas para adoçar as bebidas.

Parece que acerca do mel está tudo esclarecido, até a origem da expressão «lua-de-mel». Os historiadores descobriram que ela não deve o seu aparecimento à doçura do amor mas à antiga tradição celta de dar a beber hidromel aos recém-casados, durante um mês ou uma lua...

Em meados do séc. XVIII, foram publicadas, nas memórias da Academia das Ciências de Berlim, «observações» sobre a possibilidade de extrair açúcar da beterraba. A ideia conquistou rapidamente os espíritos e Napoleão ordenou que se distribuissem terras gratuitamente àquelas que se dispusessem a cultivar beterraba açucareira, condecorando-os com medalhas especiais.

Em 1801, o farmacêutico moscovita Bidheim apresentou ao governo um projecto de produção de açúcar a partir da beterraba branca. Começaram a ferver as caldeiras das refinarias. No fim do século a Rússia produzia 80 mil toneladas de açúcar. O hábito generalizou-se rapidamente.

Hoje, um cidadão inglês consome em média 130 gramas de açúcar por dia; um americano 135-140 gramas e um soviético 120 gramas, ou seja, 2 a 3 vezes mais açúcar do que é necessário para cobrir as necessidades energéticas do organismo.

Segundo estudos fisiológicos, a alimentação de crianças, em idade pré-escolar, deve conter

40-50 gramas de açúcar por dia enquanto a alimentação de um doente, em estabelecimentos hospitalares, contém 50-100 gramas de açúcar. Quanto aos indivíduos saudáveis, às pessoas, por exemplo, que levam uma vida pouco movimentada, que se ocupam de trabalhos intelectuais, recomenda-se um consumo de 50 gramas, no máximo.

Nos casos das pessoas mais velhas, os fisiólogos defendem mesmo o corte total desta substância. Corte do açúcar mas não dos carbo-hidratos, que se encontram nomeadamente nos frutos, bagos, cereais, legumes.

«Pior que o cancro»

A propósito dos perigos do excesso de açúcar no organismo, foi publicado há anos um livro da autoria de John Ewdkin que provocou grande polémica em vários países.

«O açúcar é pior que o cancro», assim classifica este cientista o açúcar, associando o aumento do consumo deste produto ao aumento da mortalidade provocada por doenças cardiovasculares — arteriosclerose, enfarte do miocárdio, diabetes, cáries dentárias, perturbações digestivas.

Esta tese é igualmente defendida por um grande número de especialistas que acrescentam que o consumo exagerado de açúcar resulta na diminuição geral da resistência do organismo.

O homem torna-se me-



sistente às infecções, à acção do frio, às sobrecargas nervosas, é afectado o metabolismo, principalmente dos carbo-hidratos.

As células e os tecidos precisam dos carbo-hidratos. Quanto mais intensiva é a actividade do indivíduo e mais pesado é o seu trabalho, maior necessidade tem de carbo-hidratos. Os vegetais são os alimentos mais ricos em carbo-hidratos. Estes contêm, nomeadamente, glucose e frutose.

O açúcar de cana ou beterraba contém 99,75 por cento de glucose. A glucose é um elemento facilmente assimilado pelo sangue que distribui por todos os órgãos e tecidos. O cérebro que representa apenas 2 por cento do peso do homem, consome cerca de 20 por cento de toda a glucose que entra no organismo. Daf, talvez, a origem da ideia ingénua de que quanto mais açúcar se come, mais eficaz é o trabalho do cérebro.

No século passado, os diabetes eram considerados doença exclusiva dos pasteleiros. Hoje, esta doença está cada vez mais vulgarizada.

«Por mais que eu durma, acordo cansado. Tenho dificuldade em fazer seja o que for. Tornei-me nervoso, irritável. Tudo me chateia, não há nada que me agrade».

Um endocrinologista experiente diria que estava em presença de um hipoglicémico (aquele que sofre de diminuição de quantidade de açúcar no sangue).

Ratos «alcoólicos»

Em resposta ao nível elevado de açúcar no sangue, os mecanismos reguladores obrigam o pâncreas a segregar uma quantidade de insulina que não só reduz o açúcar ao seu nível normal, como o faz ultrapassar pela negativa, o nível médio. Na fase inicial, pode evitar o deficit de açúcar tomando uma chávena de chá doce, um bolo, um bombom. Mas, facilmente se entra num círculo vicioso que resulta numa sobrecarga para o pâncreas e mau funcionamento de todo o sistema hormonal. Os casos de hipoglicémia surgem, sobretudo, nas pessoas que consomem demasiado açúcar.

Foram realizadas experiências

com ratos, cuja ração consistia em maior percentagem, em café doce, bolos e bomboms. Para beber era dada a oportunidade de escolherem entre um recipiente com água e um com álcool etílico diluído (vodka). Resultou que mais de 80 por cento dos ratos escolheram o álcool. Quando lhes passou a ser dada a ração normal, o número de ratos-alcoólicos diminuiu cinco vezes. Estas experiências foram confirmadas mais uma vez e o resultado foi sempre igual.

O excesso de álcool no sangue resulta na eliminação do desconforto hipoglicémico, pois o nível de açúcar no sangue aumenta. Das investigações realizadas pôde concluir-se também que o consumo excessivo de açúcar, especialmente na juventude, pode provocar modificações no organismo que resultam em hipoglicémia o que por sua vez, pode conduzir ao consumo de álcool, como meio acessível e mesmo «agradável» de compensar o desconforto hipoglicémico. Facilmente surge o vício de beber.

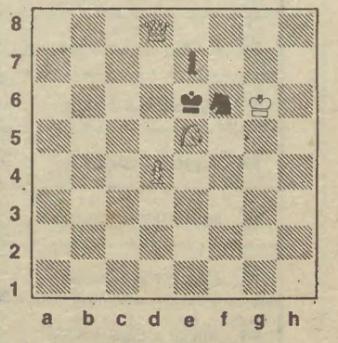
Nos tempos em que na mesa se punha, ao lado de uma tigela com mel, maçãs e melancias, um jarro de vinho novo, havia muito menos alcoólicos e sacarálicos. É que o homem consumia açúcar natural, vinhos naturais. O vício não se desenvolvia tão depressa.

Isto para não falar já de reacções mais directas, como por exemplo cáries dentárias que hoje atingem 80 a 90 por cento da Humanidade. Basta bochechar a boca com açúcar diluído em água para, passadas duas semanas, surgir uma cárie. Para não falar também do papel do açúcar no aparecimento de uma série de doenças gastro-intestinais, do fígado e do sistema nervoso.

Uma conclusão é clara — nada de excessos de açúcar.

Xadrez

XII - 8 de Agosto de 1985
PROPOSIÇÃO N.º 12
Por H. Van Beek
1.º Prémio. Chemnitzer Wochenschach/1926
4+3
Pr. Pe7-Cf6-Re6
Br. Pd4-Ce5-Dd8-Rg6



Mate em 2 lances
«Elo» Masculino: 1.º, Karpov, 2720 pts.; 2.º, Kasparov, 2700; 3.º, Beliavsky e Timman 2640; 5.º, Kortchnoi 2630...

JOGO N.º 12
Interzonal de Bienne 1985
Br. Ljubojevic-Pr. Rodriguez

1. e4, g5; 2. Cc3, Cc6; 3. g3, g6; 4. d3, Bg7; 5. Be3, d6; 6. Dd2, e6; 7. Bg2, Da5; 8. Cf3, Cd4; 9. 0-0, Bd7; 10. Bf4, Db6; 11. Tab1, Tc8; 12. Tf1, Ce7; 13. e5, Bg6; 14. Ce4, Bxe4; 15. Txe4, Cx3+; 16. Bxf3, dxe5; 17. Bxe5, Bxe5; 18. Txe5, 0-0; 19. h4, Cf5; 20. C3, h5; 21. Tbel, Tfd8; 22. a3, Dc7; 23. Bxh5, f6 (se gxh5; 24. Dg5+... e ganha); 24. Txf5 (sacrifício de qualidade a concluir o ataque!); gx5; 25. Txe6, Td6; 26. De2, Tcd8; 27. Te7, Tbd7; 28. Bf7+, Rf6; 29. Te8, Rg7; 30. Tg8+ e as Pr. abandonam, pois se: 30. ... Rxf7; 31. De8 mate. 30. ... Rh6; 31. Dh5 mate.

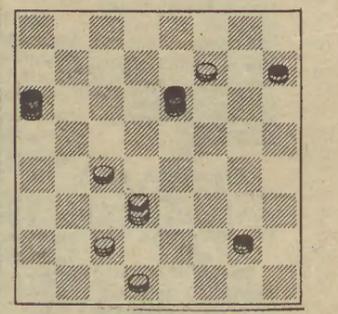
SOLUÇÃO DO N.º 12 (8.VIII.85)

CHAVE: 1. Cc4! Bloqueio!
1. ... Cd5; 2. Dg8 mate
1. ... Cd7; 2. Dg8 mate
1. ... C joga; 2. d5 mate.

Damas

XII - 8 de Agosto de 1985
PROPOSIÇÃO N.º 12
Por Luis António David (Lisboa)
«O Benfica» (SLE) 18.XII.1943

Pr. 5-(22)-(24)-25
Br. 3-7-(11)-15-26



Jogam as Brancas e ganham (4 lances)

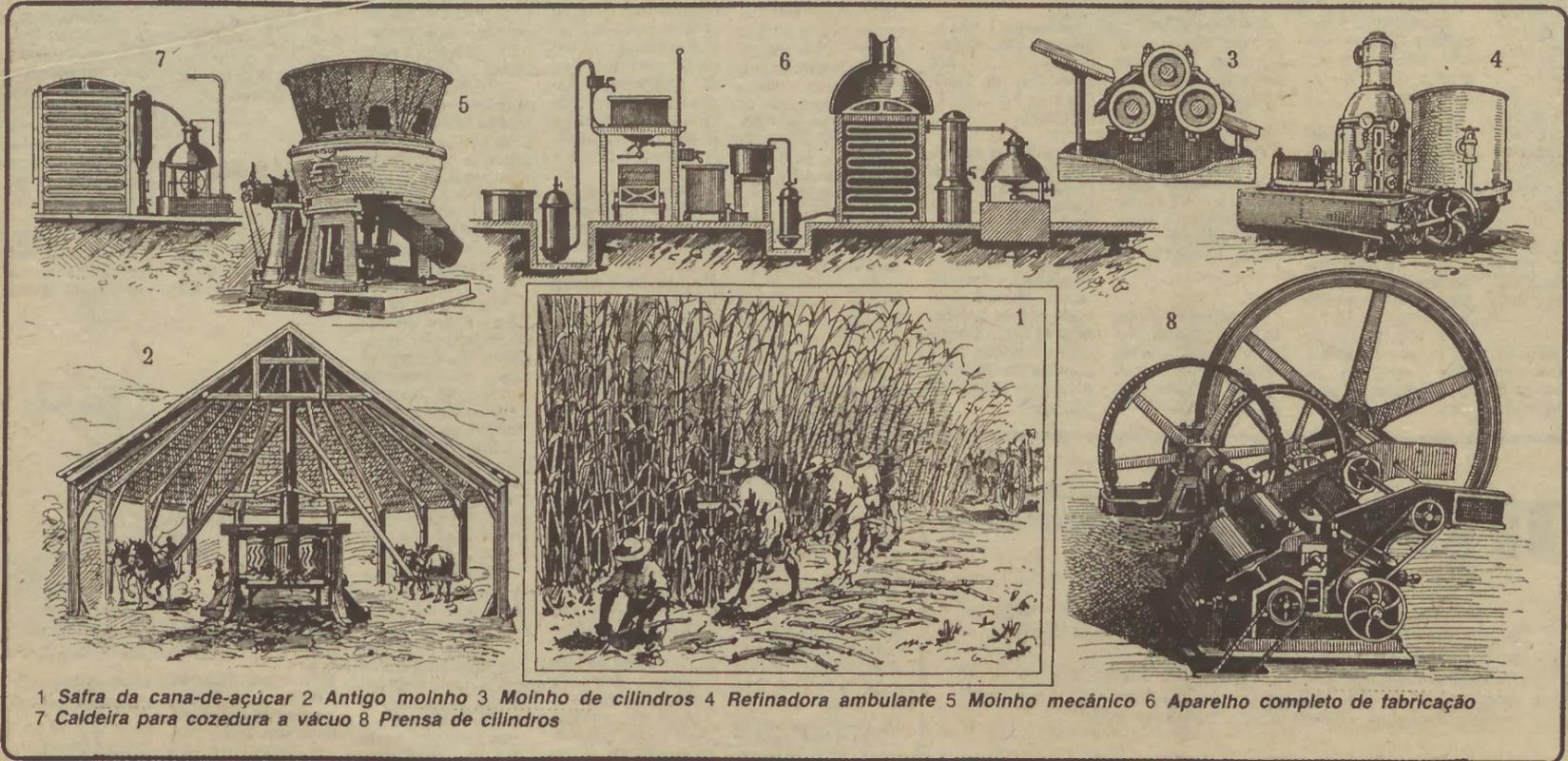
JOGO N.º 12
Vale de Vargo, 10.X.1982
Br. H. Medalha da Silva
Pr. Daniel Seita Machado

1. 11-14, 23-20; 2. 10-13, 22-19; 3. 14-23, 28-19; 4. 12-15, 19-12; 5. 7-23, 27-20; 6. 5-10, 26-22; 7. 10-14, 21-18; 8. 14-21, 21-18; 9. 1-5, 32-28; 10. 5-10, 28-23; 11. 13-17, 30-26; 12. 4-7, 23-19; 13. 7-11, 19-14; 14. 10-19, 22-15; 15. 3-7, 31-27; 16. 2-5, 27-22; 17. 5-10, 22-19; 18. 10-13, 20-16; 19. 11-20, 24-15; 20. 13-22, 15-12; 21. 8-15, 19-3; 22. 17-21 Empate.

GOLPE N.º 12
Golpe Carlos Alberto (1951)
1. 10-14, 22-18; 2. 5-10, 23-20; 3. 12-15, 27-22; 4. 10-13, 21-17; 5. 14-21, 17-10; 6. 6-13, 26-10; 7. 2-6, 25-21; 8. 6-13, 21-17; 9. 13-18, 22-13; 10. 9-18, 17-13; 11. 8-12, 13-10; 12. 18-21, 20-16; 13. 11-14? Perdentel As Pretas fazem Dama e ganham!

SOLUÇÕES - N.º 6 (27.VII.85)
Proposição n.º 6: 6-2! se: 4-24; 27-30 G. Br.
Se: 4-31; 2-9 e 20-23 G. Br.
Golpe L. Valls: 25. 24-18, 31-24; 26. 2-5, 9-2; 27. 23-28, 2-20; 28. 28-31 G. G. B.

■ A. de M.M.



1 Safra da cana-de-açúcar 2 Antigo moinho 3 Moinho de cilindros 4 Refinadora ambulante 5 Moinho mecânico 6 Aparelho completo de fabricação 7 Caldeira para cozedura a vácuo 8 Prensa de cilindros



PATRIMÓNIO CULTURAL

Pág. 8

da festa!

ALTO DA AJUDA • 6, 7 E 8 SETEMBRO

Avante!

Director

António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 4

8 de Agosto de 1985

Não pode ser vendido separadamente



ARTISTAS PORTUGUESES

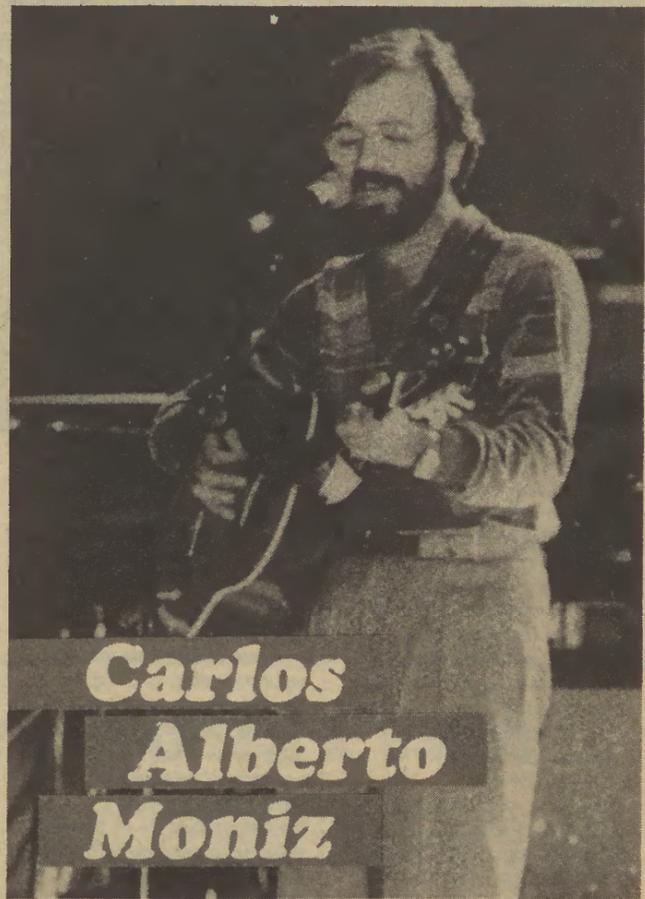
Pág. 4/5



Paulo de Carvalho



Janita Salomé



Carlos Alberto Moniz

O património cultural e a Festa

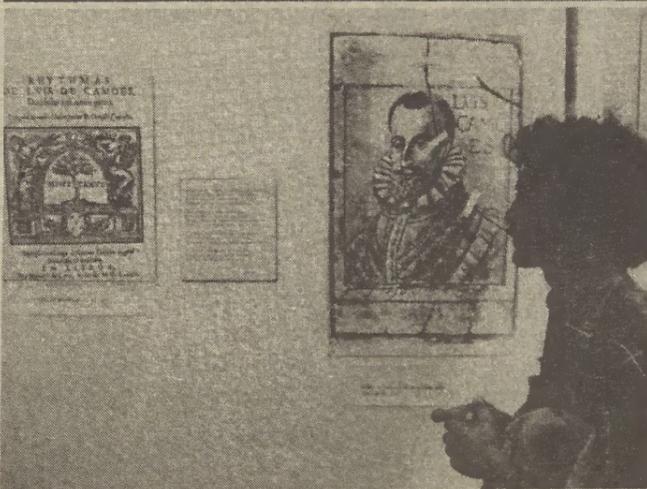
■ Vítor Serrão

Passam nove anos sobre a realização da primeira **Festa do Avante!** Nove anos — dez festas, assumidas com esforço e determinação colectivos, com alegria, com crescente originalidade.

É justo destacar que também na batalha em prol da salvaguarda e dignificação do Património Cultural português a Festa tem sabido assumir uma prática concertada de sensibilidade e de ampla difusão: promoveram-se certames sobre arte popular, sobre artesanato, sobre arquitectura rural, sobre determinados aspectos da arte portuguesa erudita, sobre pintura e escultura, sobre figuras proeminentes da nossa cultura (como Luís de Camões), sobre fotografia e cinema, sobre património natural, etc., etc.; levaram-se a cabo debates e colóquios sensibilizando as populações para a defesa e fruição dos valores patrimoniais; denunciaram-se os atropelos e os verdadeiros crimes que continuam, impunemente, a ser cometidos, com o aval de autoridades irresponsáveis; definiu-se, sobretudo, um **conceito novo de Património**, conceito amplo, aglutinador e dialéctico, que pouco a pouco

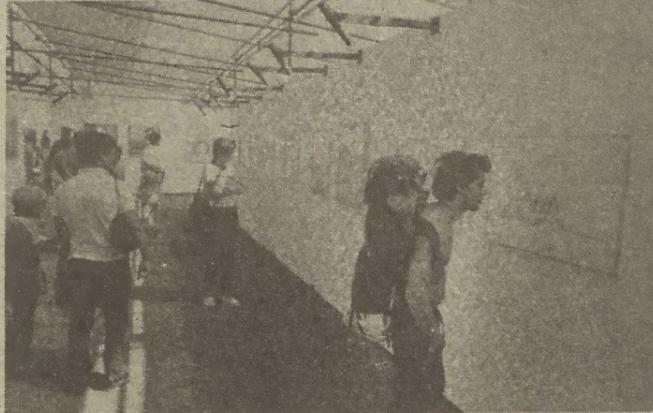
Povo. De certa forma, é a própria festa anual dos comunistas portugueses que se converteu já, de maneira insofismável, em parcela relevante do Património Cultural português.

Se o Património da nação deixou de ser entendido como um privilégio de uma elite ou de determinado grupo social, e se desenvolveu uma maior consciência destes princípios alargados, continua a ser urgente uma planificação programada que leve a efeito, por um lado, a inventariação exaustiva destes bens inalienáveis e, por outro, uma sensibilização que os defenda de violências e depredações como as que, mais ou menos impunemente, continuam a ser praticadas: roubos, venda ao desbarato de espécimes artísticos para o estrangeiro, incêndios ateados por mãos criminosas nas nossas florestas, destruição de conjuntos arquitectónicos (eruditos e populares) face à acelerada expansão imobiliária, mutilação de arquivos e de bibliotecas, descaracterização de tradições e de festas populares, etc., etc. A denúncia de tais crimes, acentuada pela prática



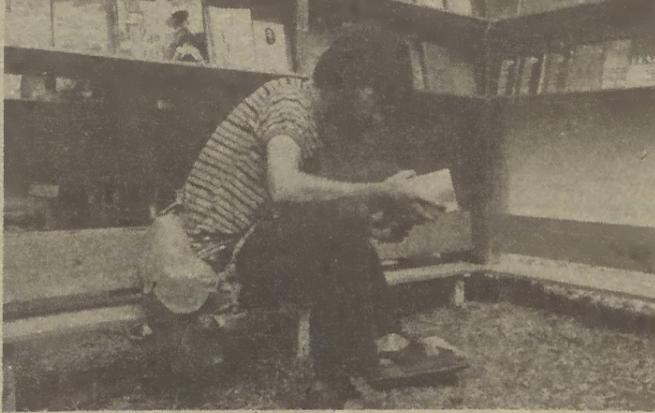
vai substituindo as noções obsoletas e limitativas que vigoravam nesta matéria durante o regime fascista.

É facto reconhecido nos dias de hoje, de facto, que o Património Cultural não é mais redutível ao grande monumento isolado, à peça avulsa de perfil erudito, ou ao conjunto urbano específico, antes engloba em si o grosso das manifestações culturais operadas pelos homens ao longo de séculos, seja o património corpóreo (igrejas e mosteiros, palácios e solares, conjuntos urbanos, castelos, moinhós, fontenários, estações arqueológicas, etc.), seja o património móvel (pintura, escultura, talha, ourivesaria, paramentaria, alfaias agrícolas, manuscritos, utensilagem rural, etc.), seja mesmo o património incorpóreo (as tradições populares, as festas e romarias, as manifestações de oralidade, a nossa própria língua, etc.), ou, ainda, o património natural. A **Festa do Avante!** tem contribuído de modo dinamizador, sem privilegiar sectores patrimoniais específicos, para difundir esta noção alargada e viva de **valor patrimonial**: um valor a conservar em globalidade, e a fruir em colectivo pelo nosso



concertada das Associações de Defesa do Património e dos sectores sensibilizados do Poder Local Democrático, é assaz relevante; mas impõe-se, também, que a nova legislação vigente nesta matéria vigore de facto, substituindo na prática o conjunto obsoleto de leis que vigoraram durante o regime fascista. Numa sociedade como a nossa, que soube elaborar e fazer aprovar um projecto socialista e nele deixou claramente expressa a obrigatoriedade de se preservar, defender e valorizar o Património Cultural do Povo Português (Artigos 66, n.º 2, alínea c), e 78, da **Constituição da República Portuguesa**), falta realmente

aprovar e tornar eficaz, por um lado, instrumentos estatais de intervenção e, por outro, uma profunda descentralização cultural das áreas regionais no sentido de dotar as autarquias (e as ADP's), devidamente apoiadas para o efeito, de capacidade de resposta face à depredação generalizada. Também neste sentido o contributo do Partido Comunista Português, e da **Festa do Avante!**, tem sido bastante positivo. O Património Cultural de um país tem de ser estudado, inventariado e defendido em termos vivos, ou seja, numa perspectiva de futuro, e neste sentido permito-me recordar as



palavras de Jorge Henrique Pais da Silva (em **«Pretérito Presente»**, 1974, obra que é, ainda, valioso manual nesta matéria): «cada país não pode escusar a sua responsabilidade face às gerações actuais e vindouras de todas as latitudes.

A conquista plena e generalizada da noção dessa solidariedade universal não será realizável amanhã, decerto, mas cremos que vale bem a pena manter a luta, até porque essa luta se reveste, sem qualquer dúvida, do mais elevado e nobre humanismo, no sentido de constituir importantíssimo factor de paz». A noção de responsabilidade colectiva, ou

seja, de mobilização das populações em vivência quotidiana com os valores do Património, da sua fruição e amor, é pois indispensável incentivo para que a actuação dos organismos do aparelho central seja devidamente orientada, com um sentido de prioridade de acções que muitas vezes lhe falece... E também neste aspecto o conjunto de iniciativas projectadas através das **Festas do Avante!** tem tido um peso precioso, que chega a ultrapassar fronteiras partidárias e a sensibilizar largos sectores sociais de tendências políticas diversas. É o esforço criador do homem, patenteado ao longo dos séculos

em manifestações polivalentes de arte e de intervenção quotidiana, que **forma** o Património Cultural específico de um país e de um povo. Os marxistas-leninistas estão, melhor do que ninguém, preparados para **sentir** como sua esta luta progressista e patriótica de dignificação de todo um legado. Lembrando as palavras de Lênine no **«I Congresso de toda a Rússia do Proletkult»** (1920), «o marxismo conquistou a sua significação histórica universal como ideologia do proletariado revolucionário porque não repudiou de modo algum as mais valiosas conquistas da época burguesa, mas, pelo contrário, assimilou e reelaborou tudo o que houve de valioso em mais de mil anos de desenvolvimento do pensamento e da cultura humanos». A nossa **Festa** nunca deixou de se inscrever, pela prática, nesta perspectiva: é por isso que, ao fim de dez realizações grandiosas, não só se tornou já elemento específico do nosso Património Cultural incorpóreo, como também contribui — e continuará a contribuir — em prol de valores que pertencem indissolvelmente ao Povo português.

Solidariedade, convívio e trabalho no Alto da Ajuda

A preparação da Festa do «Avante!» no terreno continua a todo o vapor. Na jornada de trabalho do último fim-de-semana, mais de 350 camaradas (em grande parte oriundos dos distritos de Setúbal, Lisboa e Alentejo) deram um forte contributo para a implantação da nossa Festa. Numa breve tirada pela Festa fácil foi de constatar que o trabalho prosseguia a bom ritmo.

No Palco 25 de Abril cerca de 20 camaradas volteavam por entre os andaimes montando tubos num ambiente onde a boa disposição impera. Um camarada de Almada, projectista de profissão, não teve pejo em responder afirmativamente com um largo sorriso quando interrogado sobre se o trabalho ia bem, «e com esta brisa fresca ainda vai melhor», acrescentou visivelmente satisfeito. Mais adiante um grupo de camaradas escavava uma vala; «então isto é duro ou quê?» «Aguentar a ofensiva reaccionária ainda é mais», resposta pronta de um camarada alentejano.

Para além das Jornadas organizadas a nível local, muitos são os camaradas que de um modo espontâneo, mas assíduo, não hesitam em perder fins-de-semana e períodos de férias (a esse «sacrifício» se deve em grande parte a existência de cem camaradas a trabalhar permanentemente na Festa). Camaradas cujas tarefas não correspondem aos respectivos ofícios não são casos raros, mas, como dizia um camarada pedreiro, «a gente habilita-se a tudo».

De referir que a impressão mais forte de quem participa nestas jornadas de trabalho será sem dúvida a de um ambiente alegre, diferente e de grande camaradagem. Canções alentejanas com pai, filho e avó a cantarem ao desafio e música diversa. E depois há sempre tempo para uma partidinha de xadrez, damas ou dominó e ainda para um programa desportivo mais elaborado com desafios de bola a pontear no sector da juventude

(e não só). Contam-se histórias antigas e recentes, discute-se a situação política (com frequente indignação) mas, sobretudo, prova-se que entre os comunistas a palavra

solidariedade não é um conceito vazio; enquanto o diabo esfrega um olho um camarada da Lisnave sem tostão no bolso conseguiu o suficiente para o almoço. Presentes também

múltiplos pares de namorados que com a sua presença provavam mais uma vez a estreita ligação entre a vontade de lutar, o trabalho, a solidariedade e o amor.



Faltam quatro fins-de-semana

Faltam apenas quatro fins-de-semana para o começo da Festa e, se bem que o trabalho vá de vento em popa, muito está ainda por fazer no Alto da Ajuda.

Por isso, é necessário implementar ainda mais as jornadas de trabalho, não só de fim-de-semana, mas também de fim de dia. Sim, porque trabalhar na Festa não implica ganhar-se exclusivamente os sábados e domingos. Todos os bocados que se possa aproveitar são fundamentais para o êxito da Festa.

Neste momento, pedreiros, montadores e electricistas são os operários mais necessários no terreno. Todos os outros, todos aqueles que não tenham uma especialidade são também bem vindos. Trabalho não falta, vontade de o fazer também não. Mãos à obra!

Desporto na Festa dedicado à juventude

Como nos anos anteriores, os entusiastas dos jogos tradicionais populares vão ter oportunidade, na próxima Festa do «Avante!», de os jogar ou então assistir, recordando tempos passados em que, no café da sua terra de província, as cartas eram o entretenimento possível, ou então, no largo principal da povoação, o chinquinho fazia furor entre os que aproveitavam o domingo para descansarem.

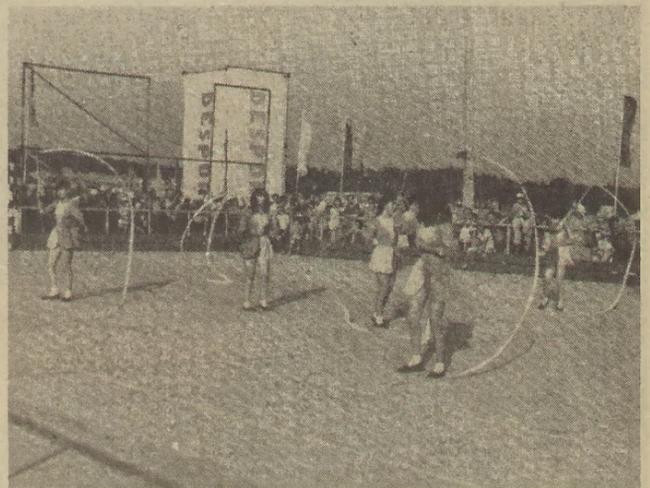
A nível de chinquinho, vão ser apresentadas diversas versões

regionais. No essencial, o jogo é o mesmo. Apenas difere em questões de pormenor, conforme as terras onde se joga. No respeitante aos jogos de salão, as diferenças não existem. A «sueca» — que em princípio se prevê realizar um campeonato — joga-se da mesma maneira em toda a parte. O mesmo sucede com a «ronda», outro jogo de cartas, e com o dominó. Estes jogos ainda hoje, em vastas regiões do interior do País, continuam a ser a única distracção, apesar da televisão.

Mas isto foi uma pequena achega pois durante os três dias da Festa um grande e variado programa desportivo está a ser elaborado, contando-se para isso com a participação massiva das colectividades desportivas, disseminadas por esse Portugal fora. Pois a Festa do «Avante!» é a festa que reúne Portugal inteiro.

O sábado da Festa é dedicado à Juventude, prevendo-se uma grande participação de jovens, bem como o trabalho

desenvolvido pelas colectividades desportivas neste campo, trabalho que, intencionalmente ignorado pelos sucessivos governos, revela a vitalidade do associativismo desportivo popular, sem o mínimo de apoios. Também, compreende-se! O dinheiro não chega para tudo! E, como os sucessivos governos têm privilegiado a corrupção... Mas quem se deslocar ao Casalinho da Ajuda terá oportunidade de ver o que tem sido feito pela Juventude a nível desportivo, sem qualquer auxílio, mesmo a nível da escola. Daí se inferirá o que poderia ser feito se houvesse os apoios necessários. Do vasto programa desportivo que preencherá os três dias de Festa consta ainda a apresentação dos Jogos Tradicionais do Interior do País, que certamente vai atrair a atenção dos milhares de visitantes que se deslocam ao Alto da Ajuda. Também no desporto, nas suas variadas vertentes, todos os anos a novidade é uma Festa... e a Festa é uma novidade.



Pavilhão do coleccionador

Moedas, isqueiros, porta-chaves e postais são objectos que, à primeira vista, poderão não ter nada em comum. São feitos de materiais diferentes e a sua utilização tem fins diferentes. Há, no entanto, algo que os pode agrupar num mesmo grupo. A colecção.

E coleccionadores é o que não falta cá por estas bandas. De facto, todos nós coleccionamos de tudo um pouco. Há quem prefira as grandes colecções, como os selos, as moedas ou os calendários. Mas todos nós juntamos de tudo um pouco; desde os boiões que podem sempre fazer falta em casa, aos cartões de boas-festas que nos vão enviando.

Daí que a colecção tenha o seu espaço na Festa do «Avante!». A iniciativa é da Organização

Regional de Lisboa que, pelo interesse que o pavilhão poderá revestir, está a fazer uma colecta nas organizações de colecções diversas. Todas elas são bem vindas. Das medalhas aos selos, passando pelos isqueiros, pelas cartelas de fósforos, autocolantes, esferográficas, emblemas, calendários, galhardetes ou postais, de tudo um pouco se poderá ver no pavilhão do Coleccionador da ORL na Festa do «Avante!».

E não se esqueçam: se possuírem colecções, entrem em contacto com esta organização e, depois, apareçam lá no pavilhão onde poderão encontrar outros coleccionadores e — quem sabe? — terem assim oportunidade de aumentarem o vosso espólio.

Excursões a caminho da Festa

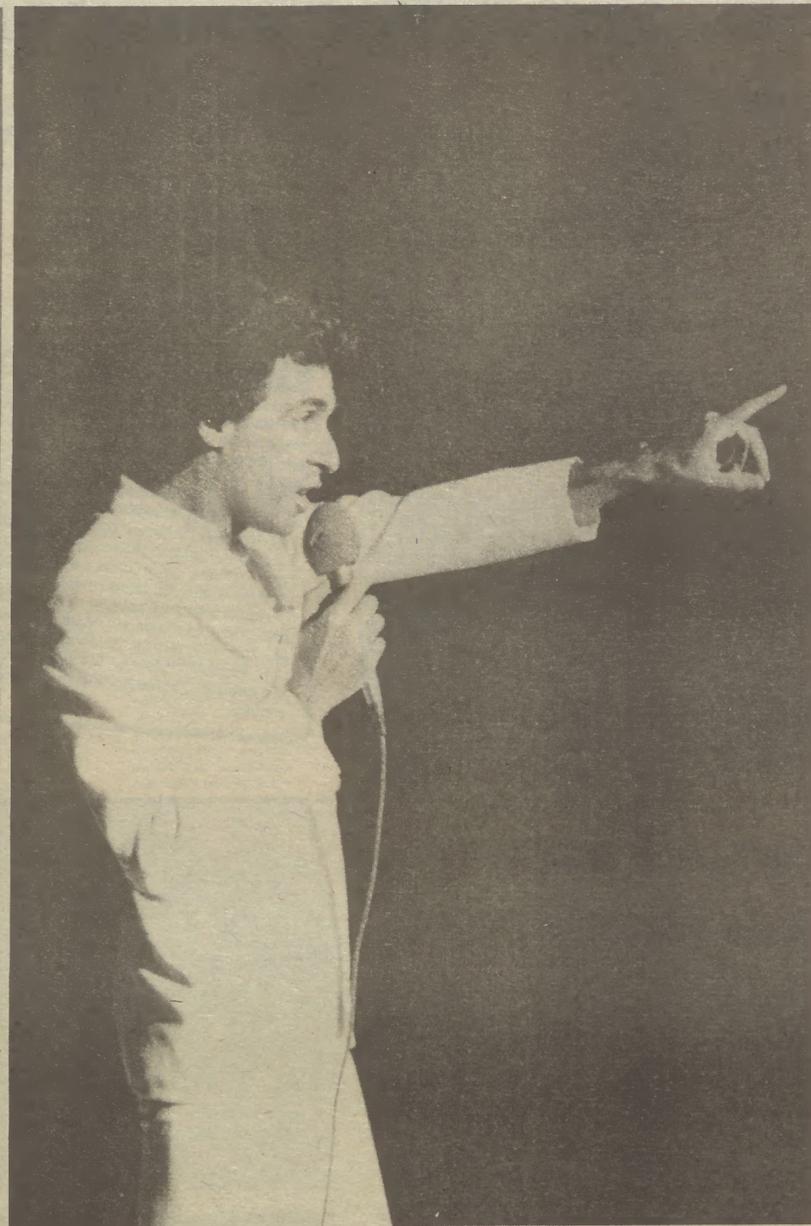
Todos os anos é uma festa. Por esse país fora começam a organizar-se visitas colectivas à Festa do «Avante!». Todos os anos o seu número aumenta, uma vez que sempre mais e mais gente faz da Festa ponto de paragem obrigatória durante três dias.

A décima edição da Festa do «Avante!» não é nenhuma excepção. A pouco menos de um mês que estamos da sua abertura, já estão organizadas 76 excursões.

Os transportes estão pela hora da morte, mas a vontade de se participar na maior festa do nosso País leva a que os obstáculos sejam transpostos. Assim, vai de se juntarem diversos grupos e ala que a Festa está à espera.

76 são já as excursões organizadas. Muitas outras estão ainda previstas; muitas outras se organizarão ao longo das semanas que nos separam da Festa. Num movimento que vai crescendo, o convívio nasce ainda antes de se chegar ao Alto da Ajuda.

Paulo de Carvalho



A Festa do «Avante!» conta também com a presença de Paulo de Carvalho — um dos mais conhecidos intérpretes da música portuguesa, — escrevia-se no programa da Festa de 1976, a primeira que se realizou e que decorreu nas acanhadas instalações da FIL. Desde essa data, até agora, a presença de Paulo de Carvalho tem sido uma constante nesta importante iniciativa cultural e política que o PCP anualmente realiza. Mais uma vez o vamos ver e ouvir no Alto da Ajuda. Ouvir as coisas novas que tem para nos cantar, nomeadamente «Os Meninos do Huambo», o seu último grande sucesso, interpretando um poema de Rui Mário Monteiro, musicado por Rui Mingas. Ainda recentemente Paulo de Carvalho revelou que as suas capacidades vocais e interpretativas lhe permitem avançar por outros caminhos, sem receio de se perder.

Foi o caso do espectáculo que fez, semanas atrás, no anfiteatro da Aula Magna, em Lisboa, interpretando canções do LP «Desculpem Qualquer Coisinha...», onde o fado, essa canção tradicional portuguesa, encontra em Paulo de Carvalho um novo intérprete, que não desmerece dos demais. Aliás, para quem tem acompanhado a evolução deste cantor, certamente que é da opinião que a sua voz, tal como o vinho do Porto, quanto mais os anos passam, melhor fica. Paulo de Carvalho pertenceu ao conjunto «Os Sheiks», onde iniciou a sua actividade artística e, mais tarde, ao grupo «Thilo's Combo». No princípio era a bateria que o entusiasmava, mas depressa descobriu que a sua verdadeira vocação era cantar. E fez-se cantor e como cantor ficou conhecido. O início da década de 70 assinala uma fase bastante activa na carreira deste cantor.

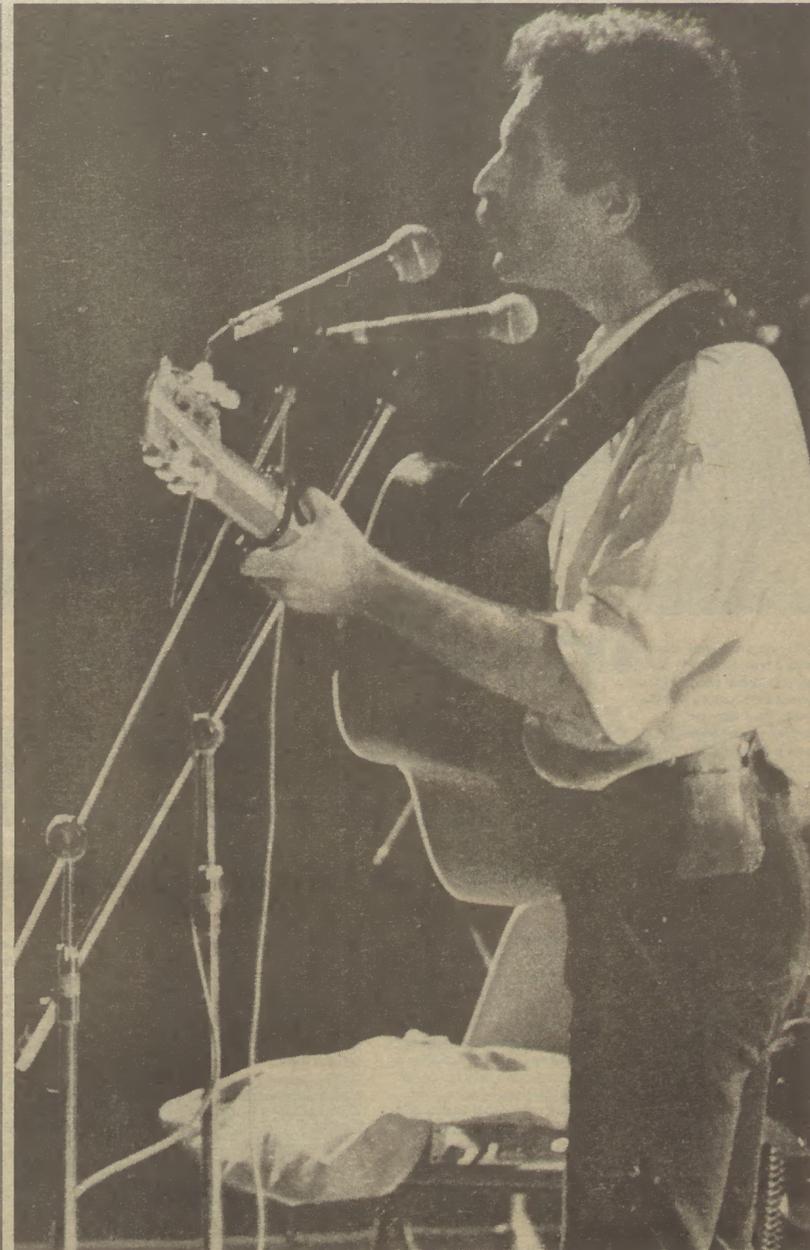
Além de gravar vários discos, participa em festivais internacionais. Muitas das suas canções resistem ao tempo, como é o caso de «Ninl vestida de organdi» e «Dez anos são muito tempo». Uma outra canção sua, com que ganhou o festival da RTP — «E depois do adeus» — fica indissolúvelmente ligada à Revolução de 25 de Abril, por constituir uma das senhas, quando foi transmitida na Rádio Renascença, para o Movimento das Forças Armadas. Na sua actividade artística colaborou, entre outros, com José Carlos Ary dos Santos, Fernando Tordo, Carlos Mendes, Joaquim Pessoa e ainda com o compositor espanhol Manolo Diaz. Com a sua presença na Festa abre-se, mais uma vez, a possibilidade para um grande público que o admira, de o ver ao vivo e apreciar as suas novas criações.

Carlos Alberto Moniz



É também um veterano da Festa do «Avante!». Um veterano desde a primeira Festa. Natural da Ilha Terceira, Açores, começou as suas lides na música, num conjunto formado no liceu. Muito novo aprendeu solfejo, piano e, mais tarde, violino. Essa aprendizagem e o facto de ser neto e filho de homens que estiveram intimamente ligados à música, foram contributo determinante para que se ligasse definitivamente a esta actividade artística que não mais deixou. Colaborou com Adriano Correia de Oliveira, num LP deste, e num outro LP de José Afonso. Ainda como instrumentista colaborou em discos de Carlos Mendes, Paulo de Carvalho, Pedro Barroso, José Barata Moura, Grupo Intróito e outros. Compositor de raiz popular, o seu trabalho está também muito ligado às crianças e aos jovens. E ao longo destes anos tem animado, também, muitas das festas e das lutas dos que fizeram e lutaram por Abril. O seu último LP, «Música p'ra pular portuguesa», editado o ano passado obteve assinalável sucesso, coroando um trabalho que começou no tempo da ditadura fascista. As suas actuações em Portugal são numerosas, poderemos dizer mesmo que são poucos os recantos do País onde não esteve. Numerosas, são, igualmente, as suas actuações no estrangeiro, tendo estado em França, Holanda, RDA, URSS, Inglaterra e Bulgária. Juntamente com José Jorge Letria, manteve-se na primeira linha do movimento de canto livre, movimento cultural de massas que, logo a seguir à Revolução dos Cravos, através da ligação que permitiu entre artistas e povo, proporcionou um alcance político e cultural longe de estar esgotado, pois permitindo ganhar para a revolução e para a cultura mais artistas e mais povo ainda hoje se recolhem frutos desse movimento. Cultivando uma música de raiz popular, com diversas canções que relembram e retomam melodias da sua terra natal, os Açores, Carlos Alberto Moniz estará este ano, novamente, no palco da Festa do «Avante!». Cantor que consegue estabelecer um grande contacto com o público, não raro as plateias o acompanham nas suas interpretações. Foi um dos componentes do Grupo «Outubro», tendo colaborado também noutros agrupamentos vocais, como é o caso de «Efe-5», «Improviso» e «In-Clave». Várias gravações suas são muito populares, nomeadamente «Ceifa, Ceifa, Ceifeira» e «Daqui o Povo Não Arreda Pê».

Janita Salomé



Do Redondo, onde se canta pela noite dentro, chegou um dia a Lisboa um homem. O branco alentejano é a sua cor. Cantar é a sua profissão. Com o seu penúltimo disco, conquistou o lugar para «Cantar ao Sol». Hoje, Janita Salomé — pois é dele que se trata — é pessoa conhecida. Com a sua voz original conquistou a admiração de um público que, felizmente, vai sendo cada vez mais exigente em relação à música popular portuguesa. Com a sua excelente música encantou um público sedento de encontrar as suas raízes culturais, numa época em que a colonização cultural se faz sentir mais do que nunca. E a música de Janita Salomé, se é certo que constitui um autêntico hino ao Alentejo, vai procurar as raízes musicais ao norte de África. Temos assim a junção de dois estilos aparentemente dispares mas

que o cantor do Redondo uniformiza como ninguém. O Alentejo e a África do Norte são as duas componentes geográficas que ajudaram Janita Salomé a ter um lugar ao Sol no mundo da canção. Hoje, o seu valor é incontestado. Já com um último disco cá fora, Janita Salomé vai lavrando no nosso peito esta alegria de estarmos vivos. Com a sua música, com a sua voz e as suas raízes, vem dizer-nos de como se pode fazer beleza. De como e pode criar dia-a-dia, esta vontade de, continuando, mudar. Janita Salomé é, pois, um caso importante da música popular portuguesa. O seu último disco, «Lavar em Teu Peito», saiu há pouco. É portanto muito cedo para dizer da sua carreira. O que se pode adiantar desde já é que, se «Cantar ao Sol» constitui a grande novidade, «Lavar em Teu Peito» é, à partida, uma

certeza. De qualidade, de beleza, de harmonia. Onde cada tema vale por si. Onde o todo tem uma uniformidade que faz deste disco um caso a ter em conta sempre que se falar de música popular portuguesa. Assim, para todos aqueles que não tiveram oportunidade de estar com Janita Salomé na Aula Magna e para todos os outros que querem repetir belos momentos sempre diferentes mas igualmente intensos, aqui vai a notícia. Pela primeira vez a solo, Janita Salomé vai actuar na Festa do «Avante!». O Alto da Ajuda, à medida que se vão sabendo os artistas, vai sendo cada vez mais um gigantesco cenário para os melhores artistas da nossa música popular portuguesa. Ao anunciar-se a presença de Janita Salomé na Festa do «Avante!», está-se a corroborar esta afirmação.

SEITE 1
Computer-Karriere
Der Mann - Der Arbeiter
Kriegsheimat
Der Außenminister
Der Mann - Der Arbeiter
Schallermeister
Der Mann - Der Arbeiter



PUHDYS 13

Live in Sachsen



Nascido há quinze anos, o grupo **Puhdys** é hoje conhecido como a mais importante banda *rock* da República Democrática Alemã — e não só. Para além de numerosas participações em festivais e concertos nas principais capitais dos países socialistas, os **Puhdys** contam com um público certo nas suas apresentações na República Federal e por mais de uma vez colocaram já nos *tops* da RFA composições dos seus álbuns ali editados.

A formação dos **Puhdys** é a tradicional de uma banda *rock*: Dieter Birr, voz e guitarra; Dieter Hertrampf, guitarra; Harry Jeske, teclados e saxofone; Peter Meyer, guitarra baixo; Klaus Scharfschwerdt, bateria e percussões. Com treze álbuns editados (o último dos quais, um duplo, registado ao vivo num concerto em Sachsen), a banda apresenta em geral composições da sua autoria, nomeadamente da dupla Dieter Birr/Peter Meyer, responsável também por faixas de outros grupos da RDA surgidos na esteira dos **Puhdys**. Como a esmagadora maioria dos grupos *rock* nascidos fora do berço original anglo-americano, os **Puhdys** apresentam com

Puhdys

Não se traduz por «pudim» e a música não tem nada de mole...

evidente clareza influências das sonoridades mais relevantes das grandes bandas americanas e inglesas. Como normalmente se diz, «ouviram tudo»... Esta influência é particularmente notória na guitarra de Hertrampf em que se descobrem malhas e sonoridades tão diversas como as de Clapton ou Zappa, mas com um peso determinante do som cheio e agreste dos Stones, tudo numa sugestiva afirmação de excelente domínio das cordas e efeitos. As teclas de Jeske (um «velho» andarilho das bandas da RDA e muito responsável pela sonoridade característica dos **Puhdys**) acusam quase sempre

uma influência lógica: as apoteoses electrónicas de Zawinul nos Weather Report da sua melhor fase, marca que aliás Meyer também reflecte no seu baixo. Jaco Pastorius não é imitável (nem sequer substituível, como o demonstram os actuais Report...), mas o jogo teclas-baixo que fizeram algumas das melhores faixas de Zawinul deixaram marcas a que são particularmente sensíveis músicos elaborados como é o caso em geral das bandas dos países socialistas. A presença talvez mais original e personalizada dos **Puhdys** é a das percussões de

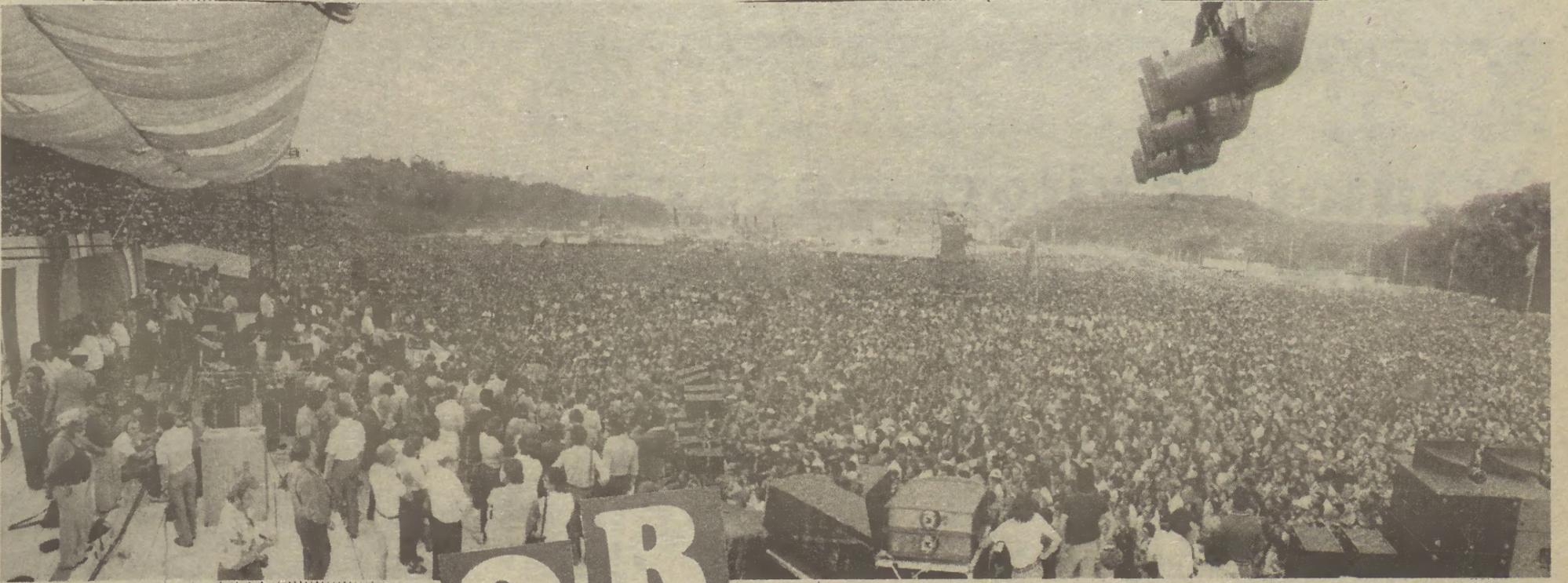
Scharfschwerdt. Além de uma batida forte e energética, por detrás das aventuras com uma bateria cheia de efeitos electrónicos descobre-se uma imaginação e uma fluência, pouco usuais nos baterias *rock*. O extenso solo incluído no álbum duplo ao vivo (e que constitui uma peça fundamental dos concertos da banda) é disto um excelente exemplo, mas em todos os trechos é fácil detectar a importância do pulsar das percussões, responsável em grande medida pela sua energia e vivacidade. A voz de Dieter Birr (considerado pela crítica da RFA uma excelente presença de palco) tem todas as características habituais de expressividade e contundência dos vocalistas *rock*, servido contudo por uma componente pouco habitual: letras particularmente significativas. A dificuldade de acesso à língua alemã (cuja sonoridade aliás constitui, segundo os entendidos, um elemento que dificulta a

aceitação de todo o *rock* alemão) não permitirá à generalidade do público português «apanhar» as mordazes críticas às «bebedeiras de informática» de «Computer-Karriere», as

recordações vivas de «Hiroshima», as fraternas palavras dirigidas a John Lennon («He, John») e tantas outras. Em cima do palco, os **Puhdys** são porém um caso muito sério.

Extremamente exigentes quanto ao seu trabalho (o concerto que darão na Festa do «Avante!» é praticamente o primeiro na sua carreira que aceitaram fazer sem a sua aparelhagem própria, mas só depois de tomarem conhecimento das características do equipamento com que iriam trabalhar), a definição de uma sonoridade muito própria acompanha uma presença de grande vigor e impacto. Tudo isto — e muito mais! — se irá ver no primeiro fim-de-semana de Setembro. No Alto da Ajuda, na Festa do «Avante!».





JAMOR

A Festa respira a plenos pulmões

Em 1977, a Festa do «Avante!» transfere-se para o Vale do Jamor, assentando aí arraiais durante dois anos. Como pela primeira vez se realiza ao ar livre, a sua estrutura sofre importantes modificações, que — no essencial — correspondem ao que ela é neste momento.

Sendo o Vale do Jamor um terreno por desbravar, onde apenas existia um hipódromo, houve que o dotar das infra-estruturas necessárias para suportar as necessidades que se colocariam durante os três dias da Festa.

O trabalho voluntário

A tarefa de fazer nascer uma

autêntica cidade num descampado fez com que a Festa do «Avante!» passasse a ser não só uma Festa de massas, mas uma festa **construída** pelas massas. Tal trabalho só foi possível graças à elevada capacidade de organização do Partido e à militância dos seus membros.

Assim, para o grande êxito que a Festa do «Avante!» constituiu nesses anos, em muito contribuíram as muitas horas de trabalho voluntário que muitas centenas de camaradas e amigos ali dispenderam.

De facto, sem a massiva participação da organização do Partido em todo o trabalho preparatório da Festa; sem o esforço colectivo de tantas e tantas pesso-

as; a Festa do «Avante!» nunca poderia ter sido realizada.

A zona central

Com a vinda da Festa para o ar livre aparece a zona central; a zona onde são abordados os principais problemas nacionais, o espaço onde se realizam as principais exposições da Festa.

Dado o ser um espaço privilegiado na Festa, nele se desen-

volem numerosas actividades, a começar por debates, apresentações de espectáculos, e a acabar nas diversas exposições que o tornam um espaço vivo.

Assim, foi já no Vale do Jamor que se realizou a primeira Bienal de Artes Plásticas da Festa do «Avante!». Ainda na segunda Festa, houve exposição de e sobre cinema e, também na zona central, lá estava exposta a luta dos trabalhadores pela democracia e as propostas do PCP.

Depois, já em 1978, a zona central foi palco de várias exposições. Uma delas, sobre «a foice e o martelo», atraiu as atenções das centenas de milhares de pessoas que a viram. Em exposição estiveram também a Arte e a Luta Popular.

O desporto

Com a vinda para o Vale do Jamor, o desporto passa a constituir parte importante do programa da Festa, dada a proximidade do Estádio Nacional.

Atletas da União Soviética, Bulgária e RDA fizeram a festa dos muitos milhares que assistiram, sábado de manhã, ao Festival Internacional de Ginástica, que se prolongou depois pelo palco 1 e pelo palco da Juventude.

À parte os atletas estrangeiros, muitas centenas de jovens portugueses participaram activamente no programa desportivo da Festa. Classes de ginástica, equipas de atletismo e classes de numerosas colectividades fizeram a festa dentro da Festa.

A festa popular

As edições que se realizaram no Jamor deixaram também um

outro cunho que ainda hoje se mantém. A Festa do «Avante!», que já se tinha imposto como a maior iniciativa político-cultural jamais realizada em Portugal, transformou-se na maior festa popular do nosso País.

A cultura popular, as diversões e os comes-e-bebes ajudaram a fazer da nossa Festa uma autêntica festa popular, onde os jogos tradicionais de diversas zonas do País foram jogados, onde a gastronomia de todo o País foi provada. Mas o que é certo é que não só a cultura popular e a cultura portuguesa no geral tiveram lugar de destaque nas nossas segunda e terceira festas.

Os artistas

De facto, muitos foram os artistas estrangeiros que se apresentaram nos palcos do Jamor. Da música de câmara à música anglo-saxónica, muita foi a que se fez nestes dois anos de Festa no Jamor.

Em 1977, nomes como os «Fairport Convention», Soledad Bravo, Andraas Varga, Miriam Makeba ou Sandor Lakatas, estiveram nos sete palcos do Jamor. Em 1978, foi a vez de Eugénio Finardi, Malambo Latino, Charlie Haden, Noel Nicola e «Los Compadres», entre outros, encheram com a sua música a Festa do «Avante!», onde, como sempre e como cada vez mais, a música portuguesa é rainha.

No Jamor foram duas as Festas. No Jamor foi a certeza de que a Festa tinha adquirido um lugar único na vida cultural do País. No Jamor foi a confirmação de que só um Partido profundamente enraizado nas massas poderia conceber e realizar uma tal iniciativa. No Jamor foi a certeza de que esta é a festa do futuro.



Pavilhão Central

As lutas, as vitórias e as propostas são factor de animação na Festa

O Pavilhão Central da Festa do «Avante!» é, desde sempre, paragem obrigatória de todos quantos por lá passam. Seja pela grande qualidade das suas exposições, seja pela grande animação com que envolve os participantes, tornou-se uma «imagem de marca» da maior festa de massas jamais realizada em Portugal.

Este não vai ser o ano de excepção para confirmar a regra. No entanto, este vai ser um ano de excepção em relação ao Pavilhão Central. Expliquemo-nos.

1985 é o ano da décima Festa do «Avante!». 1985 é o ano da 5.ª Bienal de Artes Plásticas da Festa e o ano da Exposição Internacional de Gravura. 1985 é, enfim, o ano de duas importantes batalhas eleitorais: as eleições legislativas e as autárquicas.

A exposição central

Ao entrar-se na Festa, o Pavilhão Central surge-nos imediatamente na sua grande beleza. No seu lado esquerdo, estará patente a exposição política da Festa. Integrados nela, estarão o pavilhão do Militante e a zona do Grupo Parlamentar. Estes são, no entanto, assuntos que abordaremos noutra ocasião. Hoje, o que nos interessa é a exposição central. Aí se falará de futuro. Aí se falará das lutas do presente e das lutas passadas. Aí, cada um de nós se verá reconhecido nos muitos painéis que lembram o quanto se lutou e que reafirmam que vale sempre a pena lutar. Aí se dirá, finalmente, da importância das eleições legislativas e das propostas do Partido para uma nova política alternativa.

Valeu a pena lutar

Durante nove anos PS, PSD e CDS estiveram no Governo. Coligados assim ou assado, a sua política restauracionista levou a que Portugal se encontre no estado que todos lhe conhecemos. No entanto, a ofensiva contra-revolucionária poderia ter ido muito além. Para travar a acção desestabilizadora dos sucessivos governos, para impedir que se concretizasse a última fase do processo contra-revolucionário, o papel do Partido e das lutas de massas foi fundamental. A grande vitória alcançada com a demissão do Governo PS/PSD, e as numerosas e constantemente mais fortes lutas que para isso foram fundamentais e indispensáveis, ocuparão lugar de destaque na exposição política da Festa.

O palco da luta

A Festa do «Avante!», ela mesma um palco de luta, vai este ano ter um Palco da Luta. Um palco onde cada um se verá reconhecido nas grandes lutas de massas. Grandes painéis constituirão este

palco da luta. Cada um lembrará das grandes lutas que se travaram. No seu conjunto, constituirão uma homenagem à firme vontade de que Abril seja sempre evidenciado pelos trabalhadores e pelo Povo português.

As propostas do Partido

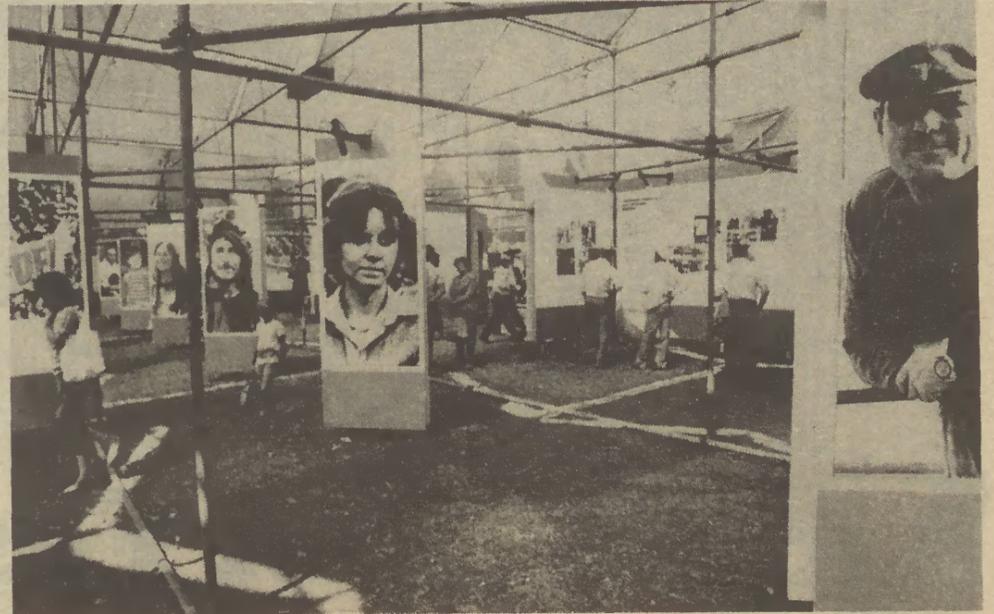
Em ano da grande realização do Partido que foi a Conferência sobre a Via de Desenvolvimento para Vencer a Crise. Em ano de eleições legislativas e de eleições autárquicas; num ano que é fundamental para a viragem de rumo, as propostas

do Partido e o seu programa eleitoral constituirão um factor fundamental, não só da exposição, mas da animação do Pavilhão Central.

A necessidade de uma política alternativa, a urgência de um Governo Democrático de Salvação e as demais propostas do PCP para que Portugal saísse da crise e para que se continue Abril têm espaço privilegiado nesta exposição, onde, logicamente, as grandes batalhas eleitorais também terão referência obrigatória. A importância de um reforço da votação na APU, a importância das eleições legislativas e da grande participação popular nesta batalha, serão as ideias com que todos sairemos da exposição.

Para terminar

Para terminar um artigo sobre o pavilhão central, nada melhor do que referir que a exposição política deste ano apresentará concepções diferentes do que é habitual, privilegiando-se,



nomeadamente, os grandes painéis. Para terminar um artigo sobre este tema, nada melhor do que falar do imenso trabalho preparatório que a organização de uma exposição com a

qualidade a que nos habituámos exige. Nada melhor do que salientar as muitas centenas de metros de fotografias que têm de se colar e para o qual os camaradas da célula do LNEC dão um importante contributo.

Para terminar, nada melhor do que dizer-se que ainda há três fins-de-semana para aproveitar, que ainda há muito trabalho a fazer-se para que este ano a exposição central seja o êxito que todos esperamos dela.



Isto é contigo

Na décima Festa vai haver uma exposição sobre as nove edições anteriores. No pavilhão central, ali mesmo no meio do centro da Festa, as Festas vão estar em exposição.

A história e as fotografias da Festa lá estarão para nos dizer de como a Festa se pensou e se construiu ao longo dos anos.

No entanto, todos nós podemos participar na elaboração desta exposição. Para tal, basta enviar materiais representativos das diversas Festas. Por exemplo: em 1976 houve jarras com o símbolo da Festa, em 1984 também nas esferográficas se dizia que tinham sido compradas no Altó da Ajuda.

Há, pois, toda a gama de materiais que identificam a partida uma das nove Festas, que fazem parte do património dessas mesmas Festas.

E, além da alegria que é contribuir para o embelezamento de uma iniciativa com o cariz desta, a certeza de que se ajuda a construir a história das Festas.

Os materiais podem ser enviados para o Centro de Trabalho do PCP na Avenida António Serpa, n.º 26, 2.º-Dt.º - 1000 Lisboa. Escusado será dizer que a organização garante a conservação e a devolução de todos os materiais que lhe forem enviados. Como vês, isto é contigo.

